



LE DRAME BRÉSILIEN

◀ Le président Vargas à l'époque de sa réélection, en 1950, alors que des Indiens l'avaient couronné de fleurs.



Coleção
Documentos

97

OLHARES SUÍÇOS SOBRE O SUICÍDIO DE VARGAS

(AGOSTO DE 1954)

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSO-ONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



RETO MONICO

**OLHARES SUÍÇOS
SOBRE O SUICÍDIO
DE GETÚLIO VARGAS**

(AGOSTO DE 1954)





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Reto Monico

**OLHARES SUÍÇOS
SOBRE O SUICÍDIO
DE GETÚLIO VARGAS**
(AGOSTO DE 1954)



- 97 -



UIDB/00077/2020



**Lisboa / Rio Grande
2024**

Ficha Técnica

Título: Olhares suíços sobre o suicídio de Getúlio Vargas

Autor: Reto Monico

Coleção Documentos 97

Composição & Paginação: José Gomes

Capa: *Pour Tous*, 31 de agosto (cf. Figura 10)

Contracapa : *Journal du Jura*, 25 de agosto

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, 2024

ISBN – 978-65-89557-84-5

O autor:

Reto Monico nasceu em 1953 na Suíça italiana. Em 1977, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Doutorou-se em 2003 com a tese *Suisse-Portugal: regards croisés (1890-1930)*, publicada em 2005. Nos seus trabalhos, analisa sobretudo a imagem dada pela imprensa internacional e pela diplomacia suíça sobre aspectos e acontecimentos da História contemporânea de Portugal e do Brasil. Nesta coleção, publicou em 2020 uma trilogia sobre o Golpe de Deodoro da Fonseca em novembro de 1891 visto pela imprensa internacional (Cf. n^{os} 27, 28 e 36) e, em 2021, quatro livros sobre a Segunda Revolta da Armada na imprensa norte-americana (cf. n^o 42), britânica (n^o 43) e francesa (n^o 44). Em 2023, editou : *Regards suisses sur la Révolution des Œillets : les rapports secrets de l'ambassade à Lisbonne* e *O 25 de Abril : Relatórios Secretos da Embaixada em Lisboa*, Lisboa, Âncora Editora. Em 2024, saiu o seu último livro : *La Rivoluzione dei Garofani : i Rapporti segreti dell'Ambasciata svizzera a Lisbona(1974-1976)*, Senigallia, 1797 Edizioni.

Um brevíssimo prefácio

Professor conceituado, escritor profícuo e pesquisador incansável, Reto Monico dedicou sua vida intelectual à investigação histórica. Especialista em temas que envolvem a diplomacia e a imprensa, ele tem múltiplas publicações voltadas a tais enfoques. Nos últimos lustros voltou parte de suas pesquisas a estudos sobre a formação histórica brasileira, abordando assuntos diversificados como a Guerra do Paraguai, a transição Monarquia – República, o Golpe de Estado de Deodoro da Fonseca, a Revolta da Armada, o caso *Panther*, o golpe militar de 1964, entre outros. Tal caminhada confere tranquilamente ao escritor/pesquisador a categoria de um ativo brasilianista.

Neste livro Reto Monico aborda um dos momentos mais intrincados da história brasileira. O período entre 1946 e 1964 compreendeu em si um hiato entre dois regimes ditatoriais, em que o Brasil esteve em verdadeira ebulição, com o confronto entre as forças que pretendiam a manutenção do modelo constitucional e as que pretendiam a ruptura institucional a partir de tendências golpistas. Tal enfrentamento caracterizava-se também pela disputa entre o modelo populista, vencedor nas eleições presidenciais, e o anti-populista, marcado em geral pelo fracasso nas urnas em tal instância. Nesse quadro, o II Governo Vargas constituiu um dos ápices de tais conflitos, com as práticas governamentais em termos trabalhistas/nacionalistas e a ferrenha oposição udenista e um clima de profunda instabilidade, com as constantes ameaças de golpe de Estado, visando a derrubar o governante. A tamanha pressão avolumou-se a tal ponto que a queda de Vargas tornou-se iminente, levando o presidente à atitude extrema do suicídio, de modo a impedir a ação golpista. Ao tirar a vida, o presidente criou verdadeiro anteparo contra as prementes disposições de rompimento institucional, tendo em vista a ampla manifestação popular que se levantou a partir do ato suicida. A ruptura institucional fora evitada, ou ao menos adiada, por uma década.

Em *Olhares suíços sobre o suicídio de Getúlio Vargas*, Reto Monico mantém sua abordagem fundamentada em fontes jornalísticas e diplomáticas, com um riquíssimo levantamento documental, como é o tradicional de suas pesquisas. Seu foco recaiu sobre periódicos das diversas regiões suíças e as apreciações do diplomata helvético em relação aos acontecimentos brasileiros de agosto de 1954. O estudo do pesquisador revela o quão foi marcante a morte de Vargas, trazendo intensas repercussões no cenário internacional. Com seu aguçado olhar de historiador, Monico detecta esse impacto, oferecendo uma leitura e um arrolamento de fontes relevantíssimos para a pesquisa histórica.

Introdução

O trágico gesto de Getúlio Vargas teve um enorme impacto na imprensa helvética. Nestes dias, e nomeadamente a 25 e a 26 de agosto de 1954, como escreve um jornal de Lugano, falou-se mais do Brasil do que durante toda a carreira política do natural de S. Borja.

Este livro é dividido em quatro capítulos. No primeiro, analisamos os periódicos da Romandia¹, começando com os dois jornais de referência, o *Journal de Genève* e a *Gazette de Lausanne*, dando um particular destaque aos três longos artigos de Albert Béguin. Veremos que os diários cantonais, regionais e até locais fazem comentários sobre o suicídio do Chefe de Estado do Brasil.

O segundo e o terceiro capítulos debruçam-se sobre a imprensa do Cantão do Tessino e da Suíça alemã, onde são sobretudo os grandes jornais, como, por exemplo, o *Neue Zürcher Zeitung*, que escrevem comentários para tentar esclarecer o leitor sobre esta viragem dramática da história brasileira. Na Suíça italiana, é o *Giornale del Popolo* que publica o maior número de editoriais sobre o triste acontecimento. No entanto, todos estes diários inserem a notícia na primeira página, com fotografias e vários despachos das agências noticiosas.

Para completar esta visão jornalística, dedicámos o quarto capítulo aos relatórios enviados pelo Ministro suíço no Rio de Janeiro. Dessa forma, o leitor poderá ter um outro ponto de vista, o de um diplomata que conhece bem a realidade da América Latina e em particular do Brasil, onde chegou em 1950.

Queremos aqui agradecer ao Francisco das Neves Alves pelo seu apoio e pelo prefácio. Um agradecimento muito especial ao Francisco Matta, que nos acompanhou na redação deste livro: os seus conselhos foram preciosos, tanto do ponto de vista linguístico como histórico².

¹ A Romandia é a Suíça francesa.

² No que diz respeito às maiúsculas para as palavras como «Presidente», «Governo», «Exército», etc., dos textos em francês e em italiano, respeitámos a escolha do autor.

Capítulo I

O suicídio na imprensa romanda

a) Os grandes jornais

Neste subcapítulo, vamos estudar as análises publicadas pelos dois quotidianos de referência, lidos também no estrangeiro, o *Jornal de Genève* e a *Gazette de Lausanne* que inserem, tal como todos os periódicos do mundo, vários resumos de despachos da Reuter e da AFP³.

* * *

O primeiro comentário encontrado na imprensa romanda é o pequeno artigo na última página do *Journal de Genève* de 12 de agosto, no qual se fala da febre eleitoral, da forte oposição a Getúlio e da atitude do exército:

E o exército, que se dizia favorável ao governo, fez questão de dizer que o seu principal desejo era ver a justiça triunfar.

Uma declaração corajosa, mas que não surpreende, vinda dos círculos militares, que no Brasil formam uma verdadeira elite, separada dos partidos e dos clãs.

A 21/22 é o jornal liberal de Lausana que dedica um longo editorial à crise brasileira⁴, no qual começa a falar do «acidente dramático que colocou lenha na fogueira a dois meses das eleições legislativas:

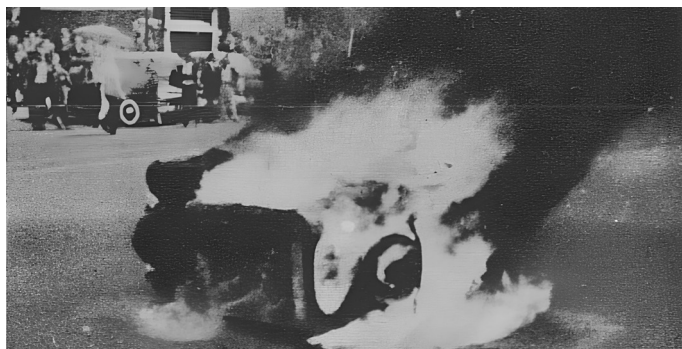


Fig. 1:
Manifestantes anti-getulistas
queimam um carro em frente
de um Ministério (*Pour Tous*,
24 de agosto)

³ De 12 a 24 de agosto, o quotidiano liberal genebrino publica, na última página, seis despachos da AFP sobre a situação vivida no Brasil e a *Gazette de Lausanne*, quatro.

⁴ R.-F. LOMBARD, «Remous à Rio», *Gazette de Lausanne*, 21/22 de agosto.

Nos últimos meses, a imprensa tem utilizado um tom cada vez mais agressivo em relação ao governo. As dificuldades económicas, o aumento do custo de vida e a agitação operária, que têm feito parte da última experiência Vargas, são, para além dos argumentos relativos aos próprios governantes, objeto de uma polémica em que um talentoso jornalista, Carlos Lacerda, se tem distinguido com críticas particularmente acerbas. Foi este jornalista, chefe de redação da *Tribuna da Imprensa*, considerado por muitos como corajoso e honesto, que acaba de ser vítima de um atentado no próprio palácio presidencial [*sic*!].

Seguidamente, menciona o atentado, as manifestações violentas, os primeiros resultados do inquérito, as suspeitas contra Lutero Vargas e a implicação da guarda pessoal de Getúlio que este dissolveu:

Mas o homem que liderou o Brasil durante vinte anos não tenciona demitir-se de um dia para o outro devido a uma acusação que pode deixar marcas de infâmia na sua família, se não nele mesmo. O líder da maioria do Congresso declarou publicamente que o presidente não se demitirá. Por seu lado, o Sr. Vargas declarou num discurso em Belo Horizonte que a ordem seria mantida e que não mostraria qualquer clemência para com os autores do crime.

Na parte final do artigo, Lombard sublinha a perda de confiança no regime e o papel central que terá o exército em toda esta contenda:

A opinião pública está a aguardar os resultados de um inquérito e a oposição espera que produza resultados substanciais para a sua causa. Quaisquer que sejam os resultados, o caso parece suscetível de fazer ressaltar a perda de prestígio de um regime que não conseguiu cumprir as promessas feitas em 1950. A atual crise de confiança levará à queda do regime? Isso depende ainda de vários fatores, dos quais pelo menos um, já se revelou decisivo por duas vezes para o presidente Vargas: o apoio do exército, que o levou à presidência, depois à sua retirada e, em parte, também à sua última subida ao poder. Para já, o exército mantém-se em estado de silêncio.

Até às eleições de outubro, conclui o editorialista, o Governo brasileiro tem algumas semanas para reagir às críticas da oposição:

No entanto, é necessário — e é disso que muitas pessoas estão à espera — mostrar que um regime forte pode dar respostas muito mais convincentes a estas críticas do que as balas de uma pistola.

No dia seguinte ao drama, Bernard Béguin comenta o sucedido⁵. Sintetiza a história dos últimos meses da vida política brasileira, com a demissão

⁵ «Le suicide de M. Vargas», *Journal de Genève*, 25 de agosto.

de Goulart, o atentado a Lacerda, o inquérito da Força Aérea — que se tornou num processo do regime — e o *ultimatum* dos militares.

O editorialista genebrino analisa alguns pontos. Em primeiro lugar, os aspetos económicos:

A morte do presidente Vargas foi o auge de uma crise que se arrastava há vários anos. O Brasil tem dificuldade em se adaptar à sua industrialização. Os seus recursos em moeda estrangeira, indispensáveis à compra do equipamento, dependiam quase exclusivamente das exportações de café. O café é um recurso instável e, como todos os produtos primários, está sujeito a perigosas flutuações especulativas. Se os preços externos sobem, o país julga-se rico e compromete-se com despesas de capital a longo prazo. Se os preços baixam, o país endivida-se até ao pescoço, enquanto, a nível interno, a inflação consome os últimos recursos do capital nacional e dá carta branca aos agitadores e aos demagogos.

Em segundo lugar, define o regime getulista como uma «ditadura de esquerda» sem diferenciar, no entanto, os anos 1930-1945 da sua segunda presidência (1951-1954), durante a qual Vargas, através de Goulart fez concessões à classe operária, suscitando uma forte reação no seio do Exército:

Quando o Sr. Goulart decidiu enfim que o salário mínimo seria duplicado na indústria, 80 oficiais superiores agiram de forma indisciplinada, assinando um manifesto de protesto contra o decreto. Alegavam que um trabalhador que terminasse uma aprendizagem ganharia mais do que um sargento de recrutamento e que isso afetaria o alistamento no Exército. O Sr. Goulart demitiu-se perante este protesto, mas o presidente Vargas, para deixar claro que não estava a rejeitar a política do seu ministro do trabalho, nomeou o chefe de gabinete deste último no seu lugar e anunciou ele próprio que o salário mínimo seria duplicado, «de acordo com o ministro das finanças e o antigo ministro do trabalho».

«Isto foi mais do que suficiente para provocar uma conspiração», afirma o jornalista para o qual o atentado «acendeu o rastilho». As suas consequências não deixavam nenhuma saída ao Presidente, cujo suicídio «ao acrescentar uma nota passional à crise governamental, não contribuirá para resolvê-la.»

Quanto ao imediato futuro:

Pelo contrário, o Brasil precisa de uma era de calma e de cabeça fria, durante a qual possa pôr em ordem os seus assuntos internos, sanear a sua administração e aumentar a sua eficiência e, finalmente, criar um clima de confiança que lhe permita atrair em condições normais o capital estrangeiro de que tanto necessita para atravessar a difícil fase da industrialização.

No mesmo número, encontra-se um outro texto de um correspondente particular do quotidiano liberal, «Do Capitólio ao Rochedo de Tarpeia. A carreira do Sr. Vargas foi um total falhanço?»⁶. Este constata que a inflação continua a minar a economia brasileira, problema que Getúlio, dividido entre as reivindicações operárias e as exigências do patronato, não conseguiu resolver, apesar das promessas feitas durante a campanha eleitoral de 1950. Na realidade, em 1954, os preços dos bens de primeira necessidade aumentaram entre 37 e 108% em relação a 1951, quando chegou ao poder e o aumento dos ordenados em 100% não resolveu o problema. Além disso, o comércio externo gerou menos receitas para os cofres do Estado, nomeadamente por causa do alto preço do café brasileiro⁷.

Na conclusão, MacDonald dá uma explicação mais abrangente da situação económica do Brasil, relativizando as responsabilidades do antigo Presidente:

A oposição acusava o Sr. Vargas de levar o país à ruína. Muitos dos seus apoiantes abandonaram-no, alegando que ele tinha sacrificado os interesses dos humildes aos do grande capital. Estas duas condenações são injustas. O Brasil está a sofrer as consequências da sua rápida industrialização. Tem de lidar com a coexistência de um capitalismo empreendedor, de um proletariado urbano miserável e de uma população rural frequentemente privada do mínimo vital. Se olharmos para a situação atual, podemos talvez dizer que os esforços do Sr. Vargas fracassaram, mas se compararmos com a de 1930, quando ele assumiu o poder pela primeira vez, temos de relativizar este diagnóstico.

Episode dramatique de la crise brésilienne

Le président Getúlio Vargas se donne la mort après avoir démissionné sous la pression de l'armée

Fig. 2 : «Episódio dramático na crise brasileira. O presidente Vargas suicida-se depois de se ter demitido sob pressão do Exército». (*Gazette de Lausanne*, 25 de agosto)

Na mesma data, também a *Gazette de Lausanne* consagra o seu editorial à impressionante tragédia que teve o efeito de uma trovoadas⁸. Porém, apesar

⁶ M. P. MACDONALD, «Du Capitole à la Roche tarpéienne. La carrière de M. Vargas, fut-elle un échec total?», *Journal de Genève*, 25 de agosto

⁷ Os países importadores do café passaram a comprar menos café brasileiro e a adquiri-lo a outros países produtores.

⁸ R.-F. LOMBARD, «Le suicide du président Vargas», *Gazette de Lausanne*, 25 de agosto.

de ser inesperado este gesto de «um homem que foi tão popular» pode ser explicado. Lombard pensa que a recente crise provocada pelo atentado de dia 5 — que ele também situa erroneamente no Palácio presidencial — só «fez precipitar uma crise latente». Trata-se de mais um escândalo:

Este atentado, perpetrado no palácio presidencial [*sic!*] com a colaboração de membros da guarda pessoal do presidente, é apenas um escândalo, particularmente grave, que se segue a outros. As tendências nepotistas de um antigo regime ditatorial deram à Presidência a oportunidade de encobrir os desmandos. A liberdade de imprensa permitiu que a oposição denunciasse os abusos mais flagrantes. E o «testamento» do presidente Vargas mostra que estes ataques o afetaram realmente.

O editorialista nota que Getúlio podia ter suportado estes ataques se a sua segunda presidência tivesse tido resultados positivos. Na realidade, acrescenta, o cidadão brasileiro tem de sofrer as consequências de uma «política económica desastrosa», com a desvalorização do cruzeiro, a inflação galopante e a forte agitação operária. O reflexo nacionalista e a recusa de «colaborar com o estrangeiro» teve como efeito «deixar largamente inexploradas as reservas de petróleo que podiam ter contribuído para equilibrar as finanças do país»:

Em termos económicos e sociais, a segunda experiência de Vargas contrasta com a primeira. Durante os oito anos do Estado Novo, quando Vargas governou sem parlamento, a economia brasileira viveu um crescimento sem precedentes. Os anos revolucionários de 1937 a 1949 deram origem ao Brasil moderno, industrial e urbano. A guerra mundial teve o seu papel: empurrou o Brasil para o caminho da industrialização, afastando-o da monocultura que o sujeitava a crises periódicas. Terminada a guerra, o “coronelismo” (domínio dos coronéis no campo e dos latifundiários) voltou à ribalta e encontrou alianças nas novas potências industriais e financeiras. As ousadas políticas sociais tentadas por Vargas preocupavam os círculos conservadores. Os latifundiários sentiam-se ameaçados pela própria tendência que tornava a produção do país independente da produção mundial e pela criação de um proletariado à moda europeia.

Pressionado pelo Exército, Getúlio teve de ceder. Porém, nota o editorialista, «por detrás dos oficiais superiores, estavam os interesses dos grandes proprietários da província, da indústria e das finanças.»

Depois de ter sublinhado a tarefa bem árdua que espera o novo Executivo, o jornalista menciona as reações violentas dos apoiantes do ex-Presidente:

Provém de pessoas da classe trabalhadora que mantiveram a confiança no presidente Vargas por tudo o que ele fez para promover a legislação social e melhorar a situação dos trabalhadores.

A preocupação de Vargas com a situação das classes trabalhadoras foi destacada no seu testamento político, e de uma forma que revela nos seus últimos momentos, num homem tão dotado, a ausência de verdadeira serenidade. Os amigos do falecido presidente não beneficiarão, sem dúvida, deste documento como Marco António beneficiou do testamento de César. Em todo caso, esperemos que o Brasil não sofra as convulsões que levaram os triúmviros de Filipos a Áccio.

Na última página da mesma edição podemos ler esta pequena nota:

A trágica morte do presidente Vargas corre o risco de mergulhar o Brasil numa grande agitação política. Já se registaram manifestações e ataques a edifícios diplomáticos norte-americanos. Na sua carta-testamento, o presidente Vargas aludiu a influências estrangeiras que paralisariam as suas atividades económicas e sociais.

b) A análise de Albert Béguin

O escritor, editor e crítico literário Albert Béguin (1901-1957) escreve três longos artigos nos quais narra e explica os acontecimentos, as causas e as circunstâncias do drama. Analisa a personalidade de Lacerda e a do Presidente falecido, destaca o peso das massas no Brasil e as consequências do gesto do ex-Presidente. Por outras palavras, dá uma visão relativamente completa dos meandros desta viragem da história do Brasil.

* * *

No primeiro artigo⁹, afirma imediatamente a importância crucial deste acontecimento:

A partir de agora, é inegável que a dimensão desta crise vai muito além da anedota e das reações emocionais que se seguiram à morte de Vargas. Esta morte voluntária e a carta-testamento do presidente constituem um acontecimento de grande alcance: talvez a história dirá que a vida política do Brasil entrou no século XX a 24 de agosto de 1954. Nesse dia, as massas, até então ausentes da cena pública, foram chamadas a ocupar o seu lugar; e esse apelo veio de um morto que queria deixar atrás de si o seu mito pessoal como um fermento na história do seu povo.

⁹ Albert BÉGUIN, «LA CRISE BRÉSILIENNE. La portée du testament de Getúlio Vargas», *Gazette de Lausanne*, 24 de setembro.

Seguidamente, pode-se ler um resumo detalhado dos acontecimentos desde a decisão de Vargas de aumentar em 100 % o salário mínimo até às reações dos getulistas depois da manhã do 24 de agosto. Destaca o papel de Gregório Fortunato¹⁰:

Personagem altamente pitoresca que os brasileiros conhecem há muito tempo, mas cujos deboches, vigarices e crimes se tornam cada dia mais extraordinários, este negro alto, que estava sempre ao lado de Vargas, que dormia na sua cama quando ele viajava, que era enviado ao estrado durante as cerimónias para pentear o cabelo do presidente, comandava duzentos capangas alojados no próprio Palácio. Enriquecido graças à liberalidade do seu amo e, sobretudo, por todo o tipo de tráficos ilícitos — especulação monetária, jogo, subornos, venda de cargos e licenças — possuía terras, plantações, casas comerciais, restaurantes e clubes noturnos. Graças a este Rasputin, o palácio do chefe de Estado tinha-se tornado um antro de bandidos, um antro de jogo e de coisas piores.

Albert Béguin não pensa que Getúlio seja o mandante do atentado. Todavia, não escamoteia as suas responsabilidades:

Nunca se arguiu seriamente que Getúlio Vargas dirigiu pessoalmente ou mesmo incentivou a pilhagem de fundos públicos pelos seus próximos e familiares, mas não podia ignorar totalmente isso, e foi ele quem escolheu compor a sua guarda formada de assassinos encartados. Os homens desta profissão só são recrutados quando os seus serviços competentes são necessários. Porque é que o antigo ditador septuagenário, agora presidente legal, se preocupou em ser protegido desta forma, num país que mal conhece os motins e que não se encontrava numa situação de violência? É difícil explicar, exceto pela memória da sua deposição em 1945, quando a resistência era impossível, e sobretudo pelas consequências fatais do nepotismo. Vítima da sua família e obrigado a fechar os olhos a demasiados escândalos, deixou que a maré de torpor chegasse até à sua antecâmara e à sua guarda.

O articulista não pensa que Vargas se suicidou porque, depois de ter descoberto os escândalos, sentiu-se envergonhado:

Vargas sofreu muitos reveses e humilhações sem nunca demonstrar qualquer sinal de vacilação. À avalanche de acusações — verdadeiras ou falsas — lançadas contra ele e a sua família nos últimos dois anos por Lacerda e os seus amigos, não ofereceu nada além de um silêncio desdenhoso. Amante do poder a ponto de querer mantê-lo a qualquer custo, apaixonou-

¹⁰ Gregório Fortunato (1900-1962) foi o chefe da guarda pessoal de Vargas. Condenado em 1956 como mandante do atentado contra Carlos Lacerda, foi assassinado a 23 de outubro de 1962 na Penitenciária Frei Caneca do Rio de Janeiro.

do pela convicção de que a sua política era a única correta e merecia ser seguida com a ajuda do diabo se necessário, não era daqueles que se rendem à derrota ou à desonra. Se, após três semanas de combates sem tréguas, na manhã de uma noite em que tinha sido obrigado pelos generais a permitir-se ser colocado em licença por três meses, Vargas deu um tiro no coração, os motivos do seu suicídio não foram nem o desespero nem o abatimento pelos reveses. De facto, teve o cuidado de avisar a posteridade.

Na última parte deste primeiro artigo, o jornalista debruça-se sobre a carta-testamento:

É mais provável que, como afirma o ex-ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, o documento tenha sido escrito numa época em que Vargas não pensava em se matar, mas em resistir e morrer com as armas em punho. A ideia de Vargas como pessoa, e o próprio conteúdo da carta, levam a crer que o seu desejo era mesmo ser morto — «entrar na História», como ele disse — e que, não podendo fazê-lo por ter sido demitido sem violência, resolveu morrer pelas próprias mãos.

Não há dúvidas quanto à autenticidade do documento:

Seja como for, o texto tem um forte carácter de autenticidade e é um documento extraordinário, tanto pelo que revela de um homem muito reservado, como pela porta política que promete abrir. Não há o menor traço do romantismo wagneriano que envolveu a morte de Hitler. Diante da morte, Getúlio Vargas parece ter pensado apenas em realizar um último ato político, com efeito duradouro, e derrotar os seus vencedores, deixando para trás uma situação que eles não podiam controlar. As principais mensagens desse testamento foram cuidadosamente calculadas para ressoar na alma do povo brasileiro. A lucidez do homem que escreveu esta página será, sem dúvida, comprovada pelos acontecimentos.

Béguin cita a carta-testamento e apresenta a sua análise, na qual realça a firme vontade do ex-Presidente de influenciar o futuro do Brasil e de obstaculizar o caminho dos seus adversários que, para o jornalista, não perceberam que o seu país mudou:

Debater-se-á por muito tempo se, no momento de sua morte, Vargas soube fingir um amor ao povo que os seus inimigos lhe negavam e do qual os seus atos estão longe de dar provas constantes, ou se a sua consciência estava tão iludida que ele poderia ter-se considerado um verdadeiro amigo dos pobres. A história talvez decida, mas o que já está claro é a assustadora grandeza pagã desse homem que, não é exagero dizer, se matou primeiro para se vingar e depois para traçar aos seus sucessores uma linha política da qual a pressão das massas, unidas pelo mito de Getúlio, não permitirá mais que se desviem. Apesar dos termos

de perdão, redenção e holocausto, e da orgulhosa paráfrase evangélica («Permanecerei sempre entre vós»), este texto inédito tem o tom de um herói romano, mas também a habilidade de um maquiavelismo muito perspicaz. O desejo de deixar uma marca duradoura na história do seu país é aqui acompanhado por uma vontade feroz de lançar as forças da rebelião no caminho dos seus adversários vitoriosos. Pela primeira vez na história do Brasil, as massas populares são convidadas à ação política. Desde o fim do Império de Bragança, o jogo era disputado entre pequenos círculos, grupos de interesses ou elites intelectuais. Mas os dias da democracia liberal e legalista — mal perturbada por uma ocasional revolução palaciana pacífica — já passaram. As revoluções palacianas já lá vão. Está a começar uma nova era. O povo das cidades percebeu isso e respondeu ao apelo de Getúlio com manifestações de natureza mística. Quanto aos inimigos do Presidente, nada indica, até agora, que tenham abandonado a ilusão de um regresso ao passado. Veremos que essa gente honesta, liderada pelo puritano Carlos Lacerda, está mal preparada para entender o verdadeiro sentido de acontecimentos que já pouco têm a ver com o seu moralismo.

O segundo artigo¹¹ — no qual arrasa a imagem do polemista — é justamente dedicado ao moralismo na política brasileira:

Se o suicídio do presidente Vargas foi o ato político mais hábil da sua carreira, o seu inimigo declarado, o jornalista Carlos Lacerda, principal artífice da queda de Getúlio, ficou frustrado com a sua vitória. Vargas não tinha de morrer. O que o frenesi do seu acusador pedia obscuramente não era a morte do tirano, mas a sua própria morte; ele fazia de tudo para ser fuzilado, para morrer nas mãos do seu inimigo, a quem hostilizava com os seus insultos. A bala dos pistoleiros feriu-lhe ridiculamente o pé. A arma do presidente, em vez de silenciar Cassandra, transformou o próprio Vargas numa vítima sacrificial. Carlos Lacerda vai ter de viver sem o «seu» Vargas, e talvez morrer nas mãos de um vingador obscuro. Isto é batota!

Mas, no fundo quem é Lacerda?

A imprensa europeia apresentou-o ora como um herói, ora como um agente a soldo da América e dos plutocratas brasileiros. Não é nem uma coisa nem outra. Tem a coragem de um herói e deu uma centena de provas deslumbrantes dessa coragem, mas procurar-se-ia em vão a causa superior a que se entregou. Este antigo comunista, que se diz ter levado uma vida muito descontrolada na sua juventude, é de origem humilde. Con-

¹¹ Albert BÉGUIN, «LA CRISE BRÉSILIENNE. Moralisme et politique», *Gazette de Lausanne*, 27 de setembro.

vertido ao catolicismo há alguns anos, dá muitas vezes a impressão de querer compensar com rigor moral as faltas da sua juventude e castigar os outros pelos seus antigos erros. Comunga todos os dias — e nunca perde a oportunidade de o fazer saber aos seus ouvintes e leitores. É um puritano fanático, sempre à procura de um escândalo para denunciar. Conservou certos métodos de investigação dos seus mestres comunistas e sabe, como ninguém, detetar as ligações financeiras de um adversário, levantar as máscaras e eliminar os testas de ferro.

No ano passado, quando lançou a sua primeira grande ofensiva contra o clã Vargas, falou todos os dias na rádio e depois na televisão durante cinco ou seis horas seguidas. Era um fenómeno estranho, inimaginável fora do Brasil, estas emissões diárias em que, sem uma nota, citando de memória os montantes e os números dos cheques suspeitos, cobrindo um quadro negro de números, um homem com o rosto triste e casmurro de um intelectual amargurado acusava o chefe de Estado e toda a sua família das piores fraudes e delitos. Neste país, onde as regras da democracia formal são religiosamente respeitadas (sem que isso implique o menor e espontâneo sentido democrático), a maioria das estações de rádio e televisão escapam a qualquer controlo governamental.

Na opinião do jornalista, percebe-se imediatamente quem ele verdadeiramente é:

A sua eloquência faz lembrar Philippe Henriot¹²; o seu rosto teimoso, com a obstinação de um vigilante, faz lembrar as fotografias dos chekistas e do chefe do G.P.U.¹³; os seus métodos fazem imediatamente lembrar os de Mac Carthy¹⁴. É o homem «justo», implacável contra os pecadores, o moralista que obedece à necessidade psicológica de denunciar. Vemos pessoas como ele à frente de associações de pais que perseguem com fúria a literatura imoral. Porquê presumir que um homem é venal, quando tudo o que tem de fazer para alimentar a constante explosão é satisfazer o seu humor natural? Se exerce uma espécie de chantagem, não é para obter dinheiro — Lacerda permaneceu pobre — mas para servir o que julga serem as exigências da sua vocação. Provavelmente não tem consciência de que o seu ódio tem uma componente muito pessoal e imagina que está a agir de forma totalmente desinteressada.

Trata-se de um homem sem ideologia:

¹² Philippe Henriot (1889-1944), político francês de extrema-direita, é uma das figuras da Colaboração com os alemães de 1940 a 1944.

¹³ Trata-se da polícia estatal da U.R.S.S. entre 1922 e 1934, que sucedeu à Tcheka, uma das primeiras organizações de polícia secreta da União Soviética.

¹⁴ Joseph R. McCarthy (1908-1957), um político americano na origem da Caça às Bruxas, que iniciou depois de um seu discurso que provocou uma verdadeira histeria anticomunista no Estados-Unidos (1950-1956).

Mas a serviço de que ideologia, de que ideal? É aqui que Lacerda representa, no seu estado mais puro e sem qualquer contaminação, o tipo de moralismo. Pode-se ler centenas de artigos seus, ouvir dezenas de emissões ou discursos públicos, sem encontrar uma única tese política. Não há nele nada de um reformador social. Os abusos que denuncia são atos exclusivamente individuais; ataca indivíduos concretos, apontando as suas mentiras, os seus roubos, os seus compromissos. Nem uma única vez o ouvimos interrogar-se sobre as causas de um estado de coisas em que este tipo de faltas se multiplica. A sua crítica incide sobre fenómenos acidentais, sem nunca atingir as estruturas sociais, económicas e políticas de que esses fenómenos mórbidos são os sintomas preocupantes. O objetivo de uma campanha levada a cabo dia após dia, durante meses a fio, sempre foi o de fazer rebentar o escândalo de uma gestão financeira desonesta e demagógica, e o de eliminar uma equipa corrupta para voltar a colocar homens menos suspeitos. Este fanático da pureza moral parece não se aperceber de que há problemas de fundo a resolver, sobretudo num país como o Brasil, onde o desequilíbrio social não para de se agravar.

Na segunda parte, o articulista debruça-se sobre os que beneficiaram das campanhas do polemista:

Naturalmente, ao dismantelar aos poucos o regime getulista, e ao ser o principal artífice da queda de Vargas — se não de sua morte, que ultrapassou as intenções do panfletário — Lacerda suscitou a gratidão e a admiração de todos os grupos oposicionistas, dos oficiais-generais, dos antigos líderes liberais, da burguesia comercial e dos partidários de uma política intimamente ligada à dos Estados Unidos. Mas para os partidários de algumas dessas tendências tão díspares, Lacerda nunca passou de um instrumento propício. O mesmo não se pode dizer do grupo dos «honestos», amplamente representado no novo ministério de Café Filho e na opinião da classe média.

Na opinião de Béguin, são os fazendeiros de Minas Gerais e de São Paulo e, por vezes do Nordeste que o elogiaram e «fizeram eco às campanhas de Carlos Lacerda». Trata-se das «gentes honestas», «os herdeiros imediatos do feudalismo fundiário» que, contrariamente a Lacerda, tem uma ideia política:

Se Carlos Lacerda não tem uma ideia política e se, obcecado pelo seu frenesi de justiceiro, ignora quase tudo sobre os grandes problemas económicos e sociais modernos, os juristas moralizadores que o transformaram num sucesso são, por seu lado, mentes anacrónicas, alheias à marcha da história atual. Genuinamente ofendidos com a depravação realíssima do regime getuliano, dedicados à pátria e humilhados no seu inquestionável patriotismo pelo espetáculo de corrupção que ela atualmente apresenta, acreditam que, uma vez eliminados Getúlio e sua corja de gregórios¹⁵,

¹⁵ Refere-se a Gregório Fortunato.

pistoleiros e traficantes, o Brasil, sob a liderança de notáveis de perfeita moralidade, sairá do abismo em que quase caiu. Eles certamente têm razão quanto aos vícios e mentiras do getulismo, mas isso não significa que terão razão quanto aos problemas concretos que terão de resolver. Porque estes já não são os mesmos problemas que eles ou os seus antepassados souberam solucionar há cerca de trinta anos.

Para Béguin, restaurar a moral pública é insuficiente e Vargas, apesar de tudo, e contrariamente às «gentes honestas», tinha consciência do que estava em jogo:

Vargas, através das suas mentiras e dos vícios do seu *entourage*, viu com mais lucidez a metamorfose histórica que deve ser tomada em conta. Sem dúvida, o seu apelo ao povo foi pura demagogia e retórica vazia. Sem dúvida que, por mil razões, e antes de mais pela inevitabilidade do nepotismo, deu garantias muito pesadas à máfia especulativa. Não há dúvida de que foi imprudente ao defender a resistência à invasão económica americana, quando alguns dos seus próximos lhe estendiam descaradamente a mão. Mas o facto é que, ao escolher os termos do seu testamento político e as armas que a sua morte deixou ao povo «indefeso», demonstrou ter uma consciência clara do problema social e dos desenvolvimentos que a adesão das massas populares à existência política exigirá, a longo ou a curto prazo.

No último parágrafo, lança uma última farpa aos moralistas:

Lacerda, o puritano raivoso, e os seus aliados — os notáveis — nunca demonstraram ter uma noção sequer rudimentar da mutação pela qual passa a humanidade na era das massas. O anticomunismo irracional não substitui nem compensa esta falta de noção. E o mito do «mártir Getúlio», criado pela carta-testamento, corre o risco de ridicularizar os esforços dos moralistas, cegos perante a angústia da maioria dos seus compatriotas. Porque o seu imperativo moral não abrange a atenção pela miséria dos outros.

O jornalista publica um terceiro artigo¹⁶ no qual começa por descrever a reacção do povo logo depois do anúncio da morte. Cita nomeadamente o que se ouvia cada meia hora na rádio e dá o ponto de vista de um funcionário de um parque de estacionamento:

Com grande surpresa para aqueles que haviam trabalhado pelo derrube de Vargas e que o esperavam como uma libertação, o povo miúdo mostrou o seu apego apaixonado ao estadista cujas erros haviam sido divulgados

¹⁶ Albert BÉGUIN, «LA CRISE BRÉSILIENNE. Le mythe de Getulio et les forces en présence», *Gazette de Lausanne*, 28 de setembro.

sem tréguas durante meses. A multidão reuniu-se espontaneamente em torno do palácio, a mesma multidão — mas desta vez muito mais densa e determinada — que dez dias antes exigira a punição dos assassinos a soldo do presidente. Meia hora depois do primeiro anúncio do suicídio, um amigo meu, que ainda não sabia de nada, quis estacionar o seu carro — um modesto Citroën — no parque de estacionamento onde o deixa todos os dias. O funcionário, que conhece há muito tempo, cumprimentou-o com um gesto nervoso:

— Não, vá-se embora, já não guardo carros de gente rica!

— O que é que lhe aconteceu?

— Mataram o Getúlio.

— Você está louco! Só o afastaram por algum tempo, estive a ouvir as notícias toda a noite.

— Estou a dizer-lhe que ele está morto, acabaram de o anunciar. Mataram-no...

Assim, instintivamente, este pobre homem, como centenas de milhares de outros, sentiu que tinha perdido um protetor e suspeitou que os «ricos» tinham causado a sua morte.

Depois da publicação da carta-testamento as coisas tomaram uma outra dimensão. Béguin nota que, nesse momento, o povo tinha-se completamente esquecido das consequências altamente negativas da política do ex-Presidente:

De repente, ficou bem claro que a demagogia de Getúlio tinha sido muito mais eficaz do que se suspeitava. Será que os pobres, os inúmeros miseráveis vindos dos subúrbios e das terríveis favelas que circundam a luxuosa cidade do Rio, esqueceram que, desde o retorno de Vargas ao poder, o custo de vida triplicou, sem nenhuma compensação real? que o regime favoreceu a construção de edifícios sumptuosos, mas que o Rio de Janeiro não tem um hospital moderno, que os políticos getulistas fizeram fortunas escandalosas, enquanto os camponeses do Norte, expulsos pela fome, se dirigem para as grandes cidades, onde vão encontrar a fome e o pior abandono? Não, o povo sabe tudo isto, mas não culpa o Presidente, que nunca deixou de utilizar a linguagem «trabalhista» e que promulgou decretos espetaculares — em grande parte não aplicados — como a duplicação do salário mínimo. O que as massas acreditam — e isto quase não lhes foi insinuado — é que os esforços do seu grande defensor foram contrariados e anulados pela conspiração onnipotente dos ricos.

As manifestações de pesar desse povo emocionado e voluntariamente patético, que parecia estar de luto por um pai, misturavam-se às súbitas iras que se voltavam contra a imprensa anti-getulista e a embaixada americana. O jornal de Lacerda foi destruído pela multidão ao sair da gráfica, e nas cidades do Rio Grande do Sul, terra natal de Vargas, redações foram saqueadas e os consulados americanos também. Ao fim da tarde, filas silenciosas de dois ou três quilómetros percorreram as ruas em frente ao

palácio, passando toda a noite pelo corpo embalsamado do Presidente, onde uma equipa de enfermeiros teve dificuldade em acalmar os enlutados e em afastar os histéricos de ambos os sexos. Uma enorme multidão em êxtase acompanhou o caixão até ao aeroporto, de onde foi levado para ser enterrado na sua província natal.

Albert Béguin, com uma certa precipitação, prevê uma esmagadora vitória para o Partido Trabalhista nas legislativas de outubro. Além disso, atribui uma importância excessiva ao mito de Getúlio:

As eleições legislativas estão à porta — o escrutínio terá lugar a 3 de outubro — e todas as previsões apontam para uma vitória esmagadora do partido trabalhista, criação de Vargas, liderado pelos seus fiéis discípulos e por aqueles que lhe são próximos. O seu filho, a sua filha e a sobrinha serão certamente eleitos, assim como vários dos seus ministros e pupilos. Como a eleição presidencial só ocorreria no início de 1956, o executivo — que, aliás, não tem de prestar contas às câmaras — teria de governar durante dezasseis meses com a minoria no Congresso. O mais grave é que o mito de Getúlio, a presença mística que ele reivindicou no seu testamento, tornou-se tão real que agora é impossível governar sem levá-lo em conta, e mesmo sem reivindicá-lo. A habilidade suprema de Vargas foi criar, com a sua morte, uma situação paradoxal que provavelmente não tem paralelo na história. O homem vivo derrotado de ontem tornou-se o homem morto vitorioso de hoje e de amanhã; e aqueles que conseguiram derrubá-lo terão de admitir a sua impotência ou aceitar o legado que ele lhes deixou e adotar a sua linha política. Tinham previsto tudo, exceto que a palavra de um morto podia confundir todos os seus cálculos. Esta inversão só foi possível no contexto muito particular do Brasil e porque Vargas, cujas imposturas podemos facilmente denunciar, foi quase o único a ter compreendido exatamente o sentido da evolução histórica. Ao colocar em primeiro plano na sua carta a resistência à tomada do poder pelos americanos, ele deu um impulso decisivo ao nacionalismo generalizado do povo brasileiro e a um sentimento partilhado por todos os sectores da nação, com exceção de certos grupos de interesses poderosos, mas minoritários. E, ao convocar as classes trabalhadoras para a luta contra a opressão social, deu origem a um movimento que se manifestou vigorosamente durante a semana de luto nacional.

O articulista contrapõe dois mundos, o dos ricos e o dos pobres:

O Brasil é, ao mesmo tempo, um país subdesenvolvido, cuja maioria da população vive numa miséria comparável à da Índia, e um país ultramoderno, cujas grandes cidades não têm qualquer relação necessária com a economia geral do interior. Possui também uma terra rica em recursos de todos os tipos, prometendo um grande futuro se a sua exploração racional for realmente empreendida. Os seus pobres, analfabetos, dispersos e

abandonados, são comparáveis aos dos povos mais atrasados. Os seus ricos, pelo contrário, vivem mais ou menos como os habitantes de Chicago. Fica-se com a impressão de que não pertencem todos à mesma civilização: que estes ricos não são os ricos destes pobres. Um capitalismo de aventura e de especulação está a engolir os recursos produzidos pela única exportação de café, na loucura das grandes cidades que brotaram do chão, sem nada para alimentar a vida das populações rurais.

Esta justaposição de dois mundos heterogêneos levou ao prolongamento anacrónico de um regime que, através das suas fases democráticas ou ditatoriais, permanece nas mãos de grupos muito pequenos, deixando três quartos da população fora da existência política consciente.

Para Béguin, há um facto novo: as massas populares querem uma resposta aos seus problemas:

Este povo miserável, que começa a influenciar o destino da nação, não tem nem a educação nem o enquadramento necessário para uma ação coerente. O problema é saber quem se encarregará da sua educação, quais formadores serão capazes de formar a sua consciência política e de organizar a sua participação. Os velhos partidos liberais, os moralistas honestos e os juristas amantes da igualdade formal são muito impopulares. Se eles pensam que podem superar o poder mítico de Vargas (vendem-se medalhas com a efígie de «Getúlio Mártir») publicando as suas faltas e revelando que os cofres do Estado foram encontrados vazios, saqueados pela máfia getulista, estão a cometer um grave erro: o pequeno povo é insensível a um moralismo que ignora a justiça social, e o homem que passa fome não se indigna quando lhe dizem que o Estado deve aos Estados Unidos cerca de 650 milhões de dólares. Se essas somas existissem, pensa que nenhuma delas seria utilizada para melhorar a sua sorte.

O jornalista debruça-se sobre um último tema: quem vai poder «organizar a ação dos trabalhadores e congregar as forças dispersas de um proletariado ainda incipiente». Com certeza não os do partido de Vargas, «que se envolveram nos negócios mais duvidosos e que não têm qualquer espécie de doutrina». O único partido que tem uma doutrina e «um método de educação política das massas» é o Partido Comunista. Agora está na clandestinidade, tem poucos quadros formados e não tem a possibilidade de agir concretamente, mas no futuro talvez consiga: «O demagogo abriu caminho aos ativistas do proletariado, que já deram provas das suas capacidades na China e noutros países.»:

O terreno é favorável à propaganda extremista, e a pressão exercida sobre a economia brasileira pelos compradores norte-americanos de café pode provocar uma explosão de nacionalismo fanático que aumentaria rapidamente as chances do comunismo. Serão muito grandes se a crise atual não der origem, além dos partidos liberais anacrónicos e nostálgicos, a um movimento novo e jovem cuja primeira tarefa será educar as massas.

Há grupos de jovens no Brasil que vêm claramente esta situação. Mas os políticos honestos e antiquados e os aventureiros especulativos dispõem de todos os meios para sufocar essas tendências inovadoras, que eles não entendem ser o único caminho a seguir.

Infelizmente, o autor não desenvolve este tema e não diz quem são estes grupos de jovens.

c) A imprensa cantonal

Todos os principais jornais dos Cantões de Genebra, Vaud, Neuchâtel, Friburgo, Valais e do Jura francófono¹⁷ publicam um comentário sobre a tragédia de dia 24 de agosto. Neste parágrafo apresentamos, além das observações do jornal socialista *La Sentinelle* e do comunista *Voix Ouvrière*, os pontos de vista de nove jornais: *La Liberté*, *Tribune de Lausanne*, *Feuille d'Avis de Neuchâtel*, *L'impartial*, *Le Courrier*, *Nouvelle Revue de Lausanne*, *La Tribune de Genève*, e *Le Nouvelliste*.

* * *

Page 2

LA LIBERTÉ

Mercredi 25 août 1954

Acculé à la démission par la pression de l'armée, le président Getulio Vargas démissionne, puis se donne la mort

Fig. 3 : «Forçado a demitir-se perante a pressão do Exército, o Presidente Getúlio Vargas renuncia e depois mata-se.» (*La Liberté*, 25 de agosto)

O editorial de dia 25¹⁸ de *La Liberté* começa por enumerar as várias medidas tomadas depois do atentado contra Lacerda, «diretor de um jornal de extrema-direita»:

A prisão do assassino João Nascimento, seguida da espetacular prisão de Clímério de Almeida, um dos autores intelectuais do atentado; a dissolução da guarda pessoal do presidente Vargas, da qual dois membros estariam envolvidos no fracassado acerto de contas; a demissão do ministro da Aeronáutica e do chefe da polícia do Rio; o comparecimento espontâ-

¹⁷ Na altura, o Jura fazia parte do Cantão de Berna.

¹⁸ Roger POCHON, «La funeste détermination du président Vargas», *La Liberté*, 25 de agosto. Pochon (1905-1974) é chefe redator do quotidiano católico de Friburgo de 1951 a 1970.

neo do filho do presidente à comissão militar de inquérito; e, por fim, os seus resultados, que ilibavam tanto o *entourage* do presidente quanto os seus ministros, não conseguiram apaziguar as paixões.

Com efeito, a oposição — que não deixou de pôr lenha na fogueira a menos de dois meses das eleições legislativas — punha em causa a responsabilidade moral de Getúlio, porque «o atentado tinha sido concebido por membros da sua guarda no interior do palácio.»

Como quase sempre na América Latina, realça Pochon, o Exército tem um papel preponderante. Foi ele que obrigou Vargas a «renunciar às suas funções durante três meses», o que concretamente significava o fim do seu mandato. Infelizmente, escreve o articulista friburguês, Getúlio cumpriu a promessa que tinha feito de deixar o Palácio presidencial unicamente morto.

Para o redator do jornal, Vargas «era um homem de ação, partidário de uma democracia autoritária»:

Jurista e sociólogo, tinha recentemente lutado com êxito pela inserção das massas trabalhadoras na vida política. Levado pela revolução de 1930 a chefiar o governo provisório e, a partir daí, à presidência da República em 1935, decidiu, dois anos mais tarde, com o apoio do exército, dissolver o parlamento e governar, apenas com a ajuda da sua equipa ministerial, um país cuja Constituição tinha sido suspensa. Deposto pelo Exército em 1945, Vargas regressou, no entanto, triunfante ao palácio presidencial após as eleições de 1950. O descontentamento de que foi alvo deve-se, aparentemente, quer à hostilidade dos chefes da Força Aérea, com os quais entrara recentemente em conflito, quer às consequências da sua política económica demasiado nacionalista. O regime que criou, dilacerado por interesses contraditórios, não conseguiu cumprir as promessas de 1950, devido à sua hesitação em optar entre as perspetivas do grande capitalismo e uma política social audaciosa.

Na breve conclusão, o jornalista exprime a consternação que devem ter sentido também muitos dos seus colegas:

Em virtude do enorme sofrimento moral que o presidente Vargas viveu durante este mês de agosto — e cuja intensidade ninguém aqui na terra é capaz de avaliar — não podemos, como homem e como cristão, deixar de sentir uma grande pena e um profundo mal-estar perante a sua funesta determinação.

«Intimado a abandonar o poder, o Presidente Vargas suicida-se», é o título do comentário de Robert Monnet (1884-1965)¹⁹ que sublinha alguns aspetos:

¹⁹ «Sommé d'abandonner le pouvoir, le président Vargas se suicide», *Tribune de Lausanne*, 25 de agosto.

O poder das Forças Armadas:

Como na maioria das repúblicas latino-americanas, o Exército desempenha um papel político determinante no Brasil. Foi o Exército que, em 1937, permitiu que o presidente Getúlio Vargas dissolvesse o Parlamento e instaurasse o Estado Novo, um regime autoritário que só era democrático no nome; foi o Exército que, oito anos mais tarde, se virou contra ele e o obrigou a demitir-se. De regresso ao poder em 1950, o presidente entrou novamente em conflito com os principais líderes militares. Numa reunião secreta, trinta e dois generais da Aeronáutica aprovaram uma resolução que o obrigava a renunciar. Getúlio Vargas preferiu suicidar-se.

O falhanço do seu segundo mandato explica-se nomeadamente porque prejudicou as classes sociais que queria defender:

O suicídio do presidente Vargas representa o epílogo de acirradas lutas políticas. O regime «trabalhista» que o ditador carioca havia instaurado era claramente demagógico. Pretendia apoiar-se no proletariado contra os políticos²⁰, os governadores excessivamente poderosos e os eleitores provinciais. Pretendia dar a felicidade às classes trabalhadoras. Na realidade, a sua política económica saiu-lhe pela culatra; elas foram as primeiras vítimas do aumento do custo de vida, consequência matemática da desvalorização do cruzeiro. De tal forma que, no ano passado, os trabalhadores de São Paulo convocaram uma greve geral para obter o ajustamento dos salários à subida dos preços. Este foi um sinal particularmente preocupante para o presidente-ditador, que viu o próprio povo que dizia defender levantar-se contra ele.

O aproveitamento desta crise por parte da oposição:

O falhanço da política social do presidente da República proporcionou à oposição de direita um tema de fácil instrumentalização. Desenvolveu-se uma campanha virulenta na imprensa, nomeadamente no jornal Tribuna de Imprensa. Em 5 de agosto, o diretor deste jornal, o polémico Carlos Lacerda, foi alvo de um atentado. Foram-lhe disparados vários tiros de revólver. Não foi atingido. Mas o amigo que o acompanhava, o comandante da Aeronáutica Rubens Vaz, foi morto na hora.

A investigação revelou que o assassino estava em contacto com agentes da guarda presidencial. Afirmou-se mesmo, embora não tenha sido absolutamente provado, que um dos filhos do Chefe de Estado estava diretamente envolvido no caso. Os ataques contra o presidente Vargas recomeçaram então a sério. A oportunidade de explorar o escândalo era demasiado grande.

²⁰ «Políticos», em português no texto original.

As manifestações contra Getúlio antes de dia 24:

Tumultos explodiram. Milhares de manifestantes exasperados desfilaram pelas ruas do Rio, Belo Horizonte e São Paulo reivindicando a demissão de Getúlio, cujo mandato só terminaria em 1955. Cedendo à ira popular, o ministro da Aeronáutica pediu demissão. Esta vitória inicial só encorajou os descontentes. A agitação continuava a crescer. Na segunda-feira, os principais líderes militares do Exército abandonaram o presidente que tinham estado a apoiar até então. Getúlio tinha perdido o confronto. Não quis sobreviver à sua derrota.

E, depois do falecimento, as reações dos seus apoiantes:

O suicídio do presidente foi recebido com consternação pelos seus partidários. Houve contramanifestações, desta vez contra os jornais de oposição que haviam feito campanha contra ele. Foram incendiados carrinhos e quiosques. Registaram-se alguns confrontos, mas as medidas tomadas pela polícia evitaram até agora o alastramento da agitação.

Na conclusão, o editorialista do quotidiano de Lausana debruça-se sobre o papel e a influência de Washington no subcontinente:

Os acontecimentos no Brasil terão um grande impacto nos países vizinhos. Todas as repúblicas latino-americanas temem a penetração económica dos Estados Unidos, cuja influência aumenta à medida que são necessários cada vez mais dólares para explorar os recursos naturais destes novos países. Foi a essas «empresas estrangeiras» que o presidente Vargas se refere no seu testamento político. Era contra os “grupos financeiros internacionais” que ele queria defender os trabalhadores, implementando um sistema de liberdade social.

Este tema não é novo. Foi utilizado sucessivamente pelos estadistas latino-americanos para justificar os poderes ditatoriais que se arrogaram pela força, sendo o caso mais típico o do presidente Perón em Buenos Aires. Isto não quer dizer que não haja alguma verdade nestes apelos *pro domo*.



DERNIÈRE MINUTE Coup de théâtre

M. Vargas s'est suicidé

RIO DE JANEIRO, 24. — AFP. — AU MOMENT DE METTRE SOUS PRESSE, NOUS APPRENNONS QUE M. VARGAS S'EST SUICIDE D'UN COUP DE REVOLVER AU COEUR DANS SON APARTEMENT DU PALAIS PRÉSIDENTIEL.

IL A LAISSÉ UN BILLET DANS LEQUEL IL DECLARE NOTAMMENT QU'IL EST MORT EN REGRETTANT DE N'AVOIR PAS FAIT D'AVANTAGE POUR LES HUMILES COMME IL L'AVAIT TANT DESIRÉ.

Fig. 4: «Última hora. Golpe de teatro. O Sr. Vargas suicidou-se. Rio de Janeiro, 24. AFP — Na altura de fechar esta edição, chega a notícia que o Sr. Vargas se suicidou com uma bala de revólver no coração no seu apartamento no Palácio Presidencial. Deixou um bilhete no qual declara nomeadamente que morreu lamentando não ter feito mais para os humildes como tanto tinha desejado.»
(*L'Impartial*, 24 de agosto)

Em Neuchâtel, John Hostettler²¹ — que manifesta uma certa simpatia pelo ex-Presidente («Este fim trágico de um homem velho deixa um sentimento de tristeza e amargura.») — reconstitui a carreira de Getúlio desde 1937 até ao seu regresso no início dos anos 50: Nota a seguir que o Presidente não conseguiu resolver os problemas económicos devidos, em parte, à diminuição da procura externa dos produtos brasileiros. Perante os protestos populares nomeou então João Goulart que decidiu aumentar os ordenados mínimos dos trabalhadores na indústria, o que fez transbordar o vaso:

Oitenta oficiais superiores — apoiados nos bastidores pelos poderes económicos — protestaram publicamente. Goulart teve que se demitir, mas o presidente Vargas assumiu a decisão de aumentar os salários. Era decididamente demais. No Brasil, é sempre o exército que tem a última palavra. Graças à agitação causada pelo escândalo Lacerda, sobre o qual já falámos longamente, conseguiu que o presidente Vargas se demitisse. E [obter] a sua morte. Mesmo assim, nada ficou resolvido.

Agora há vários protestos contra os interesses das grandes companhias estrangeiras e particularmente contra os americanos:

A paixão apoderou-se da mente das pessoas. A crise política vai provavelmente durar anos a acalmar. No seu testamento, que alguns consideram apócrifo, o presidente Vargas não escondeu que o seu país estava a ser explorado por empresas estrangeiras e não foi por acaso que manifestantes atacaram o consulado americano em Belo Horizonte e até a embaixada no Rio de Janeiro. Estão em jogo interesses muito poderosos, tanto nacionais como estrangeiros (basta pensar, por exemplo, nos recursos petrolíferos do Brasil); é caso de se perguntar em nome de quem o exército interveio. Em todo o caso, o dirigismo económico do Presidente Vargas não agradou aos Estados Unidos, para os quais o livre comércio entre as nações era um princípio [indiscutível].

No último parágrafo, o jornalista reconhece os erros do falecido, mas realça o seu papel de estadista:

Dividido entre as suas visões contraditórias do grande capitalismo e de uma política social demagógica, o regime de Vargas não conseguiu cumprir todas as suas promessas. Acabou por se deixar afundar pela onda de descontentamento que provocou. Mas permitiu ao Brasil tomar consciência da sua riqueza e da sua força, de aumentar a sua produção agrícola, de desenvolver a sua indústria e de lançar as bases de uma verdadeira “economia complexa”. Erros foram cometidos. Caberá ao novo governo repará-los. Mas continuará a seguir os aspetos benéficos no caminho traçado pelo grande estadista que foi Getúlio Vargas.

²¹ John HOSTETTLER, «La fin d'un régime», *Feuille d'Avis de Neuchâtel*, 26 de agosto.

Em La Chaux-de-Fonds, P. Bourquin considera que o «suicídio de Vargas é só o ponto culminante da crise brasileira.» Por outras palavras, «o incidente Lacerda foi a faísca que acendeu o incêndio:»²²

A morte trágica do presidente Vargas pôs em evidência os efeitos colaterais espetaculares de um atentado que, provavelmente, apenas desempenhou um papel episódico no desenrolar dos acontecimentos. A 5 de agosto, um desconhecido disparou vários tiros contra o editor do jornal da oposição *Tribuna da Imprensa*, Carlos Lacerda, um polemista de extrema-direita. O inquérito revelou uma relação estreita entre o «assassino» e o filho do presidente Vargas. A oportunidade era demasiado boa para a oposição. Os inimigos do presidente Vargas aproveitaram-na ao máximo. Exigiram a demissão do popular e astuto Getúlio. No final, o exército, que estava do lado dos latifundiários e dos governadores de província, que tinham dificuldade em aceitar a ditadura «trabalhista», impôs a renúncia.

TRAGIQUE REBONDISSEMENT D'UN SCANDALE POLITIQUE

M. Getulio Vargas

président de la République du Brésil

s'est suicidé hier

Renversé par les chefs militaires il avait écrit à son peuple :
« JE NE PEUX PLUS VOUS DONNER QUE MON SANG »

Fig. 5: «Trágica reviravolta de um escândalo político. O Sr. Getúlio Vargas, presidente da República do Brasil, suicidou-se ontem. Derrubado pelos militares, tinha escrito ao seu povo: “Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue.”»
 (Feuille d'Avis de Neuchâtel, 25 de agosto)

O editorialista — que cita algumas frases do artigo da véspera do Journal de Genève — admite que Vargas, dividido entre as reivindicações dos trabalhadores e os interesses das classes dominantes, não soube frenar o aumento dos preços, antes pelo contrário. Além disso, destaca vários males que impedem ao Brasil, «uma das terras mais ricas do mundo — de sair da crise: um sistema fis-

²² P. BOURQUIN, Le suicide du président Vargas... n'est que le point culminant de la crise brésilienne, *L'Impartial*, 26 de agosto.

cal mal-adaptado às condições económicas e sociais modernas, a especulação que «causou terríveis estragos e a perda de valor da moeda.

A seguir denuncia a aliança entre as classes dominantes e as altas patentes do Exército:

A política social do Presidente Vargas não podia deixar de preocupar os ambientes conservadores e os latifundiários, mas era aprovada pelas classes populares, muitas vezes miseráveis. A crise atual, que o Presidente tentara resolver por meio da “democracia autoritária”, nasceu da oposição entre esses extremos. No final, os oficiais superiores do exército, ligados aos grandes governos provinciais e ao mundo da indústria e das finanças, deram luz verde. Não podiam aceitar certos aumentos salariais que, segundo eles, iriam pôr em causa o recrutamento do exército.

No fim do artigo, Bourquin interroga-se sobre as consequências para o Brasil:

Como reagirá o povo brasileiro a estes acontecimentos, e quais serão os ecos do testamento político do presidente, que desaparece numa altura em que o seu país talvez mais precisasse de calma e serenidade? Conseguirá o Brasil libertar-se das influências de uma pequena classe de privilegiados, que não tomam consciência das suas responsabilidades sociais? E conseguirá percorrer sem mais demoras a etapa da «modernização», objetivo também de vários países sul-americanos? Ou assistiremos a verdadeiras convulsões revolucionárias? Podemos ter a certeza de que a América do Norte, por um lado, e Moscovo, por outro, seguem atentamente os acontecimentos.

Na última frase, acusa o Exército: «Quanto ao exército, que depôs o Presidente Vargas devido a um atentado em que provavelmente não esteve envolvido, tem seguramente sérias responsabilidades.»

Henri Schubiger²³ fica surpreendido pelo trágico desfecho da crise, embora ache que com a oposição da maioria das Forças Armadas, nomeadamente do Exército e da Força Aérea, tinha poucas opções de chegar ao fim do mandato.

O editorialista do quotidiano católico genebrino resume a seguir a carreira política de Getúlio a partir das eleições de 1930, mencionando a revolta de São Paulo de 1932, a intentona comunista de 1935 e a instauração do Estado Novo:

Não fazia segredo da sua admiração por regimes de cariz duro e, durante algum tempo, parecia que sonhava em ficar na história como o Mussolini do Brasil. Por fim, optou por um regime decalcado no de

²³ Henri SCHUBIGER, «La fin du “dictateur” Vargas», *Le Courrier*, 26 de agosto. (Editorial) Excluindo uma breve interrupção no fim da Segunda Guerra Mundial, quando colabora com o jornal *La Liberté*, Henri Schubiger (1907-1982) é cronista no *Courrier de Genève* desde 1928 até 1972. O quotidiano muda de nome em 1949, passando a se chamar *Le Courrier*.

Portugal de Salazar [...]: o Estado Novo que criou era uma mistura singular de princípios de extrema-direita e teorias sociais semelhantes às da extrema-esquerda.

Schubiger realça o oportunismo e a falta de escrúpulos do ex-Presidente quando se tratava de fazer ou de romper uma aliança:

Um Perón *avant la lettre*, em suma. Mas a natureza de Vargas era mais complexa do que a de Salazar e do líder do «justicialismo» argentino (que, de resto, ainda estava na sombra nessa altura). Getúlio distingue-se sobretudo por um oportunismo que não se deixa travar por escrúpulos.

Esse traço de caráter pode ser visto na facilidade com que Vargas fazia alianças com os partidos e movimentos mais opostos, de acordo com os interesses do momento, para depois rompê-las logo que essas alianças se tornavam pesadas demais para o seu gosto, e voltar-se violentamente contra os aliados da véspera.

Foi assim que, depois de usar os liberais e esmagá-los quando tentaram se impor contra ele, Vargas cortejou por muito tempo os comunistas de Carlos Prestes. Mas quando estes últimos, por sua vez, fomentaram uma insurreição, o presidente esmagou impiedosamente os tumultos.

Naturalmente, acrescenta, Getúlio precisou do Exército que foi fundamental nomeadamente no golpe de 1937 e também em 1945 quando foi obrigado a retirar-se no Rio Grande do Sul:

À distância, o novo Cincinnatus acompanhava, no entanto, com interesse, os acontecimentos políticos do seu país. Embora tivesse feito muitos inimigos durante os seus quinze anos de ditadura, tinha também muitos amigos e apoiantes; sabia-o e mantinha-se em contacto com os seus simpatizantes, na esperança de que o momento da vingança chegasse em breve.

Na verdade, as dificuldades económicas, financeiras e sociais que o Brasil do pós-guerra enfrentou, favoreceram Vargas. Os seus sucessores não tinham o seu espírito empreendedor e pareciam incapazes de lidar com a inflação crescente, com as suas terríveis consequências para um povo maioritariamente pobre e, nalguns casos, até mesmo indigente.

A escassez de café — o produto nacional por excelência —, o aumento do custo de vida, o desemprego parcial na indústria: tudo contribuía para agitar os ânimos e agravar o mal-estar social. Foi então que, nas vésperas das eleições presidenciais de 1950, Vargas saiu da sua reserva [...] para se recandidatar ao cargo que ocupara durante tanto tempo. Para surpresa de todos, ele venceu com facilidade o candidato oficial, que, no entanto, contava com o apoio do governo.

Durante o seu segundo mandato. Getúlio preocupou-se sobretudo em ganhar a confiança das camadas mais desfavorecidas, provocando a reação da alta burguesia, da extrema-direita e de uma parte do Exército:

Num recente memorando ao ministro da Guerra, muitos oficiais superiores protestaram contra a política social do presidente, em particular contra a sua decisão de duplicar o salário mínimo dos trabalhadores, enquanto o exército estava a ser negligenciado ao ponto de já não poder ter a certeza de ter a capacidade de recrutar um número suficiente de homens. A oposição dos militares, incluindo os chefes da força aérea brasileira, tornou-se cada vez mais amarga e Vargas teve de sacrificar o seu ministro do Trabalho, Goulart, considerado demasiado favorável aos sindicatos. Isso não impediu que os opositores do presidente o acusassem cada vez mais de querer modelar seu regime de acordo com o do general Peron, presidente da Argentina.

No fim do longo editorial, fala das «ardentes» críticas de Lacerda, do atentado, onde parece que esteve envolvida a Guarda presidencial:

Esta foi a origem da crise que, ao se desenvolver com a grande rapidez, obrigaria Vargas a renunciar mais uma vez ao poder, sob a pressão conjunta dos líderes das forças aéreas e terrestres. Mas, debilmente defendido pelo líder de sua maioria no Congresso e abandonado pelos seus ministros, ele teve de ceder. “Só sairei do palácio presidencial morto”, respondeu aos emissários encarregados de lhe arrancar a demissão. Infelizmente, cumpriu a sua palavra.²⁴

Na mesma cidade, *La Tribune de Genève*, depois de ter recordado as duas mortes trágicas do diplomata britânico Robert Steward, visconde de Castle-reagh, (1769-1822) e a do conde Teleki (1879-1941), interroga-se: «Como é que Vargas, que possuía tanta popularidade entre as massas, chegou a esta rendição suprema?».

O quotidiano vespertino de Genebra também faz um resumo da carreira do Getúlio, parecido com o escrito no *Courrier*, com a diferença que este editorialista sublinha a importância da doutrina de Auguste Comte na formação do ex-Presidente. Realça igualmente a dificuldade que teve para melhorar as condições de vida da classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, de promover o desenvolvimento da indústria.

La Tribune de Genève – que, entre os suicídios de políticos, cita o do Visconde Castlereagh, Secretário britânico dos Negócios estrangeiros em agosto de 1822 e o do Primeiro ministro húngaro Pál Teleki em abril de 1941 — dá também mais detalhes sobre o papel de Lacerda, em denunciar os escândalos e a corrupção nomeadamente no caso da polémica quanto à origem do jornalista russo-brasileiro Samuel Wainer:

²⁴ R. C., «En marge de l'Actualité. La fin du président Vargas», *La Tribune de Genève*, 27 de agosto.

Um dos jornais que mais atacou o regime foi a *Tribuna da Imprensa*, órgão da União Democrática Nacional, editado por Carlos Lacerda. Surgiu uma polémica de uma violência inaudita entre este jornal e o *Última Hora*, um jornal a soldo do governo. Lacerda, que foi preso mais de uma vez pelos seus excessos verbais, atacou pessoalmente o redator-chefe do *Última Hora*, Samuel Wainer, acusando-o de ter falsificado os seus documentos de identidade para ocultar sua origem ucraniana. Na sequência disso, Wainer foi obrigado a demitir-se.

O articulista, depois de ter falado das acusações de Lacerda contra o Presidente, considerado como responsável do atentado, toma posição:

Está fora de discussão que nem ele, nem o seu filho, o deputado Lutero Vargas, acusados pelos seus adversários políticos, estejam envolvidos no caso. «Até agora», declarou Getúlio Vargas, «eu considerava Lacerda o meu pior inimigo, porque ninguém prejudicou mais o meu governo. Agora ele é apenas o meu inimigo número dois, porque o meu inimigo número um é o autor do atentado».

Agora, conclui o editorialista do jornal genebrino — que insiste também sobre a forte pressão das Forças Armadas e nomeadamente da Força Aérea (o homem morto no atentado era major da Aviação) — Café Filho terá a tarefa muito árdua de suceder a alguém visto como mártir por numerosos apoiantes do ex-Presidente: «Parece estar a iniciar uma página singularmente perturbada na história do Brasil.»

O editorialista do também genebrino *La Suisse* debruça-se sobretudo sobre as causas profundas da crise²⁵, pois considera que os «recentes incidentes não explicam tudo». Resume a carreira do político gaúcho e afirma que o «testamento político» de Getúlio justifica porque tomou esta trágica decisão:

Na verdade, desde 1930, ele vinha tentando aplicar no Brasil uma política nacional que libertasse o país das influências estrangeiras, e uma política social que realizasse a transição entre uma oligarquia rica e todo-poderosa e um grande e miserável proletariado.

Muitos países da América Central e do Sul encontram-se na mesma situação e prosseguem a sua «libertação», com diferentes resultados.

A principal causa é o facto de esta política colidir com interesses poderosos, tanto a nível interno como externo.

Por outro lado, desde o fim da guerra, o Brasil, um país com imensos recursos inexplorados, está a conhecer uma febre de desenvolvimento que atrai ainda mais a especulação do que o trabalho.

Um atentado político contra um jornalista da oposição pode abalar um regime, mas só quando este é dilacerado por interesses particulares.

²⁵ René BAUME, «La mort de Vargas», *La Suisse*, 25 de agosto.

Conclui apontando responsabilidades à chefia militar: «Teremos de ver em nome de quem interveio o exército que depôs Vargas – e que provocou o suicídio.»

No Cantão do Valais, Sues fica muito surpreendido com a «funesta determinação» de Getúlio²⁶.

O que é mais surpreendente é o facto de o Presidente Vargas se ter deixado cair no seu próprio jogo do qual conhecia todas as subtilezas, todos os perigos e todos os meandros, tendo ocupado a cena política do seu país durante mais de trinta anos.

Militar, depois advogado, depois deputado, tornou-se ministro em 1926 e Presidente depois de ter feito uma revolução que abalou o Estado de Direito em 1930. O que segue é da mesma ordem. Excetuando o período de 1945-1950, está no poder, dando ao seu próprio regime o nome de «democracia autoritária». Isto diz tudo, mas não é nada de extraordinário neste mundo ainda novo que, inspirado nos princípios das democracias-mãe da velha Europa, apenas conservou os termos e não o espírito.

Por conseguinte, acrescenta, «não seria oportuno dar mais importância a esta personalidade do que à do Presidente Arbenz» na Guatemala.

Depois de ter posto em evidência as peculiaridades do Brasil —participou nas duas guerras mundiais e enviou «um destacamento simbólico para Coreia», é mais aberto aos problemas do mundo e precisa de manter boas relações com todas as nações — aborda o tema central, a quase impossibilidade de conciliar os interesses dos mais ricos com os das classes mais desfavorecidas:

No entanto, o homem era de facto da estirpe daqueles que procuram conciliar duas coisas incompatíveis. No Chile, na Argentina, na Bolívia, na Guatemala ou em qualquer outro lugar — poderíamos citar todos os Estados hispano-americanos, se olharmos para os últimos oitenta anos da sua política interna — há muitos outros homens que procuraram e continuam a procurar esse casamento da razão. O que é que é? Um antagonismo irreconciliável entre as duas únicas classes sociais destes países. De um lado, algumas famílias imensamente ricas, sucessoras dos colonos de outrora; do outro, uma população pobre e assustadoramente miserável, que há muito trabalha, labuta e sofre, sem ver melhorar a sua condição. Era inevitável que, no rescaldo da primeira guerra mundial, quando começaram a circular as nobres ideias da emancipação dos povos, os políticos ambiciosos, em vez de se limitarem à tradição, procurassem apoiar-se nos “números” para chegar ao poder. Era um bom caminho, pois atendia a uma necessidade real, a de elevar o nível social das massas analfabetas. Vargas foi um dos que se lançaram na arena política em nome desse belo idealismo. Mais tarde, chegou o momento em que o idealismo ficou em se-

²⁶ M^e M.-W. SUES, « Un coup de revolver... », *Nouvelliste valaisan*, 27 de agosto.

gundo plano e o líder passou a ser inspirado apenas por considerações governamentais. Como a situação económica do Brasil piorou mais do que a dos seus vizinhos, as consequências foram ainda mais violentas. A Argentina não teve greves que o General Perón demorou a travar? O Brasil teve escândalos. O sangue foi derramado. Foi derramado uma segunda vez.

Na conclusão, afirma que Vargas «errou em ter agido com tanta precipitação» e que, de qualquer forma, «este incidente» não terá «nenhuma repercussão durável» para o Brasil: «Não se pode recuperar o que ele perdeu! Só o tempo dirá se ele esteve certo ou errado em desembainhar o seu revólver.»

A 28, a *Nouvelle Revue de Lausanne*, ressalva que Vargas é um caso único na América Latina, por ter ficado tanto tempo no poder, num subcontinente onde «as ascensões rápidas e os desaparecimentos fulgurantes estão na ordem do dia.»²⁷

Como os seus colegas, faz um resumo da vida política do ex-Presidente: fala do estabelecimento do Estado Novo, «com muitas semelhanças com o Portugal de Salazar»; nota que Vargas foi afastado do poder em 1945, pela «suas simpatias pelas potências do Eixo»; sublinha que regressou em 1950 graças «às suas qualidades excepcionais, tendo esperado pacientemente o seu momento»; realça também a violência da oposição durante o seu segundo mandato; acaba por relatar o atentado a Lacerda, ao *ultimatum* dos militares e o suicídio.

Comenta a seguir a parte da carta-testamento onde Getúlio acusa as multinacionais e especialmente os Estados Unidos:

Ele era um homem muito popular. “Queremos Getúlio”, era o grito de mobilização dos seus apoiantes durante a sua campanha eleitoral. Numa carta que deixou, o presidente diz que só trabalhou para melhorar a sorte do seu povo, de quem era escravo, mas que não deve ser escravo de ninguém. De uma forma muito concreta, acusa as empresas estrangeiras de terem obtido lucros de 500% no Brasil. Não há dúvida de que, ao pôr voluntariamente fim à sua vida, o presidente sabia exatamente o que este ato iria provocar: manifestações antiamericanas. A sua morte torna mais amarga do que nunca a luta entre os apoiantes dos EUA e os seus opositores.

O articulista tenta perceber o que levou o ex-Presidente a cometer o irreparável:

É muito difícil dizer exatamente o que fez com que o presidente tomasse esta decisão final. É possível que as acusações contra o seu filho tenham sido em parte responsáveis. Também é possível que, como a luta lhe pare-

²⁷ Jean Heer., «Chronique de l'étranger. Getúlio Vargas», *Nouvelle Revue de Lausanne*, 28 de agosto. O *Journal et Feuille d'Avis du Valais et de Sion*, publica o mesmon texto a 1 de setembro. Jean Heer (1915-1997), formado em direito, foi jornalista durante mais de meio século. Colaborou nomeadamente com o *Journal de Genève*, *La Suisse* e a *Gazette de Lausanne*.

cia inútil, o presidente não quisesse regressar às fileiras uma segunda vez. Mas, quando diz na sua carta que o seu nome será uma bandeira, o seu objetivo é mais alto. Sabia a rapidez com que os seus compatriotas reagiriam e estava consciente de que a sua morte obrigaria os seus apoiantes a não ceder. A história recordá-lo-á como um grande lutador que não se rendeu.

Preocupado com as desordens ocorridas depois do falecimento de Vargas, o jornal radical espera que o país evite a guerra civil. Tem, porém, a certeza que «os comunistas tirarão o maior proveito dos dramáticos acontecimentos no Brasil» e que a posição dos Estados Unidos sairá enfraquecida.

No mesmo dia, a *Feuille d'Avis de Neuchâtel* publica um texto de caráter mais religioso no qual o autor — que se interroga sobre «o sentido desta morte»²⁸ — cita três breves trechos da sua carta-testamento: «Escolho este meio de estar sempre convosco»; «ofereço em holocausto a minha vida»; «cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência.»

No entanto, apesar de manifestar respeito pelas palavras que um homem assinou com a sua morte, pensa que estas refletem uma «ilusão lamentável», pois só a morte de Cristo «foi expiatória e garante a salvação do mundo»:

Há certamente sacrifícios que devemos fazer, incluindo aquele a que chamamos o sacrifício supremo quando termina na morte (provavelmente erradamente, porque há talvez sacrifícios maiores). Dar a vida é uma prova irrefutável de amor, e essa prova também deve ser dada. No entanto, o dom da nossa vida nunca será comparável ao sacrifício único d'Aquele que era a vida. Devemos manter-nos modestos e, mesmo aqui, evitar o excesso.

Mas onde a ilusão se torna verdadeiramente trágica é quando o homem imagina que a sua intenção generosa o autoriza a tirar voluntariamente a sua própria vida. Deus pede-nos sobretudo que vivamos para Ele e para os homens e, se necessário, que consintamos na morte por Ele e por eles. Mas não nos cabe a nós tirar voluntariamente a nossa própria vida: só Deus determina o tempo e o modo.

Deus pede-nos que lhe entreguemos a nossa vida e a nossa morte.

A nossa tarefa é viver de acordo com a Sua vontade. A nossa morte é da sua conta.

Por seu lado, Edmond Privat, no quotidiano socialista *La Sentinelle*, afirma que Getúlio conseguiu derrotar os seus adversários.²⁹

²⁸ J.-S. J., «Mort de quelqu'un», *Feuille d'Avis de Neuchâtel*, 28 de agosto.

²⁹ Edmond PRIVAT, «Au Brésil. Vargas et les USA», *La Sentinelle*, 29 de agosto. Grande promotor do esperanto, Edmond Privat (1889-1963) é um jornalista, convicto pacifista, defensor dos direitos do homem e professor de língua e literatura anglo-saxónicas em Neuchâtel de 1945 a 1959.

Ao sacrificar a sua vida em protesto contra os ataques dos seus adversários, o presidente Vargas conseguiu transformar a sua derrota num triunfo. O seu funeral foi uma apoteose e ele entrou para a história e para a lenda como um dos grandes heróis do Brasil. O exército obrigou-o a renunciar temporariamente por três meses, após o misterioso assassinato de um jornalista da oposição. Preferiu ganhar morrendo do que perder sobrevivendo, e a fúria popular explodiu contra os jornais que o atacaram e contra a embaixada americana, acusada de ter conspirado contra ele.

O articulista põe em evidência uma frase do testamento político de Vargas que menciona as pressões exercidas por parte das grandes companhias americanas, contrárias à nacionalização da indústria petrolífera. Para o editorialista, trata-se de uma nova derrota de Washington, criticado pela opinião política brasileira depois da intervenção na Guatemala³⁰:

Este é mais um fracasso do Sr. Foster Dulles, que está a minar, uma após outra, as amizades que rodeavam o seu país. As multidões que se queixam dos Estados Unidos na Suíça, no Brasil, na Índia, em França e na Inglaterra não são êxitos de política externa, e a propaganda comunista pode poupar dinheiro, porque o Departamento de Estado está a fazer um trabalho brilhante [para desacreditar a política americana].

Privat explica também que, consciente de que o Brasil não devia depender unicamente das vendas do café, Vargas «tudo fez para industrializar o país», mas precisava de importantes meios financeiros para poder rentabilizar a produção do ouro negro e «para desenvolver a indústria emergente»:

Querendo reservar [a produção petrolífera] para o Estado, em vez de aceitar as ofertas dos grupos financeiros americanos, o regime trabalhista defende, de facto, o interesse nacional futuro, mas atrasa a prosperidade imediata, e é por isso que os meios financeiros o criticam.

Agora, estes estão a contar com uma mudança de rumo do novo Presidente, conclui o editorialista:

[...] esperam que o vice-presidente, Café «Filho» [...] tente formar um gabinete de coligação no qual poderão moderar as políticas trabalhistas e fazer prevalecer o seu ponto de vista. Todavia, não têm em conta a resistência das massas trabalhadoras e dos sindicatos, que se tornaram relativamente poderosos desde a guerra.

³⁰ Depois de um golpe de Estado organizado pelos Estados-Unidos, o Presidente da Guatemala Jacobo Arbenz (1913-1971), de origem suíça, tem de fugir a 27 de junho de 1954.

O comunista *Voix Ouvrière* relata os acontecimentos na última página do dia 25³¹, acrescentando um comentário que põe em evidência as contradições da política getulista:

O Brasil atravessa atualmente uma crise económica, com a inflação do cruzeiro e a queda do preço do café. Vargas, que era um demagogo de primeira categoria, comprazia-se de bom grado em apresentar-se como o protetor dos «humildes», ao mesmo tempo que defendia os interesses dos monopólios, ligando o país aos EUA e perseguindo o Partido Comunista, cujo líder Luis Carlos Prestes se tornou uma figura lendária.

Vargas havia recentemente reajustado maciçamente os salários (o que, por causa da inflação, não aumentou o salário real). No entanto, essa política fez com que parte da burguesia se virasse contra ele, razão pela qual o exército se opôs ao seu governo.

No dia seguinte, desta vez na primeira página, sintetiza a «movimentada» carreira do político falecido. Para o órgão do Parti suisse du travail³², Getúlio tomou o poder em 1930 com «o apoio de grupos fascistas». Nos anos seguintes, fez tudo para consolidar o seu «regime fascista»: esmagou uma revolta comunista, entregou aos nazis a companheira de Prestes e, em 1937, proclamou pela segunda vez a dissolução do legislativo.

Afastado em 1945, voltou em 1950. Aqui o diário comunista volta a atacar o ex-Presidente:

O seu primeiro ato foi a ilegalização de todas as organizações operárias e democráticas, mas o ditador não teria a mesma facilidade de governar como antes da guerra. Apesar de clandestinas, as organizações operárias continuaram poderosas, a ponto de impedir qualquer participação brasileira na Guerra da Coreia ao lado dos EUA.

O jornal nota, porém, que, como Perón, Vargas decidiu resistir à pressão exercida pelos americanos no plano económico:

É evidente que isto não agradou à facção burguesa pró-americana, que inclui oficiais gerais (em particular os da Força Aérea, que têm uma relação mais do que amigável com o Pentágono), e daqui adveio a origem da crise que assumiu uma nova dimensão esta semana, após o suicídio de Vargas.

Em setembro, o jornal genebrino consagra mais dois artigos ao maior país da América latina. A 2, com um grande título na primeira página, fala da greve

³¹ «Dramatiques événements au Brésil. Le suicide du président Vargas», *Voix Ouvrière*, 25 de agosto.

³² O Parti suisse du travail (P.S.T.) é um partido suíço de inspiração marxista fundado em 1944.

prevista em São Paulo³³; quatro dias mais tarde, um outro —que também fez manchete na primeira página — fala de um país rico que «ocupa os primeiros lugares nas estatísticas mundiais da pobreza, da subalimentação e das doenças contagiosas». O articulista insiste no poder das grandes companhias norte-americanas que são os verdadeiros donos e cujo único objetivo é o lucro e o papel das organizações sindicais na luta contra o imperialismo americano.

Faz também algumas considerações sobre o último Governo getulista:

A situação de Vargas tornara-se difícil nos últimos tempos. A onda anti-americana que varria a América Latina tinha encontrado terreno fértil no Brasil por todas as razões acima mencionadas. A dependência do governo de Vargas em relação aos EUA ameaçava, há já algum tempo, derrubar todo o regime brasileiro, que era, aliás, uma típica ditadura social-democrata.

O direito à greve, por exemplo, foi abolido pela Constituição, mas as massas trabalhadoras eram demasiado numerosas e fortes para serem acaimadas pela polícia. Foi assim que o governo Vargas se tornou cada vez mais instável.

O jornalista termina a sua análise desejando que a Convenção pela Emancipação nacional, na qual faz parte o P.C.B., possa por fim à dependência do Brasil em relação aos Estados Unidos.

d) Os jornais regionais

Por vezes, a imprensa regional e local não se limita a transcrever os despachos sobre o suicídio, mas também o analisa.

* * *

No Jura, na altura ainda território do Cantão de Berna, *Le Démocrate*³⁴ pensa que se trata de «mais um episódio da luta» entre Lacerda. «o jornalista de escândalos, que tem o apoio da burguesia brasileira», e o Executivo do Rio de Janeiro. Porém, o que explica tudo são as futuras eleições do mês de outubro:

³³ «Aujourd'hui à São Paulo au Brésil, 800.000 travailleurs entrent en grève pour leurs revendications et contre le coup de force yankee» [Hoje, em São Paulo no Brasil, 800.000 trabalhadores entram em greve para proclamar as suas reivindicações e contra o golpe yankee], *Voix Ouvrière*, 2 de setembro.

³⁴ Jean-Claude D., *Le Démocrate*, 25 de agosto.

É por isso que, recentemente, ao aumentar os baixos salários em cem, duzentos e até trezentos por cento, o presidente Vargas parecia ter conseguido a vitória. É por isso que a oposição se aproveitou ao máximo do atentado frustrado contra o jornalista Lacerda, que pôs o exército em ação. É por isso que o exército, que durante muito tempo foi o grande mudo (porque, sem dúvida, se ele havia deposto Vargas em 1945, foi o exército que o chamou de volta em 1950), resolveu agir quando o nome de Vargas foi mencionado, já que se dizia que o filho do presidente tinha ligações com os presumíveis assassinos.

O jornalista interroga-se, no fim do texto, sobre as consequências do trágico gesto:

Com esta trágica determinação, terá Vargas de novo virado o jogo? Fala-se de manifestações em todo o Brasil, nas quais o nome de Vargas é gritado por milhares de pessoas, e o homem sorridente e cordial, o Vice-Presidente Filho, que recebeu automaticamente o mandato para formar o novo ministério após a demissão do governo, verá sem dúvida a sua tarefa facilitada.

E a carta-testamento deixada pelo presidente Vargas não deveria ser suficiente para animar a multidão?

A 26, o trissemanário da vila de Aigle³⁵ resume os factos e censura os excessos jornalísticos

A crise política desencadeada pelo atentado, durante a campanha eleitoral, contra um jornalista da oposição, que apenas ficou ferido, mas cujo amigo, o comandante Rubens Vaz, foi assassinado, tomou um rumo dramático. O presidente Vargas, cujo filho foi acusado de envolvimento no atentado, suicidou-se no final da manhã de terça-feira. Já antes tinham circulado notícias contraditórias, primeiro sobre uma possível demissão, depois sobre uma licença que tencionava tirar por um período de três meses. Em seguida, veio a notícia, quase imediata nas ondas de rádio, de que se tinha suicidado. Esta decisão trágica foi motivada pelo escândalo, que foi explorado até ao limite em seu nome, e que teve mais a ver com vingança pessoal do que com considerações políticas. Tinha 71 anos de idade.

No segundo parágrafo, realça o papel do Exército que por vezes apoiou e outras vezes abandonou o «popular e astuto» Getúlio. Este fez «entrar as massas populares na vida pública do seu país», mas não conseguiu debelar a inflação galopante.

³⁵ «Brésil. Le président Vargas se suicide», *Feuille d'Avis d'Aigle*, 26 de agosto.

Para *La Gruyère*, «este suicídio é o ato supremo de uma carreira política que marcou a América latina.»³⁶ A seguir, faz um longo resumo — com algumas imprecisões — da carreira de Vargas de 1930, quando instalou uma «democracia autoritária», até 1951, quando «reocupou o Palácio presidencial». Enfatiza alguns aspetos:

Introduziu as mudanças sociais necessárias para tirar a plebe analfabeta de uma pobreza inqualificável. Reduziu os lucros escandalosos de uma velha aristocracia fundiária e de uma pequena casta de mercantilistas bilionários. Industrializou o seu país. Regulamentou o comércio externo. Tornou-o uma potência diplomática. Estes progressos realizaram-se num clima de ditadura.

Realça a violência da campanha eleitoral que começou há vários meses, fala do atentado e aponta o dedo acusador contra o filho do ex-Presidente:

Os brasileiros têm o sangue quente. A campanha eleitoral começou há vários meses. A imprensa da oposição mostrou-se muito agressiva contra o Presidente Vargas. O grande diário *Tribuna da Imprensa* liderou o movimento. O seu chefe de redação, Carlos Lacerda, falava sem rodeios. A 5 de agosto, houve um atentado contra ele. Mas o agressor falhou. Matou um oficial que o acompanhava, o chefe de esquadra Rubens Vaz. Imediatamente, nos meios militares, deu-se uma enorme onda de ódio. Vargas foi acusado de ter aprovado a execução sumária e de ter dificultado a investigação policial. A polícia logo revelou que o assassino era um membro da guarda pessoal do presidente. E quem é que lhe armou o braço? O próprio filho de Vargas, o senhor Lutero Vargas, candidato a deputado.

Narra os acontecimentos que levaram ao suicídio e comenta a carta-testamento, na qual, escreve o jornalista de Bulle, Vargas, além de relatar a luta contra a inflação e em prol das classes mais desfavorecidas, «exprime sentimentos de rara humanidade para com os seus detratores», nomeadamente quando escreve que «ao ódio respondo com o meu perdão».

No último parágrafo, trata das primeiras reações do povo:

Esse desfecho dramático provocou uma enorme onda de tristeza e raiva em todo o Brasil. A população enfurecida atacou os partidos e jornais que lutaram contra o presidente e os “estrangeiros” que o impediram de agir. O consulado dos Estados Unidos em Belo Horizonte foi saqueado. Graves incidentes foram registados tanto nas cidades quanto no campo. No seu caixão, Getúlio Vargas obtém vingança.

³⁶ G.G., «Revue étrangère. Le président Vargas se tue et se venge» [O presidente Vargas mata-se e vinga-se], *La Gruyère*, 26 de agosto.

A primeira parte do comentário de *Le Jura*, trissemanário da minoria francófona do Cantão de Berna, comenta e cita trechos da carta-testamento³⁷:

Sem dúvida sob a influência da excitação, o Presidente escreveu um manifesto apaixonado no qual se retrata como a vítima do bem-estar do povo. Tudo o que pretendia fazer para melhorar a situação material, muitas vezes miserável, das classes mais pobres foi frustrado, afirma.

Assinala também as consequências imediatas destas suas palavras:

O efeito desta diatribe extremamente violenta foi imediato. As turbulências começaram no Rio de Janeiro. Os manifestantes atacaram jornais da oposição e quiosques foram saqueados. Embora a ordem tenha sido restabelecida, a situação continua tensa.

Depois de ter sintetizado os últimos acontecimentos a partir de dia 5 de agosto e, nomeadamente, as investigações dos militares para descobrir os autores do atentado, o editorialista conclui:

A oportunidade era demasiado boa para a oposição, que não ficou descontente em ver o “clã Vargas” seriamente comprometido apenas algumas semanas antes das eleições. Mais do que a personalidade do presidente, o alvo era a sua política. Há vários meses, o exército vinha manifestando preocupação e descontentamento. Considerava que as recentes vantagens atribuídas aos trabalhadores podiam constituir uma ameaça perigosa para os seus próprios privilégios. No Brasil, é sempre o exército que decide no fim. Vargas tinha alguma noção disso. Ao longo da sua longa e movimentada carreira, teve por vezes o exército contra si. Desta vez, Getúlio, o velho combatente, tão astuto, tão popular, não terá podido maquinar uma nova vingança.

Georges Duplain resume a visita que fez a Vargas na sua residência de Petrópolis no início de 1952³⁸, juntamente com outros colegas seus e ao ministro suíço no Brasil. Descreve o palácio, o protocolo, a longa espera, os discursos deste breve encontro, no qual o jornalista suíço realça a complementaridade entre as duas economias, a suíça e a brasileira.

Faz um retrato de Getúlio:

Homem baixo e atarracado, o Presidente Vargas deixou-nos uma forte impressão; uma das maiores que já vimos de um brasileiro, juntamente

³⁷ «Une tragédie au Brésil. Suicide du président Vargas, *Le Jura*, 26 de agosto.

³⁸ Georges DUPLAIN, «Souvenir d’une visite au Président Vargas», *Journal d’Yverdon*, 27 de agosto. Georges Duplain (1914-1993) foi redator da *Gazette de Lausanne* (1943-1952) e diretor do *Journal d’Yverdon* (1953-1958), antes de se tornar correspondente da *Gazette de Lausanne* e da Radio suisse romande em Berna (1968-1979).

com aquele outro gerador de energia, Assis Chateaubriand, o magnata da imprensa. O Presidente Vargas era indiscutivelmente um grande homem. Via-se nos seus olhos extremamente penetrantes, sentia-se na sua personalidade quase magnética, que se impunha à plateia, mesmo no ambiente relativamente simples em que nos recebeu. Era um daqueles homens que dizemos a nós próprios que é melhor não ter de enfrentar... Pensávamos nele mais como um ditador, como foi durante oito anos, do que como um chefe de Estado democrático, como também sabia ser.

O jornalista fica muito surpreendido com o suicídio:

Quem diria então que, dois anos e meio depois, o presidente Vargas poderia acabar assim...

A sua morte é um acontecimento grave, mais um momento difícil para o Brasil. O papel económico e político decisivo que este país desempenha na América do Sul faz com que este acontecimento afete necessariamente o resto do mundo. Não estávamos mesmo à espera: o gesto, nas circunstâncias que conhecemos, não se enquadra na personalidade hábil e no espírito de luta que conhecemos. Mas o que sabemos sobre o homem e os factos reais? Uma coisa é certa: o destino do Brasil não pode ser afetado. É um país demasiado grande, demasiado rico, com um futuro promissor, para que uma crise desta natureza o faça afetar.

O bissemanário *La Patrie valaisanne* julga severamente o gesto fatal de Vargas³⁹. Não é nem um herói, como Winkelried⁴⁰, nem um mártir, porque estes não quiseram a própria morte, sublinha o editorialista, o qual cita uma longa passagem da sua carta-testamento que julga egocentrista.

Meu Deus, aqui está alguém que se julga o Messias, se não mesmo Deus Pai. Se a histeria, segundo os melhores sábios, consiste numa hipertrofia da consciência da própria personalidade, este homem era certamente histórico, tal como Hitler ou Mussolini. Podemos ver onde isto nos levou.

O jornalista – segundo o qual nenhum mártir nem nenhum herói se suicidou – não percebe o objetivo deste gesto fatal.

Embora na América do Sul os ânimos se exaltem facilmente, há todas as razões para crer que, quaisquer que sejam as ações do Presidente Vargas, quaisquer que sejam os seus méritos e o reconhecimento que mereceu por parte dos brasileiros, este seu desfecho não vai contribuir para a sua memória.

³⁹ S. M., «Geste stupide, justification dérisoire» [Gesto estúpido, justificação irrisória], *La Patrie valaisanne*, 27 de agosto.

⁴⁰ Arnold von Winkelried é um herói lendário suíço cujo sacrifício teria permitido vencer a batalha de Sempach contra os Habsburgos em 1386.

No fim do artigo, o jornal – que considera sem valor a carta-testamento por causa do contexto no qual foi escrita – reconhece que a vida da maioria do povo brasileiro é miserável e que o ex-presidente tem algum mérito, mas condena o seu gesto fatal:

Não há dúvida, porém, de que a afirmação de que grande parte do povo brasileiro é explorada pela finança internacional tem muito de verídico. Foram publicados estudos sobre o assunto e é certo, por exemplo, que os trabalhadores das plantações de cacau se encontram numa condição que não se compara à das pessoas mais miseráveis aqui na Suíça.

Se o presidente Vargas trabalhou realmente para abolir esta escravidão latente, honra lhe seja feita. Deus o reconhecerá.

Mas isso ainda não explica o seu gesto estúpido de última hora, nem justifica a tentativa de legitimar as razões que tentou apresentar.

A 27, *Le Jura vaudois* insere um breve resumo que termina com o desejo que não aconteça no Brasil o mesmo que na Guatemala, onde, em junho, um golpe de Estado, organizado pela CIA contra o presidente Arbenz e as suas reformas, instaurou uma ditadura de direita:

A crise eclodiu no Brasil. Sob pressão do exército, o Presidente Vargas demitiu-se. Em seguida, suicidou-se. Numa carta-testamento, talvez apócrifa, escreve que as influências estrangeiras paralisam as suas tentativas de melhorar as condições de vida do povo. Perturbações políticas obrigaram a polícia a intervir: houve incêndios em redações de jornais, a embaixada dos Estados Unidos sofreu ameaças. Foi formado um novo governo. Será que o que aconteceu na Guatemala se vai repetir no Brasil? É de esperar que não.

* * *

Nas revistas ilustradas da Romandia, *L'Illustré* não menciona o sucedido enquanto o *Radio Je vois tout* de dia 2 de setembro insere três fotografias: uma de Getúlio, que «preferiu suicidar-se em vez de perder o poder»; uma da viúva que «seria candidata às eleições senatoriais no Estado do Rio Grande do Sul» e uma do seu sucessor, Café Filho [cf. Fig 7].

A 31 de agosto, o semanário *Pour Tous* publica um pequeno artigo [cf. Fig. 6], no qual põe em evidência, além do atentado e das suas consequências, dois aspetos: por um lado, que a campanha contra Vargas – criticado por ter favorecido um magnata da imprensa – dura há três anos e, por outro lado, que «todos os grandes interesses económicos que se sentiam ameaçados pelos planos de reforma social uniram-se» para derrubá-lo.

L'Écho Illustré de dia 28 de agosto dedica toda a capa ao «Caso Lacerda». Neste número, podemos ler um artigo de quatro páginas ilustrado com oito



LE DRAME BRÉSILIEN

◀ Le président Vargas à l'époque de sa réélection, en 1950, alors que des Indiens l'avaient couronné de fleurs.

Depuis trois ans environ, une vaste campagne était dirigée par l'opposition contre le président brésilien Getúlio Vargas. On lui reprochait ouvertement d'avoir favorisé l'immigration illégale d'un mystérieux Ukrainien qui était devenu l'un des rois de la presse sous un faux nom. Mais en même temps, tous les grands intérêts économiques que les plans de réforme sociale dérangeaient, s'unissaient pour faire tomber le chef du gouvernement. Le journaliste Carlos Lacerda, ennemi personnel du président, fut attaqué et l'un de ses amis tué à ses côtés. Cet attentat mit le feu aux poudres et les officiers de l'aviation exigèrent la démission de M. Vargas qui se réfugia dans la mort en laissant un testament politique dont l'authenticité est contestée.



Fig. 6: «O drama brasileiro», com uma imagem de Getúlio de 1950 quando os Índios lhe tinham dado uma coroa de flores e uma do seu sucessor Café Filho (à esquerda) com o Presidente Auriol durante uma visita a Paris. (*Pour Tous*, 31 de agosto)



Fig. 7 : A viúva de Vargas e o seu sucessor (*Radio Je vois tout*, 2 de setembro)

fotografias: «O Brasil, que prepara as eleições, exalta-se por causa do caso Lacerda». [Cf. Fig. 8]

Na primeira parte, menciona as relações bilaterais: O Brasil é o terceiro importador não europeu de produtos suíços, depois dos Estados Unidos e do Canadá; a Suíça importa do Brasil, sobretudo matérias-primas (café, cacau, tabaco, milho, frutas, algodão, etc.) num total de 57 milhões de francos em 1952; no mesmo ano, exportou para o maior país sul-americano essencialmente produtos manufaturados (máquinas, corantes, produtos farmacêuticos, relógios, etc.) o valor de 145 milhões. Estas relações comerciais entre a Confederação e um país em pleno desenvolvimento que consome «produtos de precisão suíços» e que dispõe de matérias primas necessárias para a indústria explica o interesse dos jornais nos recentes acontecimentos:

Mas o que é que se passa no Rio de Janeiro, onde os ânimos parecem estar exaltados? A polícia disparou contra os manifestantes, dois ministros demitiram-se, oficiais superiores foram detidos e estão a decorrer julgamentos. Não será isto um prelúdio das eleições de 13 de outubro?

O jornalista dá uma imagem relativamente positiva do regime: tem uma legislação social das mais avançadas; trata-se de uma ditadura que não é impopular e que se apoia nas massas; não houve muitas prisões e nenhum assassinato político. O articulista interroga-se então sobre a causa da forte agitação e das turbulências. Na sua opinião a resposta é simples, Carlos Lacerda:

Carlos Lacerda é um pouco como o «*enfant terrible*» do Brasil. Uma espécie de Guareschi⁴¹... No seu jornal, Lacerda atacou recentemente um órgão do governo cujo diretor, amigo pessoal do Presidente Vargas, acusou de ser um brasileiro recente. Foi aberto um processo que ainda não foi concluído. Pouco tempo depois, foi o ministro da Agricultura que foi acusado por Lacerda de estar envolvido num caso de corrupção, ao que parece, sem razão. Seja como for, é fácil perceber a amplitude que estas polémicas podem ganhar nas terras quentes brasileiras.

A seguir, narra os factos a partir do atentado. Na sua opinião, toda essa agitação tem um único objetivo, o Presidente:

E não pensávamos que éramos assim tão bons profetas! De facto, no momento em que vamos para o prelo, ficamos a saber que a comédia se transformou em drama: o Presidente Vargas decidiu na terça-feira demitir-se, mas uma hora depois, suicidou-se.

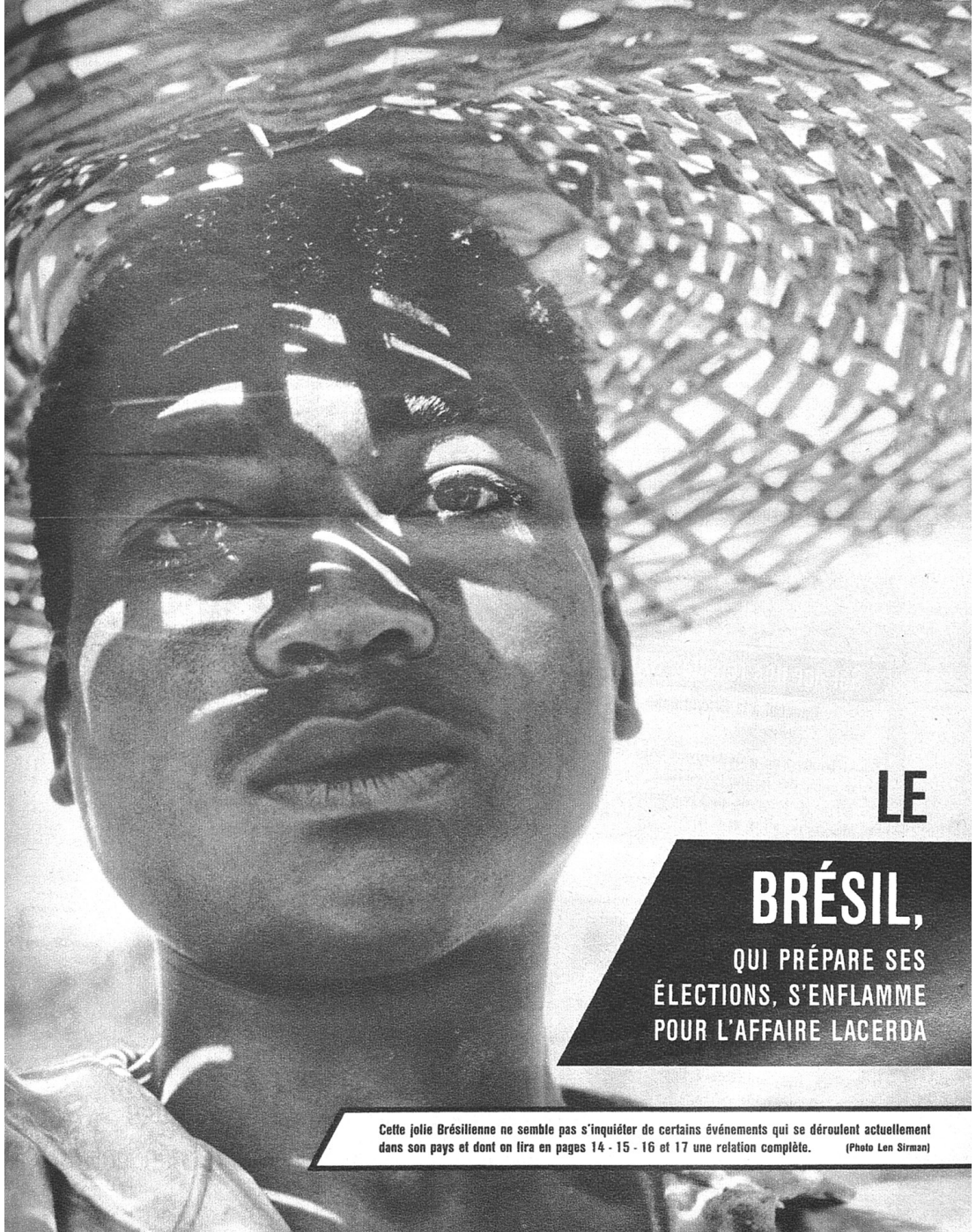
⁴¹ Giovannino Guareschi (1908-1968), jornalista e escritor italiano, autor do célebre *Don Camillo*, foi condenado em 1950 por ultraje ao Presidente Luigi Einaudi e em 1954 por ter difamado o ex-Primeiro Ministro Alcide De Gasperi. Somando as duas condenações, fez 409 dias de prisão.

J. A. GENÈVE

25^e ANNÉE - NUMÉRO 35

28 AOUT 1954
PARAIT LE SAMEDI

L'ÉCHO ILLUSTRÉ



LE

BRÉSIL,

QUI PRÉPARE SES
ÉLECTIONS, S'ENFLAMME
POUR L'AFFAIRE LACERDA

Cette jolie Brésilienne ne semble pas s'inquiéter de certains événements qui se déroulent actuellement dans son pays et dont on lira en pages 14 - 15 - 16 et 17 une relation complète. (Photo Len Sirman)

Fig. 8 : *L'Écho Illustré*, 28 de agosto

Podemos realçar o facto que, entre a documentação consultada, é o único que dedica uma capa ao caso Lacerda. Porém, nos dois números seguintes, *L'Écho Illustré* não volta a tratar do assunto. O «Caso Lacerda» não é ignorado pelos jornais helvéticos que, na esmagadora maioria, reproduzem despachos das agências noticiosas e/ou se limitam a resumir os factos, quase sempre nas páginas interiores. Mesmo os artigos enviados do Rio pelo correspondente do *Neue Zürcher Zeitung* são puramente informativos, embora com mais pormenores. Só alguns jornais publicam na primeira página a fotografia de um carro em chamas para ilustrar a indignação e a violência popular que se seguiu ao atentado.

Capítulo II

Os comentários da imprensa da Suíça italiana

Quase todos os jornais do cantão itálico publicam a notícia na primeira página já no dia 25. Neste capítulo vamos apresentar unicamente os comentários, a maioria dos quais encontram-se no *Giornale del Popolo*.⁴²

* * *

O *Giornale del Popolo* escreve um artigo no próprio dia 24, intitulado «Agitação no Brasil», no qual fala do «dramático incidente» de dia 5 de agosto que inflamou o ambiente e cujas consequências abalaram «a posição do presidente Vargas e do seu partido». O jornalista limita-se a relatar os factos, muitos desfavoráveis para o Presidente a poucas semanas das eleições legislativas e interroga-se:

Será que o Presidente conseguirá, em tão pouco tempo, recuperar o prestígio perdido e sair novamente vitorioso das urnas?

Muito dependerá, como sempre acontece nas repúblicas da América Latina, da atitude do exército, que Vargas já teve em duas ocasiões do seu lado.

Como a esmagadora maioria dos jornais suíços de dia 25, dá destaque à tragédia logo na página de abertura⁴³, com uma fotografia de Getúlio e os despachos da AFP. A redação acrescenta um comentário no qual ataca impiedosamente o ex-Presidente. Na sua opinião, a demissão era inevitável, visto que o «atentado foi organizado pelo *entourage*» de Vargas que «queria apagar a voz do valoroso diretor do jornal católico, porque denunciava corajosamente os escândalos de uma administração incredivelmente corrupta.»

Primeiramente, o ex-chefe de Estado tentou encobrir o caso, «falou grosso» e recusou deixar o poder perante as exigências da Força Aérea, mas depois teve de recuar, porque, provavelmente, «deve ter-se apercebido que a opinião pública estava contra ele.»

Para o diário católico, não há atenuantes para o gesto fatal da véspera:

⁴² Encontrámos 11 comentários dos quais apresentamos só dez porque o último é uma tradução do artigo de Privat publicado em *La Sentinelle* (Cf. fim do cap. I c).

⁴³ «Il presidente del Brasile Getulio Vargas ha rassegnato le dimissioni e si è suicidato», *Giornale del Popolo*, 25 de agosto.

E – para um homem sem escrúpulos como Vargas – o suicídio foi uma consequência fatal das premissas. O suicídio é sempre doloroso e lamentável, porque não somos nós os donos da vida, mas Deus. Mas quando falta a fé no destino eterno do homem, não é de se admirar que o suicídio seja visto como a única solução face à derrota e à humilhação. O fim de Vargas – que dominou o Brasil primeiro pela força e depois pela corrupção – não é certamente glorioso. Mas há uma palavra nas Escrituras que o explica: «*Talis vita finis ita*».⁴⁴

No dia seguinte⁴⁵, o quotidiano de Lugano volta a comentar o sucedido com um artigo na primeira página, no qual resume os acontecimentos desde o atentado até às medidas tomadas por Getúlio, julgadas vãs e tardias, para tentar abafar o escândalo. Reitera os ataques a Vargas e ao seu regime corrupto:

Mais uma vez, a violência saiu pela culatra para aqueles que, direta ou indiretamente, quiseram recorrer a ela: a crise que levou à queda de Vargas foi, na verdade, consequência direta de um atentado traiçoeiro cuja origem atribui-se aos círculos dirigentes do regime. O alvo previsto, Carlos Lacerda, escapou da morte e esta golpeou, pelas suas próprias mãos, o presidente.

Na opinião do editorialista, o regime queria ver-se livre do polemista:

A história que levou à crise de terça-feira passada, em linhas gerais é conhecida. O jornalista Carlos Lacerda, diretor do órgão católico *Tribuna da Imprensa*, há muito que travava uma luta sem quartel em duas frentes: contra os comunistas, por um lado, e contra o regime de Vargas e a sua gente, [por outro]. Uma vez foi espancado e quatro vezes preso por denunciar a corrupção que caracterizava o seu regime. Recentemente, um pistoleiro tentou, sem sucesso, provocá-lo.

Em suma, ele deveria ser eliminado a qualquer custo.

A presença deste homem corajoso, que não se deixava lisonjear nem intimidar, era um espinho para Vargas e seus homens. Alguém pensou em acabar com ele, armando dois sicários.

Cita uma passagem do editorial que Lacerda escreve desde o hospital, no qual acusa explicitamente o Presidente – que protege os ladrões e os bandidos – de ser o responsável pela morte do major Vaz. Vargas, destaca o jornalista do Tessino, não conseguiu travar a maré e deu conta de que a sua situação era desesperada.

O articulista nega qualquer mérito a Vargas e pensa que não há nada de heroico no seu suicídio:

⁴⁴ Como é a vida, assim é a morte.

⁴⁵ «Fine violenta», *Giornale del Popolo*, 26 de agosto.

Alguém quis ver neste seu gesto extremo um ato de coragem. Corajoso teria sido, pelo contrário, se ele tivesse enfrentado a enorme responsabilidade que tinha assumido com o seu regime.

No fim do texto, desvaloriza a carta-testamento que não lhe vai permitir entrar na História. No fundo, a obra de Getúlio resume-se em duas palavras, violência e corrupção:

Num testamento concebido em termos de drama deliberado, Vargas procurou justificar a sua obra, apresentando-se como defensor dos trabalhadores contra as pressões exercidas pelos poderes económicos, nacionais e estrangeiros, contra o seu governo.

Assim ele espera entrar na História. Mas a História julgará o seu regime com objetividade, sem se deixar enganar pela sua demagogia e pela exaltação que fez de si próprio; julgá-lo-á pelo conjunto da sua obra: pelo que quis e permitiu. Assim sendo, a História não poderá ignorar o facto de que Vargas chegou e se manteve no poder através da violência e da corrupção.

No dia seguinte, o editorialista nota as reações das pessoas na Suíça italiana⁴⁶:

De repente, os acontecimentos no Brasil tornaram-se do conhecimento público, o assunto foi comentado nos comboios e nos eléctricos: o Presidente Getúlio Vargas suicidou-se.

O seu fim trágico fez com que as situações e os acontecimentos do grande país ficassem ligados à imaginação e ao interesse do nosso povo.

No suicídio, muitas vezes, há um elemento cénico, teatral, que impressiona mais os desprevenidos do que uma vida inteira dedicada ao bem ou ao mal. Depois de se ter suicidado, este presidente sul-americano fez com que se falasse dele, do seu regime, num só dia, muito mais do que nos fez falar a nós, europeus, durante toda a sua agitada carreira...

Só depois da sua morte, acrescenta, as pessoas começaram a aperceber-se que no Brasil havia «um regime totalitário, que permitiu o florescimento da corrupção e da criminalidade.» No entanto, apesar de condenar o sistema, muitos falaram de uma bela morte e da coragem que teve de se suicidar. O diário católico não concorda:

A morte do Chefe de Estado do Brasil é realmente «bonita»?

Certamente que não.

Ditador de um país exterminado ou modesto e ignorado trabalhador ou mendigo tendo por cama, à noite, os bancos dos parques, o homem não tem o direito de destruir dentro de si o dom da vida que Deus lhe deu. Nenhuma razão pode justificar o suicídio.

⁴⁶ «La “Bella fine”», *Giornale del Popolo*, 27 de agosto.

No fundo, qualquer que seja a teoria ou a filosofia, destaca o jornalista, o gesto de Getúlio não foi nem bom nem bonito: «O “belo fim” acaba por ser, na realidade, um gesto retórico, no qual tudo se pode encontrar, exceto a coragem.

Cita excertos do editorial de *L'Osservatore Romano* que põe em evidência dois aspetos: por um lado, o Brasil ficou ferido porque o Presidente morreu e pela maneira como Getúlio o abandonou; por outro lado, sublinha que «a história dos povos civilizados não recorda o suicídio de um Chefe de Estado.»

No que diz respeito à funesta decisão do ex-Presidente, o *Giornale del Popolo* é perentório: «O suicídio de Vargas não representa um “belo fim”, mas sim a aceitação resignada, total e definitiva do veredito de uma batalha irremediavelmente perdida.»

Quanto à conclusão da sua carta-testamento, o jornal escreve que Getúlio se esqueceu que «a História é essencialmente “tribunal”» e «julgamento» e que esse julgamento será feito «com base num balanço entre o gesto e as responsabilidades que este pretendia saldar.» Transcreve seguidamente um trecho do artigo do diário do Vaticano:

Não lhe ocorreu que entre os fardos das grandes honras está o de ser digno, o de pertencer ao seu próprio prestígio, sobretudo quando ele é um reflexo da dignidade da Pátria não só na prosperidade, mas ainda mais na fortuna adversa; não lhe ocorreu que um jogo político perdido à mesa de um Conselho de Ministros não é o mesmo que um jogo perdido no tapete verde.

O jornalista de Lugano não nega o papel das grandes multinacionais, mas o suicídio só irá piorar a situação:

Vargas escreveu no seu testamento que foi vítima das hostilidades do grande capitalismo estrangeiro. Isso pode até ser, em parte, verdade. Mas, ao suicidar-se, abandonou o seu povo nas garras desse capitalismo, inimigo de todas as suas conquistas, desejoso de o manter na escravidão económica. E, se ele entrou na história, entrou à maneira dos desertores, dos que abandonam a luta.

Na conclusão, afirma, que se lhe é impossível admirar um Chefe que se suicida, «é grande a pena para o povo brasileiro que ele — como reconheceu no seu testamento — deixou sem guia».

A 31, o mesmo jornal debruça-se de novo sobre o Brasil⁴⁷. Trata-se de um

⁴⁷ «Giudizio severo ma sereno», *Giornale del Popolo*, 31 de agosto.

resumo de um artigo publicado dois dias antes pelo *Corriere della Sera* e enviado do Rio no dia 28 pelo enviado especial do jornal lombardo⁴⁸.

Temos de constatar que o jornalista do *Giornale del Popolo* mostra falta de rigor quando transcreve períodos inteiros do artigo do seu colega italiano: não usa aspas e, às vezes, corta uma frase que cola à outra que, no texto original, fica várias linhas depois. Por vezes, faz um resumo. Consequentemente, é difícil para o leitor distinguir as frases escritas pelo jornalista de Lugano daquelas redigidas por Virgilio Lilli. Além disso, a síntese do autor do artigo é um pouco caótica porque — além de não transcrever trechos importantes e de tirar algumas palavras nas citações — não segue de forma rigorosa o raciocínio do jornalista italiano.

Segundo Lilli, quatro dias depois, no Brasil, começa-se a julgar negativamente o ato do ex-Presidente, nomeadamente por parte da «opinião pública qualificada»: «Toda a classe política ficou primeiro escandalizada, depois enjoada.» Por outras palavras, na opinião do articulista, o que Vargas fez é definido ou como um ato de um cobarde ou, na melhor das hipóteses, uma catástrofe nervosa.

A figura de Lacerda sai outra vez incólume, sendo ele «sério, preparado e profundamente honesto». As Forças Armadas merecem também todo o elogio por terem salvaguardado a Constituição. Ao mesmo tempo, o jornalista põe em dúvida a autenticidade da carta-testamento, nomeadamente no que diz respeito às críticas e às acusações — aí formuladas pelo falecido Presidente — aos Estados Unidos, cujos investimentos são essenciais para o desenvolvimento do Brasil.

Porém, afirma Lilli:

[...] não há dúvida quanto ao juízo expresso sobre o gesto do Presidente, um gesto atribuído ao orgulho sem limites de um homem que tinha sonhado com a glória nacional e que se encontrou numa posição de acusado perante a ruína económica do país e a desintegração da classe dirigente levada ao poder pelo seu regime.

⁴⁸ Virgilio LILLI, «Si delinea nel Brasile la tendenza a giudicare severamente il suicidio di Vargas. Il tragico gesto conseguenza dello “scontro fra compromessi di natura demagogica e il suo smisurato orgoglio” — Riconosciuta la validità delle ragioni dell’opposizione e del suo capo Lacerda» [Anteve-se no Brasil a tendência a julgar severamente o suicídio de Vargas. O tragico gesto consequência do “confronto entre os compromissos de natureza demagógica e o seu desmesurado orgulho” — Reconhece-se a validade dos argumentos da oposição e do seu chefe Lacerda], *Corriere della Sera*, 29 de agosto de 1954. Virgilio Lilli (1907-1976) fundou o *Giornale della Sera* em 1945, Trabalhou para alguns jornais (*Tempo*, *La Stampa*, *Corriere della Sera*) e realizou várias reportagens. Foi um dos primeiros jornalistas a entrar em Hiroxima depois do lançamento da bomba atómica. Foi eleito Presidente da ordem dos jornalistas italianos em 1971. Publicou vários livros.

É um julgamento muito duro — conclui⁴⁹ o jornal de Milão — que adverte a opinião pública mundial para examinar com mais rigor qualquer ação de quem tem a responsabilidade de dirigir um povo.

Em setembro, o quotidiano católico volta a tratar do assunto⁵⁰, sintetizando um outro artigo publicado pelo diário milanês⁵¹. No início do texto, dá logo o mote:

O clamoroso suicídio do presidente Getúlio Vargas, mais do que o ato desesperado de um homem que vê a sua obra ruir ao seu redor e não tem fé nem força de espírito para enfrentar o futuro, foi um gesto calculado com o qual o suicida buscou uma vitória póstuma, mobilizando a opinião pública contra os seus inimigos e os seus supostos aliados. Foi, no fundo, o último ato de demagogia do ditador que, no seu “testamento”, se auto-exaltou como o grande amigo do povo brasileiro, vítima das ameaças dos adversários internos e externos.

Foi um jogo perigoso, porque, com o seu testamento, incentivou os sindicalistas a vingar a sua morte e, sobretudo, porque, apontando os Estados Unidos como os grandes culpados, deu ao Partido Comunista Brasileiro «um novo elemento de propaganda de proporções incalculáveis»:

Enquanto [o PCB] falava em nome de Estaline ou de Malenkov, escreve o correspondente do *Corriere*, aos olhos das massas era algo de estrangeiro, misterioso e até desagradável: mas hoje que fala em nome de Vargas tornou-se caseiro, acessível e tremendamente patético. Para os elementos mais simples da Nação, Vargas tinha há muito assumido um duplo aspeto: o de patriota e o de protetor dos pobres (apesar de o seu nacionalismo ter resultado na ruína económica do país e a sua assunção de defensor dos pobres na demagogia). É de admirar que a sua figura (sobre a qual cuspiram literalmente antes da sua morte) se tenha tornado hoje a tocha dos comunistas.

Além disso, o jornalista constata que o Brasil está em estado de tensão e que as coisas têm de mudar após mais de vinte anos de getulismo: a dívida externa é enorme, faltam divisas e o nível de vida dos mais desfavorecidos tem de progredir significativamente.

⁴⁹ Na realidade, esta frase está no meio do artigo e não no fim!

⁵⁰ «L'inquietante eredità di Vargas» [O inquietante legado de Vargas], *Giornale del Popolo*, 10 de setembro

⁵¹ Virgilio LILLI, «Disorientamento in Brasile dopo lo “storico suicidio”. Togliendosi la vita prima delle elezioni come un giocatore rovinato, Vargas ha posto il Paese di fronte a un doppio pericolo: comunismo o reazione» [A desorientação no Brasil após o “suicídio histórico”. Ao matar-se antes das eleições como um jogador arruinado, Vargas colocou o país em duplo risco: comunismo ou reação], *Corriere della Sera*, 9 de setembro de 1954

Na segunda parte do artigo, tratando das futuras eleições, fala de uma eventual coligação à esquerda na qual a U.D.N.⁵² sozinha não se poderia opor e sugere a hipótese duma intervenção das Forças Armadas:

Em suma, o Brasil estaria diante de uma alternativa incômoda: uma vitória das esquerdas que acarretaria fatalmente a dominação comunista, ou um regime de ditadura militar.

É de se esperar que, uma vez passado o furor das últimas semanas, se forme uma concentração de partidos não-extremistas capaz de assumir com firmeza a governança do país.

Em novembro⁵³, o quotidiano católico de Lugano publica a sexta análise sobre a morte de Vargas e, como as duas anteriores, é baseada num artigo do *Corriere della Sera*⁵⁴, no qual o enviado especial do jornal lombardo resume a entrevista de mais de seis horas que teve com Carlos Lacerda, «um dos pouquíssimos verdadeiros burgueses num país ainda sem uma classe dirigente». Como no artigo de 10 de setembro, é por vezes quase impossível fazer a diferença entre o ponto de vista do articulista e o do seu colega lombardo.

Na prática, Lilli cita o ponto de vista do panfletista carioca e, no fim do artigo, dá a sua opinião sobre ele. Por seu lado, o *Giornale del Popolo* — que não perde uma oportunidade para elogiar o diretor da *Tribuna da Imprensa* — fala da era Vargas dando o ponto de vista do jornalista brasileiro, sem nenhum olhar crítico. Escreve que Getúlio governava o Brasil através de uma oligarquia: no fundo, era uma ditadura patriarcal, na qual a família e os amigos ocupavam lugares de destaque. De vez em quando, para acalmar «o descontentamento popular», oferecia à opinião pública «uma vítima que escolhia entre os seus lugar-tenentes».

Reconhece que Getúlio fez alguma coisa para os trabalhadores, mas foi mais um ato de caridade. Ao mesmo tempo, desvaloriza estas reformas porque o nível dos trabalhadores estava tão baixo — compara-o ao dos operários russos antes de 1917 — que era quase impossível não concretizar algumas melhorias.

A última parte do artigo é completamente dedicada a Carlos Lacerda que define Vargas como «um formidável corruptor» que sabe movimentar melhor os sedimentos negativos do ser humano do que fomentar a sua bondade:

Contra esse regime que usava todos os elementos negativos das massas, Carlos Lacerda levantou-se com a sua corajosa e incansável campanha jornalística. Estava convencido de que o jornalismo não era um *fim*, mas um *meio* que, portanto, através da imprensa, as verdades pelas quais se podia arriscar a vida deveriam, se necessário, ser defendidas.

⁵² União Democrática Nacional, partido fundado em 1945.

⁵³ «Giornalismo esplosivo», *Giornale del Popolo*, 9 novembro.

⁵⁴ Virgilio LILLI, «Un mese in Brasile. L'uomo che col calamaio ha rovesciato una dittatura» [Um mês no Brasil. O homem que com um tinteiro derrubou uma ditadura], *Corriere della Sera*, 4 novembro 1954

O valente Lacerda arriscou a vida, como o prova o atentado, que provocou a reação «dos melhores setores da população brasileira que perceberam que se quis mandar calar para sempre o jornalista». Revoltaram-se, acrescenta, porque tomaram conta do facto que «aquele jornalista era necessário para o Brasil [...] para não cair no arbítrio absoluto da oligarquia.»

O articulista — segundo o qual a *Tribuna da Imprensa* não é um jornal de escândalos — transcreve em particular uma passagem onde o polemista revela os seus pensamentos três dias depois do atentado, quando pensou abandonar a luta, visto que foi, por assim dizer, vítima da sua popularidade. Porém:

Carlos Lacerda venceu a sua batalha, lá no Brasil, pela liberdade e pela honestidade. Mas ganhou, em conjunto, em todo o mundo — onde, infelizmente, tantas forças obscuras e não tão obscuras tendem a reduzir o jornalismo a um meio de propaganda, de lucro, de desabafo de baixos níveis de animosidade e de excitação dos instintos inferiores — a batalha pelo jornalismo. Por um jornalismo que seja um elemento positivo e fecundo na sociedade em que a liberdade lhe dá e lhe alimenta a vida.

A 26, também em Lugano, *Popolo e Libertà*, o órgão do Partido Conservador do Cantão do Tessino, escreve um comentário sobre o sucedido, no qual faz um resumo — aliás nem sempre rigoroso⁵⁵ — da carreira de Getúlio. Na segunda parte do texto, concentra-se sobre o último mandato de Vargas que sucedeu a Eurico Gaspar Dutra:

No entanto, este último perdeu o apoio dos eleitores na sequência da inflação do pós-guerra e, em 1950, quando os dois principais partidos que se opunham a Vargas não conseguiram chegar a acordo sobre um candidato, Vargas foi reeleito presidente com uma maioria impressionante. Talvez tenha sido justamente a amplitude do sucesso que fez com que Vargas se perdesse. A sua última encarnação como trabalhista de estilo inglês ou escandinavo tinha suscitado grandes esperanças em todo o Brasil, que, infelizmente, ele rapidamente destruiu. Em quatro anos, de facto, não conseguiu ou não quis fazer a escolha essencial que a nova realidade do país lhe impunha, entre uma política social corajosa a favor da imensa maioria dos cidadãos e a manutenção dos privilégios de uma pequena minoria.

Nestas últimas linhas, o editorialista — que cita, sem os comentar, no fim do artigo alguns trechos da carta-testamento — retoma uma análise partilhada por vários jornais europeus da época.

⁵⁵ Por exemplo, nem sequer menciona a «Revolução» de 1930.

CRISI POLITICA NEL BRASILE

Costretto a rassegnare le dimissioni il presidente Vargas si è suicidato

Fig. 9: «Obrigado a demitir-se, o presidente Vargas suicidou-se»
(*Gazzetta Ticinese*, 25 de agosto)

Encontrámos, na imprensa da Suíça italiana, mais dois comentários sobre o gesto fatal de Getúlio. Para o trisemanário *L'Eco di Locarno*⁵⁶ — que sintetiza os acontecimentos desde o início do mês de agosto — «nada fazia antever que a crise política brasileira, que se desenvolveu gradualmente nestes últimos meses, viesse a ter um desfecho tão dramático». Por seu lado, o *Corriere del Ticino* publica unicamente um breve resumo das manifestações populares, após a partida do Rio de Janeiro da aeronave com o corpo do ex-Presidente.

Capítulo III

As análises na imprensa da Suíça alemã

Além da imagem de Vargas e despachos da United Press, da AFP e da Reuter, noticiados pela esmagadora maioria dos jornais germanófonos, encontram-se também uma dezena de comentários publicados entre 25 e 30 de agosto de 1954, que serão estudados neste terceiro capítulo.

* * *

O suicídio do Presidente brasileiro Getúlio Vargas põe um fim dramático a uma carreira política extraordinária, mesmo para a América Latina. Durante 24 anos, a figura atarracada deste gaúcho inteligente e hábil do Rio Grande do Sul, no extremo meridional do Brasil, dominou a política do maior país da América do Sul. Durante quase 20 anos, esteve à frente do Estado, alternadamente como ditador e como presidente democrático do país. Em mais de um sentido, deixou a sua marca no Brasil de hoje:

⁵⁶ «Vargas ha concluso con il suicidio quarantacinque anni di attività politica», *L'Eco di Locarno*, 26 de agosto.

o país que lega é diferente daquele que governou pela primeira vez em 1930. Na última fase do seu governo, pode ter perdido a sua inabalável certeza inicial e a sua espantosa habilidade tática com que, outrora, conseguia sair das situações aparentemente mais desesperadas.

Mas se acabou por falhar, não foi nas grandes linhas da sua política: ao longo de um quarto de século, conseguiu realizar uma boa parte daquilo a que realmente aspirava, mesmo que tenha cometido alguns erros graves na escolha dos meios e que tenha acabado por tropeçar na sua própria imprudência.

É assim que começa o longo artigo de Fritz René Allemann⁵⁷ que realça um outro grande objetivo do ex-Presidente: «fazer do Brasil uma verdadeira nação». Contudo, o seu nacionalismo não era agressivo para com os países vizinhos, mas queria combater a «fragmentação interna e os poderes locais semifeudais»:

O seu principal objetivo era erradicar o particularismo de cada estado, que mais do que uma vez ameaçava a unidade do Brasil. Era suficientemente sábio para saber que só o alcançaria se conseguisse controlar as cliques locais e nacionais de proprietários de terras e advogados, que, inevitavelmente, encaravam qualquer governo central forte como seu adversário.

Nesta primeira parte introdutória, Allemann aborda um terceiro ponto:

Por conseguinte, para ele, o interesse nacional estava, desde o início, intimamente ligado à ideia de progresso social. O mundo operário, a intelectualidade e a pequena burguesia urbana foram as forças em que se apoiou, sobretudo porque eram os seus aliados naturais na luta contra a velha oligarquia e o seu sistema político tradicional.

A seguir, o jornalista faz um resumo pormenorizado da carreira do político gaúcho desde 1930. Foca, nomeadamente a tomada de poder «como ditador e não como presidente constitucional», o golpe de 1937, a dissolução do Partido Integralista no ano seguinte, a sua participação na guerra mundial, a revolta militar que o afastou em 1945 e o seu regresso, «à frente de um recém-fundado “Partido Trabalhista”», desta vez, graças a «eleições democráticas irrepreensíveis».

⁵⁷ Fritz René ALLEMANN, «Getulio Vargas — ein südamerikanischer Staatsmann» [G.V. — um estadista sul-americano], *Die Tat*, 26 de agosto. F. R. Allemann (1910-1996) trabalha para este jornal de Zurique desde 1941, sendo nomeadamente correspondente em Londres (1942-1946), Paris (1947-1949) e na Alemanha Ocidental (1949-1967). Desde 1967, é redator independente para *Die Tat* no que diz respeito à Europa Oriental e à América Latina. Fez viagens à América Central e do Sul e também à Península Ibérica. Escreveu regularmente para outros periódicos alemães e suíços. Entre os seus livros, podemos assinalar dois guias de viagens: *Portugal* (com G. A. Himmel) em 1979 e *Algarve, Lissabon* (com J. Faget e H. Jänecke) em 1987.

Todavia neste seu último mandato:

[...] faltava-lhe cada vez mais o pulso firme que o caracterizava anteriormente e o sentido sóbrio da realidade de que tinha dado tantas amostras. Em particular, a sua tentativa de enfrentar a crise social através do controlo económico do Estado e de aumentos salariais democratizados em grande escala acabou num fiasco. A oposição tornou-se visivelmente mais forte; as forças conservadoras e económico-liberais que a alimentavam voltaram a encontrar apoio no Exército, como em 1945.

O atentado de 5 de agosto — «aparentemente organizado pelos guarda-costas do Presidente» — marcou uma rutura definitiva com as Forças Armadas e levou-o a cometer o gesto fatal.

Nas considerações finais, o editorialista ressalva o que diferencia Getúlio dos outros ditadores «fanfarrões» da América do Sul, e não só porque não era um militar:

Ele encarnou também um tipo diferente e mais moderno de líder revolucionário, que pode ser melhor colocado ao lado dos «déspotas esclarecidos» do nosso tempo: *Ataturk*, *Salazar* ou *Nasser*. Esses ditadores reformistas, encaram a sua missão como a de ajudar um país económica, social e politicamente subdesenvolvido, a juntar-se, pela força se necessário, à grande corrente de desenvolvimento económico e social.

Unir o seu país mais firmemente do que nunca e modernizá-lo, dar-lhe uma consciência nacional, um aparelho administrativo mais eficiente e uma indústria em grande escala, tudo isto era para ele a mesma coisa.

Apesar das contradições e das várias mudanças de rumo, «este oportunista aparentemente tão irrefletido manteve sempre os olhos no seu objetivo nacional». Por conseguinte, conclui o autor, não é de modo algum paradoxal:

[...] Perceber que a ditadura de Vargas prestou um serviço decisivo à democracia brasileira.

Ao domar as oligarquias locais e regionais, o Presidente abriu caminho, entre outros, para a formação de um sistema partidário verdadeiramente nacional, que abrangesse todo o país, como este nunca tivera até ao final da Segunda Guerra Mundial, e sem que a democracia tivesse de permanecer uma mera fachada. Os seus erros e os seus caprichos custaram muito ao Brasil (e a ele próprio), mas através deles mostrou-lhe com firme determinação o rumo do seu desenvolvimento futuro.

Na primeira página do *Basler Nachrichten* de dia 25⁵⁸, pode-se ler um artigo sobre o que aconteceu no Rio na véspera, no qual o jornal de Basileia,

⁵⁸ «Präsident Vargas hat sich erschossen» [O Presidente Vargas matou-se com um tiro], *Basler Nachrichten*, 25 de agosto.

depois de uma síntese das notícias enviadas pela United Press, escreve um comentário que começa por explicar o sucedido:

O notável estadista brasileiro Getúlio Dornelles Vargas, de 71 anos, não conseguiu desfazer-se do poder que lhe «coube» com o cargo de presidente pela quarta vez desde 1930, e novamente em 1951, constitucionalmente por um período de cinco anos. Preferiu morrer quando se deu conta de que não poderia mais resistir à tempestade que o recente atentado contra o seu inimigo ferrenho, o jornalista Lacerda, havia desencadeado.

O articulista, após ter sublinhado que o panfletista tinha travado uma «batalha implacável» contra o regime, explica as vibrantes reações da Força Aérea que descobriu que os mandantes do assassinio eram pessoas do *entourage* de Vargas. Depois do Exército igualmente ter exigido a sua saída, Vargas encontrou-se num beco sem saída. Na conclusão, o jornal liberal dá uma opinião positiva do estadista gaúcho:

Independentemente do que possa ter levado Getúlio Vargas a suicidar-se, uma coisa é certa: foi um dos mais marcantes e capazes estadistas sul-americanos das últimas décadas. Em 1930, Vargas foi derrotado nas eleições pelo candidato conservador do estado de São Paulo, o Dr. Júlio Prestes, mas depois mudou-se para o palácio presidencial como chefe da junta revolucionária vitoriosa; quatro anos mais tarde, foi reeleito por uma Assembleia Constituinte: e em 1938 [*sic!*]⁵⁹, instalou-se como chefe de Estado ditatorial com uma nova Constituição. Com mão firme e inegável habilidade, pilotou o seu país em segurança através dos abismos da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, foi derrubado por um golpe militar. Cinco anos mais tarde, foi novamente eleito Presidente, desta vez pelo voto popular. As suas iniciativas legislativas no domínio social tinham-lhe conferido, sem dúvida, uma popularidade invulgar. De qualquer forma, a forte personalidade autoritária de Vargas marcou profundamente a história recente do Brasil.

«Já há semanas que a figura do Presidente Vargas se encontra em crise», escreve o articulista de *Der Bund*, que relata os acontecimentos desde o 5 de agosto até à pressão exercida pelos militares⁶⁰. Por um lado, realça o descontentamento geral contra a sua política, que se transformou em indignação depois de se ter revelado que a guarda do ex-Presidente estava implicada no atentado; pelo outro, escreve claramente que Getúlio já não tinha nenhum apoio no seio das Forças Armadas.

No parágrafo final — no qual afirma que esta notícia fez sensação e que chegou pouco antes do fecho da edição — prevê um futuro não muito róseo para o Brasil:

⁵⁹ A Constituição do Estado Novo data de 1937.

⁶⁰ «Die Krise um Vargas», *Der Bund*, 25 de agosto.

Vargas era o homem da classe trabalhadora, a quem ajudou a conseguir salários mínimos aceitáveis e outras melhorias, mas não se pode dizer que essa classe lhe foi sempre fiel e agradada com o seu regime. Em breve se tornará claro qual será a sua atitude em relação ao desenvolvimento futuro. Como a agricultura, o comércio e a indústria também estão insatisfeitos com a situação, pode ser que o Brasil esteja a caminhar para tempos turbulentos. Além disso, as grandes personalidades políticas também são escassas no país.

O segundo comentário é do correspondente da West-Press⁶¹, que privilegiava os temas económicos. Escreve logo no início que, desta vez, não foram as flutuações do preço do café que estão na origem da atual crise. Salienta o facto de que Vargas deixa a cena política «num momento em que o perigo de desvalorização da moeda parece ter sido afastado». Para o autor do texto isto é «interessante» porque foi graças à inflação que Getúlio conseguiu vencer as eleições de 1950.

A seguir, faz uma rápida e por vezes imprecisa síntese da vida política do ex-Presidente e, apesar de considerar «em certos aspetos duvidosas» as realizações políticas do falecido estadista, faz um balanço muito favorável das económicas: «houve uma grande recuperação», iniciou-se um desenvolvimento industrial, a produtividade aumentou nas fábricas brasileiras, o investimento americano cresceu e «a dívida nacional, que atingiu montantes enormes em 1930, foi também largamente paga.»

Na conclusão, dá uma imagem globalmente positiva do político gaúcho:

É também mérito de Getúlio Vargas o facto de ter reconhecido a importância crescente da questão social à medida que a industrialização avançava. Ele fez um esforço extraordinário para melhorar o padrão de vida da força de trabalho. Mesmo as dificuldades económicas dos últimos anos não foram capazes de perturbar profundamente a paz laboral do país. Pode-se, portanto, presumir que o Dr. Getúlio Vargas, apesar dos seus ares e graças ditatoriais, ocupará um lugar respeitado na história do Brasil.

O *Tages-Anzeiger* dedica toda a primeira página à morte do político gaúcho⁶², 80% da qual ocupada por despachos da United Press, ilustrados com duas imagens, a de Vargas e a do seu sucessor. Na quarta coluna encontra-se um editorial que explica o que se passou desde o atentado⁶³ — «um assassinio

⁶¹ «Der Umsturz in Brasilien (Vom Korrespondenten der West-Press)» [A agitação no Brasil], *Der Bund*, 26 de agosto.

⁶² «Selbstmord des Präsidenten Vargas» [Suicídio do Presidente Vargas], *Tages-Anzeiger*, 25 de agosto.

⁶³ K.P., «Es begann mit einem Attentat» [Começou com um atentado].

político» muito mal visto no país e que constituiu «um grande desgaste» para o regime getulista — até à exigência das Forças Armadas para que o Presidente se demitisse, apesar das medidas tomadas por este contra a sua guarda pessoal. O editorialista interroga-se: o autor do atentado e os seus cúmplices agiram ou não por conta própria, «talvez para defender o seu amado Getúlio contra ataques injustos»?

Para o jornalista de Zurique — que bate na tecla da corrupção do regime — o Brasil não parece encontrar uma solução para os seus problemas socioeconómicos:

Mas o caso deixou claro que algo está podre no estado do Brasil. Ironia da história: Getúlio, que foi um líder notável [...] durante os 15 anos da sua ditadura, passará para a história como um dos seus presidentes mais fracos. A inflação atingiu proporções enormes e quase todos os setores da população estão insatisfeitos. O pior é que não se vislumbra uma saída, apesar de ser um dos países mais ricos do mundo.

A 25, o *Vorwärts*, órgão do Partido Comunista⁶⁴ editado em Basileia, publica praticamente o mesmo artigo que se pode ler no genebrino *Voix Ouvrière*⁶⁵. Três dias mais tarde, volta ao tema, destacando o facto que o povo brasileiro está a intervir com força⁶⁶ para defender «as liberdades, a independência nacional contra os autores do golpe fascista e os americanos que os apoiam.» Escreve que os centros da resistência estão na capital, em Porto Alegre, em São Paulo e em Belo Horizonte e sublinha os ataques contra o National City Bank em Porto Alegre, a embaixada americana no Rio e o consulado dos Estados Unidos na capital mineira. O povo, realça o jornal comunista, denuncia a corrupção e os escândalos da era Vargas que «os golpistas fascistas querem utilizar para chegar ao poder». Quer eleições que respeitem a Constituição e profundas reformas: «uma subida dos salários, a construção de uma indústria nacional que ponha fim ao domínio dos monopólios americanos.»

Em 1950, os Estados Unidos apoiaram Vargas:

No entanto, nos últimos quatro anos, a situação política interna do país alterou-se consideravelmente. Vargas esforçou-se por adotar a menor linha antiamericana possível, em matéria de petróleo, eletricidade e pacto militar com os EUA, sem, no entanto, poder satisfazer plenamente os interesses económicos dos monopólios americanos.

⁶⁴ O nome deste partido era «Parti du travail» (Partido do Trabalho)

⁶⁵ Cf. *Supra*, cap. 1 b.

⁶⁶ «Von Rio de Janeiro bis São Paulo. Das Brasilianische Volk geht zur Verteidigung seiner Freiheiten auf die Strasse» [Do Rio de Janeiro até São Paulo. O povo brasileiro nas ruas para defender as suas liberdades], *Vorwärts*, 28 de agosto.

Agora, Washington apoia os partidos mais à direita, afirma o órgão comunista, segundo o qual só o povo pode «salvar a democracia» e defender a causa da independência dos países latino-americanos:

Porém, uma coisa é certa. A crise brasileira, tal como os acontecimentos na Guatemala, mostram como os Estados Unidos e os grupos da burguesia reacionária são obrigados a abandonar uma democracia burguesa autolimitada para passar a [apoiar] uma verdadeira reação — os grupos fascistas de Armas, Gomes e Lacerda.

O quotidiano de referência *Neue Zürcher Zeitung* (NZZ) publica um editorial logo no dia 25⁶⁷. No primeiro parágrafo, afirma que o trágico desfecho da crise não parece ter perturbado seriamente a ordem e a calma interior, o que constitui mais uma prova que, em geral, as crises brasileiras «são resolvidas sem derramamento de sangue».

Nota que a opinião pública — «não sem sérias evidências circunstanciais» — responsabilizou Getúlio, «ou, pelo menos, aqueles que lhe eram mais próximos», pela morte do major Vaz. Explica que a Força Aérea, — «à qual pertencia também o ex-candidato presidencial Eduardo Gomes», derrotado por Getúlio em 1950 — juntamente com a oposição tornaram-se investigadores e juízes. Com o apoio do Exército, conseguiram alcançar o seu objetivo principal: a queda do político gaúcho que, tal como em 1945, foi derrubado por militares.

A seguir, o editorialista enumera as causas profundas da crise, sem as quais o atentado a Lacerda — que foi uma causa externa — «difícilmente teria tido consequências tão profundas», nomeadamente se o ex-Presidente tivesse conservado a popularidade que tinha quando foi eleito:

Mas o mito do protetor dos pobres evaporou-se cada vez mais nos últimos anos, dando lugar a uma crítica omnipresente. Atualmente, os seus opositores são muitos. A promessa eleitoral do Presidente de manter os preços baixos não foi cumprida de forma notória para as massas carenciadas; o nacionalismo económico, que se tornou cada vez mais pronunciado na política de Vargas, não causou menos danos ao desenvolvimento do país do que a rápida queda da moeda brasileira; o recuo acentuado das exportações de café nas últimas semanas, devido a uma política de preços demasiado arriscada, começa a ter consequências; a julgar pelas queixas que se ouvem por todo o país, a corrupção parece também ter ultrapassado consideravelmente a margem de tolerância amplamente aceite no mundo latino.

Recentemente, aumentaram os protestos contra Vargas por parte de uma imprensa que acusava o regime de atos de intimidação. O jornalista de Zurique, porém, realça o facto que estes jornais fizeram, em alguns casos, «um uso

⁶⁷ «Das Ende Getulio Vargas'», NZZ, 25 de agosto.

excessivo e irresponsável das suas liberdades civis». Por outras palavras, para ele, estes ataques jornalísticos contra Getúlio ultrapassaram a linha vermelha. O jornal remete aqui o leitor para um artigo de 22 de agosto⁶⁸, onde se encontra a tradução de um texto injurioso «Ao mestre da emboscada» escrito pelo deputado Aliomar Baleeiro, publicado a 6 de agosto no *Diário de Notícias e da Tribuna da Imprensa* contra Vargas. O autor trata da lista de pecados do Presidente da República. Na opinião do diário radical de Zurique, este ataque «soa incrivelmente duro aos ouvidos europeus e é escrito num estilo patético».

Mas voltemos ao editorial de dia 25 que, na conclusão fala de uma oposição multifacetada, sendo de direita como de esquerda, feitas igualmente por progressistas como por «órgãos de imprensa conservadores responsáveis.

Todavia, o fim de Vargas tem algo de paradoxal:

Os laços estreitos entre a política e as personalidades de primeiro plano, comuns nos países latino-americanos, levaram a que aqui, como «bode expiatório» geral, se agarrasse e derrubasse o homem que, por seu lado, tinha demonstrado na sua carreira uma grande habilidade para encontrar «bodes expiatórios» em situações difíceis.

No mesmo jornal, podemos ler uma carta de leitor⁶⁹, relativamente favorável ao falecido que, no início retoma o artigo de dia 22 já referido, onde se encontra a tradução de um artigo do *Diário de Notícias*, que acabamos de citar. O autor, «um velho suíço brasileiro», declara que não se pode tomar estas declarações à letra, sobretudo em períodos pré-eleitorais: «Mesmo aqui na Suíça, em épocas de eleições, os julgamentos sobre os candidatos do partido oposto não são impecáveis, quanto mais na América Latina.»

O leitor viajou muito no interior do Brasil depois da tomada do poder de Getúlio, cujas intenções, na sua opinião, eram as melhores:

Ele queria promover as regiões mais atrasadas do país e a agricultura, povoar os terrenos baldios, elevar a cultura do país através da criação de escolas, melhorar o nível de vida dos trabalhadores através de leis sociais e erradicar a corrupção. Os objetivos de Vargas eram puramente nacionais, nunca imperialistas, mesmo em anos posteriores, como foi o caso de Mussolini.

Infelizmente, acrescenta, os resultados não foram à altura das expectativas: durante a ditadura, a corrupção «alcançou limites inaceitáveis»; provavelmente não teve colaboradores adequados; algumas leis «ultrapassaram limi-

⁶⁸ «Die Opposition gegen Präsident Vargas. Heftige Polemiken im Zusammenhang mit dem Attentat auf Lacerda» [A oposição contra o Presidente Vargas. Polémicas ferozes em torno ao atentado contra Lacerda], *NZZ*, 22 de agosto.

⁶⁹ «Das Werk Vargas» [A obra de Vargas], *NZZ*, 30 de agosto.

tes razoáveis e houve os «habituais exageros nacionais». Este suíço-brasileiro pensa que o próprio Getúlio — «um homem íntegro» — tenha sofrido com isso. Em 1950, foi eleito «por uma maioria esmagadora»:

Essa maioria não poderia ter vindo apenas da classe trabalhadora que ele mais favorecia. Como fundador e coproprietário de uma empresa industrial no Brasil, eu mesmo sofro muito com as consequências da excessiva legislação social que surgiu durante o Governo Vargas; no entanto, tenho a impressão de que Getúlio Vargas foi um grande cidadão do Brasil, um homem de bem e de espírito elevado. O seu abandono voluntário da vida deveu-se provavelmente a pressões psicológicas, por não ter conseguido atingir os seus objetivos demasiado ambiciosos para o bem do país.

St. Galler Tagblatt

Tagblatt der Stadt St. Gallen und der Kantone St. Gallen, Appenzel und Thurgau • Amtliches Publikationsorgan

Druck und Verlag: Zolliker & Co., Buchdruckerei, St. Gallen, Kornhausstrasse 28, Telefon 231551 • Redaktion: Kornhausstrasse 28, Telefon 231557 • Erscheint morgens und abends • Große Samstagabend-Ausgabe
 Inseratenverwaltung: Publicitas Schweizerische Annoncen-Expedition AG, St. Gallen, Schützengasse 12, Tel. 229196 • Inseratenspreise pro Millimeterzeile: Stadt St. Gallen 125 Rp., Schweiz 16 Rp., Reklamen 75 Rp. • Postcheck Publicitas IX 742

Mittwoch, de. 25. August 1954

Morgenblatt

116. Jahrgang

Nr. 395

Staatsstreich in Brasilien

Die Militärs zwingen Präsident Vargas zum Rücktritt, der kurz darauf unter mysteriösen Umständen aus dem Leben schied

(Die, wie unsere Leser aus den Berichten unserer Wirt-Korrespondenten in Brasilien wissen, schon einige Zeit über Brasilien liegende politische Hochspannung hat sich nun doch noch mit Wucht entladen und ist in eine Tragödie ausgeartet, indem der seit Dezennien das politische Leben Brasiliens maßgeblich bestimmende Präsident Vargas, dessen erzwingender Rücktritt wir im gestrigen Abendblatt noch meldeten, nach offiziellen Berichten Selbstmord begangen hat.)

In den ersten Morgenstunden herrschte dann Ruhe. Um den Palast des Präsidenten waren militärische Kräfte stationiert.

2. Akt: Der Präsident geht in den «Urlaub»

Die Präsidentschaft der brasilianischen Republik veröffentlichte hierauf folgendes Communiqué:

«Der Präsident der Republik hat am Dienstag das Ministerrat versammelt, um mit ihm die politische und militärische Lage des Landes zu prüfen. Nachdem sich die Minister einer nach dem andern geäußert hatten, wurden die verschiedenen Aspekte der gegenwärtigen Krise und ihre schwerwiegenden Folgen lang studiert. Präsident Vargas beschloß, mit voller Zustimmung seines Ministerrats, einen Urlaub zu verlangen und dabei seine Funktionen seinem legalen Stellvertreter zu übergeben, unter der Bedingung, daß die Ordnung gewahrt, die verfassungsmäßige Befugnisse respektiert und die vor der Nation feierlich eingegangenen Verpflichtungen von den Generalen der bewaffneten Streitkräfte erfüllt werden. Andernfalls würde der Präsident notigfalls unter Anwendung seines eigenen Lebens, unerschütterlich bei seinem Entschlusse bleiben, die verfassungsmäßigen Pflichten zu verteidigen.»

Im Verlaufe des Dienstagvormittags kehrte Vargas nach seinen Privaträumen im Präsidentschaftspalast zurück, um sich auszurufen.

3. Akt: Selbstmord des Staatschefs

Rio de Janeiro, 24. Aug. (AFP) Präsident Vargas hat nach einer Meldung des brasilianischen Radiodienstes in seiner Wohnung im Präsidentschaftspalast Selbstmord verübt.

Der 71 Jahre alte Präsident ließ eine Note zurück, in der er namentlich erklärt, daß er mit dem Bedauern in den Tod gegangen sei, nicht mehr für die Armen getan zu haben, liegt er so geliebt habe. Finanzminister Osmundo Aranha, geriet in eine Nervenkrisis, als er die Leiche von Vargas entdeckte. Im Präsidentschaftspalast herrscht Bestürzung.

Der Lebenslauf des Verstorbenen

Nach einem kurzlebigen kommunistischen Aufenthalt in Rio de Janeiro und im Norden vom Jahr 1935, promovierte Vargas 1937, daß der Zustand der Unruhe im Lande neue Wahlen, die 1938 fällig waren, nicht zulässig machte. Er löste mit Unterstützung der Armee den Kongress auf und errichtete den «Estado novo», ein Regime, das er selbst als autoritärer Demokrat bezeichnete. Ebenso Antifaschist wie Antikommunist, unterdrückte Vargas 1938 eine Revolte der brasilianischen Faschisten, bekannt als «Grünhewern», mit dem Revolver in der Hand kämpfte damals Vargas selbst gegen Aufständische, die den Präsidentschaftspalast angriffen.

Während acht Jahren regierte Vargas ohne Parlament. Er übte dabei eine feste Kontrolle über die Geschäfte des Landes aus. Die politischen Parteien wurden verboten. Die halbautonomen Regierungen der Einzelstaaten wurden aufgelöst. Vargas führte die Zensur ein. Einige seiner schärfsten Gegner wurden des Landes verwiesen. Gleichzeitig führte der Regierungschef ein Wirtschaftsprogramm durch, das trat Vargas mit Brasilien in den Krieg gegen die Achsenmächte ein. Er sandte nach Europa ein Expeditionskorps. Obwohl die Straflosigkeit des Regimes etwas gelockert wurde, trat 1945 die Wendung ein. Am 29. Oktober 1945 forderten die Armeeoffiziere, die bisher Mitarbeiter und Minister von Vargas gewesen waren, diesen zum Rücktritt auf. Er folgte dem Befehl ruhig.

Vargas wurde gestattet, im Lande zu bleiben. Bei den Wahlen, die zwei Monate später stattfanden, bewarb er sich erfolgreich um einen Sitz im Senat. Er führte bis zu den Wahlen vom Oktober 1950 ein eher zurückgezogenes Leben. Damals führten ihn die Parolen, die ihn «Vater der Armen» nannten, mit überwältigender Mehrheit wieder zur Macht. Das Ergebnis bot Anlaß zu außerordentlich großen Volksfeiern.

Rio de Janeiro, 25. Aug. (United Press) Nach einer ersten Mitteilung liegt heute eine Masche der Luftwaffe mit der Leiche des verstorbenen Getúlio Vargas nach dessen Heimatstadt São Borja, wo die Beisetzung durchgeführt wird.

Von kirchlicher Seite verlautet, daß heute alle Messen in der Hauptstadt für Vargas gelesen werden. Im Präsidentschaftspalast warteten am Dienstagabend über tausend Personen, Vertreter des politischen, militärischen und sozialen Lebens des Landes, um dem Präsidenten, der in seiner Wohnung aufgebahrt liegt, die letzte Ehre zu erweisen.

Schwere Zwischenfälle

Rio de Janeiro, 25. Aug. (United Press) Am Dienstagabend kam es in Rio im Gefolge des Selbstmordes von Präsident Getúlio Vargas zu Zwischenfällen. Anhänger des verstorbenen Präsidenten, die in Gruppen durch die Stadt zogen, versammelten sich vor der amerikanischen Botschaft, und Wachen der brasilianischen Armee schossen in die Menge, wobei nach Aussagen von Augenzeugen mehrere Personen verletzt wurden.

Weitere Demonstranten stürmten das Gebäude der Zeitung «Tribuna Imprensa», warfen die Fensterscheiben mit Steinen ein und schrien: «Wir wollen den Kopf von Carlos Lacerda» Vargas hat Lacerda, den Herausgeber der «Imprensa», als «meinen Feind Nr. 1» bezeichnet. Die Beschuldigungen seitens der Luftwaffe, Vargas habe in dem Attentat auf Lacerda, in welchem ein Luftwaffenmajor getötet wurde, seine Hand im Spiel gehabt, bildeten den äußeren Anlaß für die politische Krise.

Lacerda befand sich zur Zeit des Sturmes auf sein Zeitungsgebäude, nach zuverlässigen Meldungen außerhalb der Stadt in Sicherheit. Während die Menge die Scheiben einschlug und auf das Gebäude eindrang, erklärte ein Redaktor über das Telefon zur «United Press»: «Wir verlassen das Gebäude. Die Leute versuchen, einzudringen und das Haus anzuzünden. Ich kann nicht mehr mit ihnen sprechen.» Er hing auf, und fünf Minuten später gab das Telefon der «Imprensa» keine Antwort mehr.

Anderer Anhänger des Präsidenten griff Zeitungskioske an, welche die «Tribuna Imprensa» verkauften. Wahlplakate der oppositionellen Partei wurden abgerissen, und Demonstranten warfen drei Camions einer anderen Oppositionszeitung um und steckten sie in Brand. An allen wichtigen Stellen der Stadt haben Soldaten in feindlicher Ausrüstung Stellung bezogen. Die Läden im Zentrum der Stadt sowie alle öffentlichen Gebäude mit Ausnahme von Polizei- und Armeeinstellungen sind geschlossen.

Rio de Janeiro, 24. Aug. (Reuter) In Porto Alegre, der Hauptstadt des Heimatstaates des verstorbenen Präsidenten Vargas, kam es am Dienstag ebenfalls zu schweren Unruhen. Nach Berichten, die in Rio de Janeiro eingingen, wurden die Demonstranten zwei Zeitungsbüros in Brand gesteckt. Mehrere Personen wurden getötet, als die Polizei das Feuer eröffnete.

In Belo Horizonte, etwa 300 km nördlich von Rio de Janeiro, wurde das amerikanische Konsulat von Demonstranten angegriffen, die offenbar durch die in einem angeblichen politischen Testament Vargas' enthaltenen Bemerkungen, er werde durch internationalen «Krieg» behindert, in Wut versetzt worden waren. Die Auftritte zerrissen Bücher und zerschlugen

Die hart angeschlagene europäische Integrationspolitik

Ziehen sich die USA in eine «gemäßigte Isolierung» zurück?

(Radiogr. G.-H. M.)

Washington, 24. Aug. Über die Frage, welche neuen Absichten die Vereinigten Staaten gegenüber Europa verfolgen, will sich das Staatsdepartement in Schweigen hüllen bis die französische Nationalversammlung Gelegenheit hatte, sich klar und eindeutig zur EVG auszusprechen.

Für die Amerikaner ist es sehr wichtig, daß Frankreich seine historischen Verantwortungsbereiche voll übernimmt.

Es gibt hierfür sowohl ideologische als auch rein politische Gründe. Am meisten befürchten die Amerikaner, daß die zusammengebrochene Brüsseler Konferenz nicht nur der EVG, sondern auch dem Ideal der europäischen Einheit einen tödlichen Schlag versetzen habe. Sollte dies zutreffen, dann möchten die Vereinigten Staaten, daß die Verantwortung für das Scheitern auf politischem Gebiet voll und ganz zurück auf sich selbst verworfen kann.

Washington legt daher großen Wert darauf, die Dinge klarzustellen, was nun auch geschieht. Dennoch werden nicht die USA danach trachten, ihre Verantwortung zurückzuerlangen, auf die zu verzichten sie bereit waren, von der EVG zum Erfolg zu verhelfen. Nachdem seinerzeit der Beitritt zum Viererbund vom amerikanischen Senat abgelehnt worden war, mußten sich die Vereinigten Staaten während 20 Jahren den Vorwurf gefallen lassen, die Sache Präsident Wilson verraten zu haben. Washington wird daher heute nicht zurückweichen.

Die Gefolgschaft vermag wohl aber nicht es sich ohne eigene Schuld einer Situation gegenüberzustellen, in der es, ohne direkt in den Isolationsismus zurückzufallen, einsehen muß, daß es selber unterstützt Europa, gebundenen Stellungen, die es gegenwärtig im Perimeter der freien Welt innehat, zurückzugeben. Die Amerikaner wollen jedoch diesmal nicht als Deserteure in einer Sache, die sie selber unterstützt haben, gehandelt werden. Wenn sich zum Rückzug entschließen, dann soll dies nur erfolgen, falls sie von den

das Mobiliar des Konsulats, bevor sie von der bewaffneten Militärpolizei auseinandergetrieben wurden. Die Geschäfte sind geschlossen, Straßen und öffentliche Gebäude werden von der Militärpolizei scharf bewacht, und die Behörden haben bekannt, daß die Ruhe wiederhergestellt worden sei.

Nationaltrauer

Rio de Janeiro, 25. Aug. (AFP) In Brasilien ist eine Landestrauer von acht Tagen angeordnet worden.

Der neue Präsident

Rio de Janeiro, 24. Aug. (AFP) Vizepräsident Café Filho übernahm am Dienstag die Präsidentschaft Brasiliens. Die entsprechende Zeremonie fand im «Laranjeiras»-Palast statt, der berühmten Gästen vorbehalten ist, und nicht im Präsidentschaftspalast.

Der neue Präsident richtete am Radio einen Appell an die Brasilianer, ihre politischen Differenzen zu vergessen und den toten Präsidenten für seine Verdienste an der Nation zu ehren. Filho sagte, daß er die Politik Vargas zur Hebung des Lebensstandards der arbeitenden Klasse fortsetzen werde.



Genäß der brasilianischen Verfassung wird Vizepräsident José Café Filho automatisch der Nachfolger des aus dem Leben geschiedenen Präsidenten Getúlio Vargas. (Photopress)



Bern, 24. Aug. (gg) Der brasilianische Staatsminister Getúlio Dornelles Vargas wurde am 19. April 1883 in São Borja, im brasilianischen Staat Rio Grande do Sul geboren. Nach dem Schulbesuch in Porto Alegre besuchte er die Militärschule des Paraisópolis, um dann in Porto Alegre die Rechte zu studieren. Bis 1908 amtierte Vargas als Bezirksanwalt. Dann eröffnete er in seiner Geburtsstadt ein Anwaltsbüro. 1913 wurde er in das Parlament von Rio Grande do Sul und 1923 in das brasilianische Bundesparlament gewählt. 1927/28 amtierte Vargas als Finanzminister und 1928/30 als Präsident von Rio Grande do Sul. 1930 von der Allianz der Liberalen als Kandidat für die Präsidentschaft der Republik aufgestellt, wurde Vargas für die Legislatur 1930/34 auch gewählt, doch ausgerechnet die Parteien der Gegenkandidaten als den Sieger. Daher löste er eine Revolution aus, die Präsident Lúcio Costa und ihn selbst zum Chef der provisorischen Regierung machte. In dieser Eigenschaft führte er Reformen durch. Er erließ mehrere fortschrittliche Arbeitsgesetze, und er verbesserte das Schulsystem. 1932 unterdrückte Vargas eine Revolution des traditionellen liberalen Staates São Paulo. Ein neu gebildeter Kongreß wählte Vargas zum Präsidenten.

Fig. 11: Quase 80% da primeira página da edição da manhã do dia 25 do St.Galler Tagblatt é consagrada à crise brasileira.

Capítulo IV

Os relatórios do ministro suíço no Rio de Janeiro

Édouard Albert Feer, depois de 5 anos em Buenos Aires, é nomeado Ministro suíço no Brasil em 1950. Em 1954, envia dez relatórios políticos e duas cartas para Berna. Neste capítulo vamos analisar principalmente quatros relatórios políticos, uma carta do diplomata e também outra do Cônsul Geral suíço em São Paulo⁷⁰.



Fig. 12: Édouard Albert Feer (1894-1983), Ministro suíço no Brasil de maio de 1950 a fevereiro de 1955. (Arquivos Federais em Berna)

⁷⁰ Cota dos documentos diplomáticos citados neste livro: CH-BAR, E2300#1000/716#874*, Rio de Janeiro, Politische Berichte und Briefe, Militärberichte, Band 8 [Relatórios e cartas políticas, relatórios militares, Vol. 8], 1948-1955.

A 23 de fevereiro, o ministro escreve um relatório de quatro páginas intitulado «Crise política no Brasil»⁷¹, no qual começa por analisar a destituição do Ministro da Guerra, Ciro de Espírito Santo Cardoso e a de João Goulart, Ministro do Trabalho, o que permite a Vargas eliminar os dois mais fortes opositores do seu Governo:

Desde o início, João Goulart foi uma das personalidades mais controversas da vida pública brasileira. É um jovem estancieiro do Sul, vizinho do Presidente, um aventureiro extraordinariamente ambicioso e sem qualquer convicção política. Muitos querem ver nele um filho espiritual do Presidente Vargas, o que poderia ser corroborado pela relação pessoal invulgarmente íntima entre os dois homens. Goulart — que é também o chefe do Partido Trabalhista Brasileiro, que apoia Vargas — teve logo o seu gabinete no palácio do Catete, o que enfatiza ainda mais, para o mundo exterior, a sua relação próxima com o chefe de Estado. Há meses que Goulart está a interferir na política geral de uma forma inédita, até mesmo no Brasil. Os sindicatos operários não poderiam ter desejado um agitador mais valioso do que o Ministro do Trabalho. Não para de incitar as massas a fazer valer novas reivindicações salariais e não se importa de denunciar como reacionários os seus colegas do Governo que não simpatizam com ele.

Jango é atacado pela imprensa burguesa que o considera como um perigo para o Brasil. O motivo principal destes ataques é o projeto de aumentar o salário mínimo em 100%:

Uma vez que o país já se encontra num vórtice económico inflacionista altamente alarmante, esta medida seria, na opinião de todas as pessoas relevantes, uma catástrofe total, pois faria com que o já excessivo nível de preços do país atingisse um ponto em que qualquer análise económica normal deixaria de existir.

Vargas tenta, porém, procrastinar esta medida. Sobre este aumento as opiniões dividem-se. Um grande grupo de oficiais escreveu a Vargas acusando Goulart de demagogia e denunciando a corrupção generalizada. Como o Ministro da Guerra manifestou a sua solidariedade com estes militares, Vargas pediu-lhe que se demitisse. Ao mesmo tempo, sacrificou Goulart para acalmar a contestação no seio das Forças Armadas, mas como é um colaborador do antigo ministro o que toma provisoriamente esta pasta, este objetivo não vai ser atingido.

⁷¹ «Regierungskrise in Brasilien», Relatório Político (R. P.) nº 2, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1954.

O embaixador ataca outra vez Jango:

A crise não está de forma alguma terminada. Como Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, Goulart tem agora uma margem de manobra ainda maior do que antes para que os sindicatos dos trabalhadores desencadeiem uma greve geral, cujo objetivo seria reconduzi-lo ao poder. O Exército está determinado a lutar. Nos círculos diplomáticos, a situação é encarada com alguma preocupação. Os adidos militares bem informados são de opinião que o Exército está suficientemente organizado e disciplinado para reprimir rapidamente os excessos de uma greve. No entanto, não excluem o risco de derramamento de sangue.

Para o diplomata helvético, o chefe de Estado vai tentar neutralizar o Exército:

O Exército continua a ser considerado mais forte do que os sindicatos dos trabalhadores, mas é precisamente um jogo do Presidente Vargas — que sempre foi um mestre da política de equilíbrio interno no seu país — organizar as grandes massas de trabalhadores de tal forma que o Exército fique definitivamente privado da vantagem nos momentos decisivos da luta política interna.

No fim do documento, o Ministro suíço põe em evidência a difícil situação na qual se encontra Getúlio, mas, neste mês de fevereiro de 1954, ainda acredita que este vai poder sair mais ou menos ileso da contenda:

Raramente um presidente sul-americano foi atacado e vilipendiado pela maioria da imprensa do seu país da forma como é o caso do Presidente Vargas neste momento. Todavia, seria errado considerar a sua posição como frágil. É um mestre na arte de mexer os cordelinhos nos bastidores e sempre sabe como evitar que os antagonismos internos cheguem ao extremo.

Em junho, Feer debruça-se sobre a oposição contra o Presidente Vargas⁷². Depois de ter escrito que as moções de censura contra o Chefe de Estado foram rejeitadas «por uma maioria pouco expressiva», realça que há uma grande falta de confiança em Getúlio:

A crise de confiança no Presidente continua. A imprensa da oposição ataca diariamente o chefe de Estado de forma agressiva e suspeita. A notória hipersensibilidade dos brasileiros em todas as relações internacionais transforma-se no seu oposto nas relações políticas internas. A liberdade de imprensa não é temperada por nenhum senso de «fair play» ou de dignidade nacional. É significativo, portanto, que os argumentos mais utilizados contra o *impeachment* do Presidente não tenham sido a questão

⁷² «Die Opposition gegen Präsident Vargas» [A oposição contra o Presidente Vargas], R.P. n.º 4, 24 de junho.

da culpa ou inocência da vítima, mas o constrangimento e as intrigas em torno do procurador, bem como o desejo de apresentar um espetáculo vergonhoso de impotência nacional aos países estrangeiros.

O povo principiou a crise quando viu que as contradições na política externa e o custo da vida não paravam de aumentar:

Seguindo um esquema que já deu provas, Vargas tenta reunir no seu gabinete as tendências políticas mais heterogêneas. Tem sido acusado de criar e fomentar sistematicamente a controvérsia para poder manter-se no poder como o fiel da balança. O seu jogo entre as tendências comunistas do jovem Ministro do Trabalho Goulart e a política monetária capitalista conservadora do Ministro da Fazenda Osvaldo Aranha é um dos exemplos mais recentes disso.

Porém, nada disto é novo. O ponto de partida que levou ao pedido de substituição, tem a ver, sustenta Feer, com as acusações feitas por Perón, segundo o qual Vargas «pratica uma política externa insincera e ambivalente». Além disso, o Presidente argentino censura Vargas por não ter posto em prática a promessa de formar um grande bloco económico entre os dois maiores países latino-americanos. Este facto, diz a oposição, é uma prova de que é inapto para governar, enquanto os seus apoiantes acreditam que foram os adversários de Getúlio que manobraram, o Presidente argentino.

A seguir, o diplomata, depois de ter qualificado de «cancro do Brasil» a máxima getulista *divide et impera* porque provoca uma «insegurança e uma instabilidade na vida pública», explica como o Presidente tenta apoiar-se nas massas populares e nos sindicatos para estes fazerem de contrapeso ao poder do Exército, «contra o qual não se pode governar a longo prazo»:

É também esse o objetivo do decreto sobre o salário mínimo de 1 de maio deste ano, que aumentará o nível geral dos salários em 100% nos escalões mais baixos e em 50%, em média, nos mais elevados, a partir de 1 de julho. Vargas espera que esta medida, que fez aprovar contra o parecer do seu gabinete, possa fazer com que a grande maioria dos eleitores se junte ao seu Partido Trabalhista nas próximas eleições do outono. Vargas assume o grave choque para a economia, que já se viu confrontada com custos de produção excessivos, tendo em conta a notória baixa produtividade da mão de obra brasileira em relação ao mercado mundial. Naturalmente, essa política é muito desfavorável ao crédito internacional do Brasil.

Feer considera que o ponto fraco de Getúlio é a relação com o Exército — como o prova a última crise de gabinete quando foi justamente o Alto Comando a impor o novo Ministro da Defesa — apesar de Vargas tentar controlar esta instituição, favorecendo a promoção a postos importantes de homens de esquerda e de outros que lhe são fiéis.

Na conclusão deste relatório, o diplomata helvético admite que Vargas tem algumas atenuantes:

É preciso reconhecer que o atual mandato de Vargas ocorre num momento particularmente difícil do desenvolvimento económico do Brasil. A crise de crescimento nunca pesou tanto sobre este colosso do novo mundo como agora. A indústria, e com ela o desenvolvimento das cidades, ultrapassou de longe a agricultura. A organização dos transportes e dos serviços públicos, a educação e a formação das populações têm cinquenta anos de atraso relativamente às exigências de um desenvolvimento industrial acelerado. A consciência social ainda não teve tempo de se afirmar verdadeiramente neste ritmo arrasador.

Dito isto, será preciso esperar para poder julgar este mandato presidencial:

Talvez as gerações futuras possam julgar o Presidente Vargas com mais equidade. No contexto das tensões atuais, a maioria dos representantes do mundo burguês instruído do Brasil vê-o apenas como um demagogo. Daqui a cinquenta anos, é possível que ele seja celebrado como um grande campeão da justiça social no Brasil.

O diplomata helvético envia uma carta a Berna a 2 de julho, na qual comenta a suspensão da lei sobre o salário mínimo decidida pelo Supremo Tribunal de Justiça, depois do pedido de anulação interposto pelas associações patronais «com base na inconstitucionalidade do decreto em questão». Esta decisão provocou «grande indignação entre os trabalhadores», nota Feer, que emite duas hipóteses:

O Presidente Vargas estará a tentar utilizar as manifestações dos trabalhadores para acirrar a luta de classes antes das eleições, ou então os meios conservadores, incluindo o Exército, estarão a tentar mostrar ao chefe de Estado que são «capazes» de travar a sua política demagógica?

Um aumento salarial parece iniludível:

Seja como for, a situação é extremamente tensa. Tendo em conta que a maioria dos empresários já adaptou os seus preços às novas condições salariais e que o custo de vida aumentou fortemente nos últimos dois meses, é pouco provável que o salário mínimo não venha a ser aumentado.

A 12 de agosto, o diplomata envia o relatório «Dias críticos no Rio de Janeiro», no qual resume o atentado, as reações no seio das Forças Armadas — e nomeadamente as da Força Aérea — e analisa as consequências⁷³ que não

⁷³ «Kritische Tage in Rio de Janeiro», R.P. nº 6, 12 de agosto.

«abrem boas perspectivas para a paz interna e para a estabilidade do regime democrático».

Este assassinato fez com que as paixões políticas internas, já acirradas em função das próximas eleições parlamentares, entrassem em ebulição, especialmente porque os antecedentes deste crime parecem estar diretamente ligados a círculos próximos ao Presidente da República. Carlos Lacerda ganhou recentemente grande popularidade, ao denunciar escândalos de corrupção que parecem ter comprometido o Governo e o Banco do Brasil. Esses escândalos de corrupção não são uma novidade no Brasil, mas Carlos Lacerda soube dar às suas revelações um carácter particularmente sensacionalista e utilizá-las diretamente contra o regime de Vargas.

O Ministro helvético acrescenta que o filho do Presidente, Lutero Vargas, foi alvo de «ataques brutais» por parte do jornalista, mas ainda não há nenhuma prova que o implique no crime, contrariamente aos guarda-costas do Presidente que, como sabemos, foram todos demitidos.

Feer fala ainda das divergências entre o ministro da Aviação, fiel a Vargas, e os seus oficiais, que pedem a sua demissão, das manifestações «populares espontâneas» na capital, «dirigidas principalmente contra» o PTB, depois da missa fúnebre pela vítima mortal do assassinato. Nota que há uma «confusão geral dos sentimentos» nesta luta entre os apoiantes de Getúlio e os que querem afastá-lo do poder.

Apesar disso, o diplomata releva que «a crise está a abrandar»:

A investigação deve continuar o seu curso normal. O Ministro das Finanças, Osvaldo Aranha, está em todo o lado para acalmar os ânimos e evitar uma crise presidencial. Apelou à imprensa para que mantivesse a calma e não perdesse a confiança no Exército.

O mais importante é evitar uma crise institucional «a todo custo», sobretudo porque o País está a atravessar uma grave crise económica, «que resulta do declínio das exportações do café», realça o chefe da missão suíça no Rio. Este constata que a imprensa da oposição está fora de si e que culpa diretamente Vargas pelo derramamento de sangue», enquanto as massas trabalhadoras e o povo em geral «têm uma visão mais serena dos acontecimentos.»

Na conclusão, o Ministro debruça-se de novo sobre o papel do filho de Getúlio e dos guarda-costas:

Para concluir, gostaria de reiterar que, até à data, não existem provas de que o Dr. Lutero Vargas seja diretamente culpado. Os membros da guarda palaciana do Presidente, na sua maioria negros e mestiços, estão, como é óbvio, completamente baralhados com a súbita tempestade que se abateu sobre eles e contradizem-se nas suas declarações. Todos culpam os ou-

tros. É também de esperar que estas pessoas, de acordo com a sua origem e nível de educação, inventem histórias para se ilibarem.

Dois dias depois do drama, Feer envia um longo relatório⁷⁴, «A morte do Presidente Vargas»:

O Presidente Vargas suicidou-se com um tiro de revólver no coração, no dia 24 de agosto, às 8h20 da manhã. Esta era aparentemente a única solução que permitia a este homem, orgulhoso e ambicioso, evitar a humilhação de uma demissão forçada e preservar a sua grandeza histórica perante o seu povo até ao fim. O ódio dos seus opositores calou-se perante a majestade da morte. De facto, o remorso percorre as suas fileiras. Sabem que foram longe demais na sua agitação ditada pelas paixões partidárias. Não queriam este fim de um grande brasileiro. Pois Vargas é realmente uma grande figura da história do Brasil; é considerado o criador espiritual do sentimento nacional brasileiro e é, indiscutivelmente, o primeiro Presidente a garantir às massas brasileiras os direitos à dignidade humana através de uma legislação social consequente.

Agora, depois das reacções violentas dos seus apoiantes, nomeadamente do Rio Grande do Sul, a situação está calma, acrescenta o diplomata que observa como o luto é universal»:

O povo brasileiro é extremamente sentimental e a morte dramática e trágica do seu Presidente atingiu-o profundamente. Nos últimos dias, por todo o lado viam-se homens e mulheres com rostos cheios de lágrimas. Havia uma espécie de atmosfera de Sexta-feira Santa. Getúlio Vargas não se julgou apenas a si próprio, mas também a todo o povo brasileiro e agora que é demasiado tarde, olha para dentro de si e faz um exame de consciência.

Continua o seu relato, explicando as «origens desta tragédia». Além dos factos já relatados a 12 do mesmo mês, Feer destaca os resultados das investigações do Ministério da Aviação e, em particular, a corrupção «sem precedentes» à volta de Gregório Fortunato, o chefe da guarda presidencial, «um dos homens mais ricos» do País. Entre outras coisas, no apartamento dele foram encontrados um recibo do filho mais novo de Getúlio, notas de bancos, promessas de pagamentos e, no escritório, «uma oficina de falsificação de notas».

O Ministro não tem nenhuma dúvida quanto aos autores do atentado contra Lacerda:

O assassínio e o homicídio de 5 de agosto foram manifestamente cometidos por membros desta guarda presidencial, que contava com mais de

⁷⁴ «Der Tod von Präsident Vargas», R.P. n.º 7, 26 de agosto.

80 homens no total. Os implicados estão presos e confessaram. As suas declarações sobre os instigadores do crime são totalmente contraditórias, mas uma coisa é certa: o filho do Presidente, o deputado Lutero Vargas, que esteve anteriormente no centro das suspeitas, não está envolvido. Declarou a sua inocência sob juramento aos oficiais do Ministério da Aviação que estão a conduzir a investigação e as declarações contra ele provaram ser falsas.

O diplomata exclui uma responsabilidade direta de Vargas no atentado. Todavia, este pode ser responsabilizado por ter levado estes homens da sua fazenda, «negros e mestiços, à capital como guardas do seu palácio, dando-lhes demasiada liberdade». São todos originários do Rio Grande do Sul, na fronteira com a Argentina, onde a violência é o seu dia a dia, e «onde a justiça se mistura com a injustiça».

A seguir, depois de ter explicado que o ex-Presidente não quis demitir-se e que só deixaria o Palácio do Catete morto, o Embaixador suíço nota que «o fator decisivo para a resolução trágica da crise foi a deserção do Exército.» Com efeito, a maioria dos oficiais de alta patente tinham exigido a saída de Getúlio da chefia do Estado.

Feer dá também a sua opinião sobre a carta-testamento:

Com este documento, prova que estava determinado, mesmo depois da sua morte, a influenciar o destino do seu país e a morrer pelo sucesso das suas ideias políticas. Ao sacrificar a sua vida, Vargas retirou a vitória das mãos dos seus inimigos. Ele não poderia ter-lhes dado um golpe mais sensível naquele momento. A reação espontânea das massas prova-o. A situação não é isenta de perigos. É muito fácil para os seguidores do Partido Trabalhista usar o martírio de seu amado Getúlio como uma arma eficaz nas próximas eleições. O medo de que os comunistas sejam os beneficiários da situação é generalizado.

No fim deste relatório, apresenta os membros do novo executivo, mais conservador, e que lhe parecem ser reconhecidamente talentosos. Espera que os demissionários Osvaldo Aranha, ex-Ministro das Finanças e todos os diretores do Banco do Brasil possam ser devidamente substituídos, para «evitar a paralisia temporária da vida económica temida por muitos em cada mudança de governo».



Fig. 13: O Ministro suíço em junho de 1954, com o Presidente da Câmara dos deputados Nereu Ramos e a mulher deste. (*Neue Berner Zeitung*, 27 de junho de 1954)⁷⁵

Na documentação diplomática encontrámos uma carta datada de 26 de agosto do Cônsul geral Oswald Morand, que relata as reações em São Paulo⁷⁶. Em primeiro lugar, informa que, dois dias antes, no fim da manhã, todas as atividades cessaram, nomeadamente nos bancos, nas fábricas, no comércio e na administração, mais por medo de motins do que em sinal de luto. Descreve a seguir a reação do povo:

Com efeito, como seria de esperar de uma multidão exacerbada pelas dificuldades da vida e pela inflação vez mais elevada, para quem qualquer pretexto é bom para exprimir o seu descontentamento, milhares de «populares» — habilmente puxados até ao limite pelos agitadores profissionais que se encontram em circunstâncias semelhantes — reuniram-se nas praças públicas do centro da cidade. Aí foram incitados por representantes do PTB (Partido Trabalhista do falecido presidente), formaram corte-

⁷⁵ Em 1955, este jornal bernês tem uma tiragem de 16.000 exemplares.

⁷⁶ «Les derniers événements politiques vus de São Paulo» [Os últimos acontecimentos políticos vistos de S. Paulo]. Oswald Morand (1911-1987) é responsável deste Consulado de janeiro de 1954 até junho de 1966.

jos e cometeram atos de vandalismo. As primeiras vítimas foram viaturas da polícia, vitrinas de lojas, bares e outros estabelecimentos comerciais, como a Scandinavian Air Lines, cujas instalações sofreram alguns danos. Na Praça da Sé, registaram-se algumas trocas de tiros, com cerca de dez feridos, mais ou menos graves, entre polícias e manifestantes, mas não se registaram mortes.

Porém, a polícia e a força paramilitar do Estado conseguiram restabelecer a ordem, «sem grandes dificuldades». As tropas federais —em estado de alerta— não precisaram de intervir. Morand, depois de ter falado do «vibrante apelo» à população do Governador e a proclamação de um luto oficial de oito dias, nota que, já no dia 26, «o trabalho tinha sido retomado normalmente em São Paulo e que a calma prevalecia em quase todo o lado»:

Como se vê, tirando alguns excessos inevitáveis, os acontecimentos nesta capital não causaram tanta agitação como no Sul do país, onde em Porto Alegre até o Consulado dos Estados Unidos e o National City Bank foram saqueados. A colónia suíça não sofreu danos.

Conclusão

A trágica morte do Presidente dos Estados Unidos do Brasil não só provocou um enorme choque no maior país da América do Sul, mas foi manchete na imprensa internacional, que não se limitou a relatar os factos, mas publicou comentários e análises. Durante alguns dias da última semana de agosto de 1954, o Brasil esteve no centro da atenção dos jornais do mundo, e os periódicos suíços não constituem uma exceção.

Os dois quotidianos de referência da Romandia debruçam-se sobre o sucedido com quatro artigos de fundo. Na *Gazette de Lausanne*, encontra-se um dos raros comentários escritos antes do suicídio, no qual a folha liberal enumera as dificuldades económicas do País, os ataques agressivos da imprensa da oposição e do «talentoso» Carlos Lacerda, vítima de um atentado. Além disso, menciona as manifestações antigovernamentais, nomeadamente depois das investigações terem revelado a implicação de homens de confiança do Presidente neste caso. Acrescenta que o chefe de Estado — que dissolveu a sua guarda pessoal — não quer demitir-se apesar do regime estar a perder confiança. De qualquer forma, o Exército terá a última palavra.

A 25, os dois jornais inserem três comentários entre os quais dois editoriais. O do *Journal de Genève*, assinado por Bernard Béguin — que define o regime de Getúlio como uma «ditadura de esquerda» —, enfatiza por um lado a importância excessiva do café, cujo preço instável condiciona o funcionamento da economia do país e, por outro lado, a decisão de aumentar em 100% os salários na indústria. Este segundo fator foi suficiente para que se formasse uma conspiração que tomou muita mais força depois do atentado. Para o jornalista genebrino, o suicídio só acrescentou uma nota passional, mas não resolveu absolutamente nada.

Para René-F. Lombard, editorialista da *Gazette de Lausanne*, os acontecimentos do dia 5 são largamente insuficientes para explicar o gesto fatal de Getúlio, que originou uma autêntica trovoadas: só fizeram acelerar e precipitar uma crise já latente. Esta foi causada pelas «ousadas medidas políticas» tomadas no segundo mandato do nativo de São Borja, que suscitou os temores dos grandes proprietários agrícolas, aliados aos potentados financeiros e industriais. O articulista não tem dúvidas: os «coronéis», os grandes industriais e grupos financeiros estão por trás das pressões exercidas pelo Exército sobre Vargas.

Na mesma data, o diário da cidade do extremo do lago Lemano publica

também um outro texto da autoria de um seu correspondente particular. Este reconhece que Getúlio não conseguiu travar a inflação e que o comércio externo deu menos receitas, mas relativiza as responsabilidades do Presidente falecido. Na sua opinião, os que o acusam de ter levado o Brasil à catástrofe e que privilegiou os interesses dos grandes capitalistas são injustos. Lembra que o País está a sofrer as consequências da sua rápida industrialização e que Vargas teve a árdua tarefa de lidar ao mesmo tempo com a pobreza, seja dos operários urbanos como das massas de trabalhadores rurais, e com as exigências do grande capital.

* * *

A análise mais completa e profunda que encontramos na imprensa helvética é aquela de Albert Béguin, que redigiu três longos textos para a folha liberal de Lausana. No primeiro, enfatiza a importância deste acontecimento e chega a afirmar que a 24 de agosto daquele ano, o Brasil entrou no século XX, porque, na sua opinião, as massas ocuparam pela primeira vez o seu lugar na história brasileira. Quanto ao atentado destaca o papel de Gregório Fortunato, o Rasputin brasileiro, que se tornou rico graças a todo o tipo de tráfico ilegal e ao *laisser-aller* do sistema. Não acha que Vargas tenha sido o mandante do crime, mas acusa-o de nepotismo, tendo fechado os olhos perante às pilhagens do erário público por parte de familiares e do seu *entourage*.

Para o escritor suíço, Getúlio não se matou porque ficou desesperado e abatido. Fazendo referência à carta-testamento — «um documento extraordinário», que considera como absolutamente autêntico — afirma que o político gaúcho quis pôr obstáculos no caminho dos seus adversários, lançando as massas contra eles, e deixar uma marca perdurável na história brasileira, tocando na alma do seu povo. Por outras palavras, com a sua morte quis vingar-se e traçar uma linha política que os seus sucessores terão a obrigação de seguir.

Béguin exprime a sua admiração para o defunto do qual enfatiza a «assustadora grandeza pagã», o tom de herói romano e a maquiavélica habilidade do seu testamento, no qual Getúlio convida as massas populares a entrar na política ativa, até então reservada a um restrito grupo de pessoas das classes abastadas e intelectuais.

No segundo artigo, demole Carlos Lacerda, que define não como um herói, nem um agente dos Estados-Unidos, mas como um puritano fanático e raivoso de pureza moral, que procura os escândalos apenas pelo prazer de denunciar indivíduos e nunca as estruturas sociais. No fundo, quer punir os outros pelos seus erros da juventude quando era militante comunista e teve uma vida pouco católica. Agora comunga todos os dias, fala nas estações radiofónicas horas sem fim e utiliza o seu jornal para lançar ataques odiosos. Na opinião de Béguin, o panfletista é um homem sem ideologia que nada tem de um reformador social e que não percebe as mutações provocadas pela irrupção das massas

na esfera pública. Utiliza os métodos da polícia secreta soviética e do senador McCarthy, não para fazer dinheiro, mas para obedecer à sua obsessão patológica de denunciar. Nem sequer se apercebe que o seu ódio tem algo de muito pessoal e pensa que está a agir de forma totalmente desinteressada.

O escritor suíço interroga-se sobre os que tiraram vantagem das numerosas campanhas jornalísticas do diretor da *Tribuna da Imprensa*, agora frustrado com a morte do seu tirano. Cita, em primeiro lugar, os grupos da oposição, os antigos líderes liberais, a burguesia e todos os que estavam ligados aos Norte-Americanos. No entanto, os que verdadeiramente retomaram as campanhas de Lacerda são as «gentes honestas», «herdeiros do feudalismo fundiário», partidários de uma ideologia anacrónica. Estes têm toda a razão em criticar os males do getulismo, mas não estão à altura de resolver os problemas atuais do país que já não são os mesmos que os de há trinta anos atrás. Pelo contrário, Vargas, apesar da sua demagogia, das mentiras, da corrupção e dos vícios das pessoas mais chegadas, percebeu os problemas postos com a entrada das massas populares na vida pública e política.

No terceiro artigo, depois de ter feito um relato das reações populares logo após o anúncio do óbito, salienta que, com a publicação da carta-testamento, tudo mudou: o povo já não pensava na inflação galopante, na corrupção e na crise económica. Para ele, o culpado já não era Getúlio, mas os ricos, a imprensa da oposição e os Estados Unidos e agiu com violência, atacando várias redações e sedes diplomáticas americanas.

Albert Béguin atribui um peso excessivo ao mito de Getúlio que, na sua opinião, apesar de enquanto vivo ter perdido, tornou-se vitorioso de um dia para outro depois da sua morte e antecipa de forma precipitada uma grande vitória getulista nas futuras eleições legislativas de outubro. Enfatiza o facto de Vargas ter dado um impulso nacionalista, convidando as classes trabalhadoras a lutar pelos seus direitos e contra os interesses americanos.

O autor — que descreve com precisão a grande contradição de um país onde uma minoria que tem um nível de vida comparável ao dos habitantes de Chicago, perante uma esmagadora maioria que vive numa grande miséria, que compara àquela que se vê na Índia — pergunta quem poderá educar este povo. Exclui os velhos partidos moralistas, pois um homem que passa fome não é sensível aos temas da dívida pública e ao facto de o Estado estar sem dinheiro. O partido de Vargas — que foi implicado em vários escândalos e que, na sua opinião, não tem qualquer espécie de doutrina — também não está em condições de realizar esta tarefa.

Talvez os partidos extremistas, como o Partido Comunista — que já mostrou a sua eficácia em outros países — possam encontrar um terreno favorável, sobretudo se os compradores americanos do café continuarem a exercer uma forte pressão sobre o preço desta matéria prima, nota o jornalista. No fim da sua análise, menciona — sem os nomear especificamente — um grupo de jovens que têm uma visão clara da situação e que estariam em condições de

aplicar tendências inovadoras. Porém, para Béguin, os outros políticos nunca os deixariam agir.

* * *

Inevitavelmente, os diários de cada cantão francófono retomam uma grande parte dos temas já tratados pelos dois quotidianos de referência, como, por exemplo, as reações da Força Aérea, o poder das Forças Armadas, os ataques da oposição, a corrupção do regime, as dificuldades económicas. No entanto, podemos destacar algumas considerações encontradas nestes órgãos de imprensa.

Em Friburgo, *La Liberté*, — que classifica Getúlio como um democrata autoritário e homem de ação, que não conseguiu cumprir as suas promessas — fala do sofrimento que o ex-Presidente viveu durante estas últimas semanas e manifesta uma grande pena e a sua tristeza pela «funesta determinação» de Vargas.

A *Tribune de Lausanne*, depois de ter evidenciado o poder dos militares, o falhanço do segundo mandato do recém-falecido, os ataques da oposição ao Presidente, as manifestações contra o regime e as reações dos seus partidários depois da morte do «Pai dos pobres», analisa o papel dos Estados Unidos. O editorialista admite que estes ataques face à influência americana e ao poder dos grupos financeiros internacionais que aparecem na carta-testamento têm algum fundamento, embora não seja algo de novo, como o prova a ideologia do Presidente argentino Perón.

John Hostettler, na *Feuille d'Avis de Neuchâtel*, salienta que Vargas hostilizou interesses muitos poderosos, causa principal da sua queda. Por conseguinte, interroga-se sobre quem está por trás da intervenção do Exército. Sem responder diretamente à pergunta, realça o facto de a política económica do nativo de S. Borja não ter agradado aos Estados Unidos. Admite que Getúlio cometeu erros, mas, além de manifestar a sua simpatia por ele e a tristeza pelo trágico desfecho da crise, escreve que o ex-Presidente deu ao Brasil uma indústria e, sobretudo, permitiu-lhe ter a consciência das suas riquezas e da sua força. O mesmo jornal publica também um texto de carácter quase religioso, no qual, não deixando de expressar um certo respeito pela palavra de um homem que decidiu morrer, diz claramente que um ser humano não tem o direito de tomar essa decisão e que o único verdadeiro sacrifício foi aquele de Cristo.

L'Impartial admite que há vários fatores que impedem o desenvolvimento do Brasil, mas aponta principalmente o dedo acusatório contra o Exército que tem muitas responsabilidades neste dramático desfecho, por ter deposto um chefe de Estado que muito provavelmente não esteve envolvido no atentado ao diretor da *Tribuna da Imprensa*. O periódico de La-Chaux-de-Fonds acusa

⁷⁷ Em agosto de 1971, este periódico passa a intitular-se simplesmente *Tribune de Genève*.

sem meios termos a aliança entre a instituição militar, o mundo da indústria, a alta finança e os grandes proprietários rurais.

Surpreendido pelo terrível desenlace da crise, Henri Schubiger faz um resumo da vida política de Getúlio, no qual fala do Estado Novo — que define como um regime de extrema-direita com teorias sociais típicas da extrema-esquerda — o oportunismo e a falta de escrúpulos do ditador e o papel central do Exército na sua carreira. No segundo mandato, o natural de São Borja empenhou-se em ganhar a simpatia das classes mais desfavorecidas, escreve o editorialista de *Le Courrier*, o que não agradou à alta burguesia, à extrema-direita e a uma parte das Forças Armadas. O atentado ao polemista, cujas críticas define-as como «ardentes», aceleraram a crise. A pressão dos militares de alta patente, nomeadamente os da Força Aérea e do Exército, tornaram insustentável a posição do chefe de Estado que manteve a sua palavra: saiu do Palácio do Catete morto.

Para *La Tribune de Genève*⁷⁷, é difícil perceber como um homem tão popular chegou a tomar esta irrevogável decisão. Assinala os ataques extremamente violentos de Lacerda e refuta a tese do polemista que acusa o Presidente de ser o mandante do crime. Para o vespertino de Genebra, está fora de questão que Vargas e o filho dele estejam envolvidos no caso, acrescentando que a tarefa de Café Filho será extremamente complicada, pois o ex-Presidente é visto como um mártir por uma boa parte dos seus apoiantes.

Na mesma cidade, *La Suisse* analisa principalmente as causas profundas dos recentes acontecimentos, porque um atentado não pode esclarecer tudo. Por conseguinte, insiste sobre o facto que a política nacionalista de Getúlio quis liberar o país das influências estrangeiras e dar uma certa dignidade às classes mais carenciadas, ameaçando os interesses dos mais poderosos quer no Brasil, quer no estrangeiro. No fim coloca uma pergunta que é em si quase uma resposta: quem está por trás da intervenção das altas patentes militares, na origem do suicídio?

A *Nouvelle Revue de Lausanne* dá uma imagem positiva do falecido, do qual admira a longevidade no poder — caso muito raro na América do Sul — e as suas qualidades excepcionais de grande combatente que lhe permitiram regressar à Presidência em 1951. Censura a violência dos órgãos de imprensa da oposição e comenta a carta-testamento na qual acusa as multinacionais americanas. Para o editorialista, Getúlio sabia perfeitamente o que estava a fazer e a sua morte vai instigar a luta entre os filo-americanos e os que se opõem aos Estados Unidos. No fundo, é quase impossível decifrar as intenções do político gaúcho, mas o editorialista — que prevê um possível aproveitamento por parte dos comunistas — é da opinião que Vargas quis tornar-se uma bandeira, para que os seus apoiantes possam continuar a lutar e a não ceder perante os poderosos.

Mais negativo é o comentário do *Nouvelliste valaisan*, segundo o qual é praticamente impossível conciliar os interesses das famílias imensamente ri-

cas e os de uma população assustadoramente miserável, nomeadamente tendo em conta que a situação do país piorou. Vargas teve de deixar o idealismo de lado e ocupou-se exclusivamente em governar. O diário de Sion fica altamente surpreendido com a funesta determinação de um político que conhecia todos os perigos, as regras e as subtilezas do jogo: Vargas precipitou-se. Por isso, tal como Arbenz na Guatemala, não vale a pena dar demasiada importância a este incidente que não terá nenhuma consequência relevante para o Brasil.

Citámos também a opinião de dois jornais de esquerda da Romandia. Em *La Sentinelle*, Edmond Privat afirma perentoriamente que Getúlio, conseguiu bater os seus adversários, transformando, com o seu gesto fatal, a sua derrota em triunfo. Acrescenta que é mais um fracasso para Washington e Foster Dulles. Tal como na Guatemala, o que se passou no Brasil atíça os sentimentos antiamericanos, muito mais do que a propaganda soviética. O pacifista suíço salienta que os meios financeiros criticaram Vargas porque este quis nacionalizar certas produções como a do petróleo e agora esperam que o seu sucessor possa mudar de rumo.

O comunista *Voix Ouvrière* não é nada benevolente com o antigo Chefe de Estado: trata-o de demagogo de primeira categoria, que defendia os monopólios americanos e que perseguia o Partido Comunista. Relatando a sua carreira movimentada, insiste sobre o facto que se apoiou em grupos fascistas para tomar o poder em 1930 e apoda o seu regime com o mesmo termo. O jornal comunista admite que, após 1951, Getúlio tentou resistir à pressão de Washington, provocando a reacção da facção burguesa pró-americana — muito importante, nomeadamente na Força Aérea — que conduziu ao suicídio. Todavia, não deixa de insistir sobre a dependência do regime getulista em relação aos Estados Unidos e sobre as medidas liberticidas contra as massas trabalhadoras tomadas por esta típica ditadura social-democrata.

* * *

Nos comentários dos jornais regionais e locais romandos tratados nesta obra, encontrámos opiniões relativamente contrastantes. Podemos notar que ninguém defende a atitude de Carlos Lacerda, como *Le Démocrate* que o trata de jornalista de escândalos apoiado pela burguesia — tendo em vista as próximas eleições — ou *La Gruyère*, que considera que o panfletista escrevia sem rodeios ou ainda a *Feuille d'Avis d'Aigle* que acusa os jornais antigovernamentais de ter explorado até ao limite o escândalo provocado pelo assassinio do Major Vaz.

La Gruyère — que indica o nome de Lutero Vargas como mandante do crime — dá uma imagem relativamente positiva do político gaúcho, cujo gesto fatal constitui um ato supremo de uma carreira política. Salienta o combate de Getúlio contra os lucros escandalosos das classes dominantes e para dar uma dignidade aos meios menos favorecidos. Além disso, tornou o Brasil uma potência diplomática e industrializou o País.

Muito crítico é o ponto de vista de *La Patrie valaisanne* — segundo o qual os heróis, como Winkelried, nunca se suicidaram — e que não percebe os motivos desta funesta decisão que não vai contribuir para a sua memória. Mesmo assim, o jornal do Cantão do Valais reconhece algum mérito ao recém-falecido: admite que o povo brasileiro é explorado pela finança internacional e que Vargas lutou contra esta escravatura latente, mas tudo isto não legitima o seu «gesto estúpido».

Alguns destes periódicos debruçam-se sobre o papel dos militares: a *Feuille d'Avis d'Aigle* salienta, e com razão, que às vezes o Exército esteve do lado de Vargas e noutras ocasiões abandonou-o. *Le Jura* escreve que os militares — que, afinal sempre têm a última palavra — andavam muito descontentes com as medidas tomadas pelo Governo em favor dos trabalhadores. Aproveitando a oportunidade e com o apoio da oposição, empurraram o Presidente para um beco sem saída. Por seu lado, *Le Jura vaudois* sublinha que o Exército exerceu uma enorme pressão, causa principal do suicídio e espera que não aconteça no Brasil o mesmo que na Guatemala.

A carta-testamento é objeto de observações. *Le Démocrate* considera que esta devia ser suficiente para animar a multidão; *La Gruyère* escreve que, além de falar da sua luta contra a inflação e em favor do povo, Vargas exprime «sentimentos de rara humanidade quando responde ao ódio do seu adversário com o perdão»; para *Le Jura*, este texto — no qual o autor se representa como vítima — foi escrito «sob a influência da excitação»; na opinião de *La Patrie valaisanne* trata-se de um documento redigido por um egocentrista que se tomou por Jesus Cristo e que sofre de uma «hipertrofia de consciência da própria personalidade». Três destes periódicos regionais falam das consequências imediatas da publicação desta carta: os violentos ataques aos jornais da oposição e às sedes diplomáticas norte-americanas.

No *Journal d'Yverdon*, pode-se ler um testemunho relativamente raro. Georges Duplain rememora uma visita que fez em 1952 ao falecido Presidente, que lhe deixou uma forte impressão. Destaca em particular o seu olhar penetrante e a «sua personalidade quase magnética», que era melhor não ter de defrontar. Apanhado de surpresa pelo suicídio porque «não se enquadra na sua personalidade hábil» e no seu espírito de combatente, considera-o como um acontecimento grave que, contudo, não pode afetar o futuro de um país tão grande e tão promissor.

* * *

No Cantão do Tessino, a esmagadora maioria dos comentários são escritos pelo *Giornale del Popolo*, que, sendo católico, censura logicamente o suicídio porque nenhuma razão justifica a destruição de um dom de Deus.

O diário de Lugano lança uma diatribe amplamente subjetiva e sectária contra Vargas: era «um homem sem escrúpulos» e sem fé que tentou encobrir

as responsabilidades dos seus próximos no atentado; o seu fim não é glorioso, nem heroico, pois morreu como viveu; se tivesse sido corajoso, teria enfrentado a realidade; o seu regime corrupto quis ver-se livre de Carlos Lacerda; como político, não tem mérito nenhum; protegeu ladrões e bandidos; manteve-se no poder só graças à violência e à corrupção; a sua carta-testamento, «concebida em termos de drama deliberado», vale muito pouco; contrariamente ao que se pode ler em outros títulos, a sua morte não foi nada bonita, mas significa a «aceitação, total e resignada» de ter perdido a batalha.

O editorialista — que cita um artigo de *L'Osservatore Romano* — não nega o papel negativo das multinacionais, mas com este gesto fatal deixou o seu povo «nas garras do grande capitalismo estrangeiro» que quer conservar a escravidão económica do Brasil. Por outras palavras, Getúlio entrou na História como um desertor que abandona a luta, deixando o seu País sem guia.

Se o antigo Presidente não é poupado pelo articulista, este tece os elogios do diretor da *Tribuna da Imprensa*, valoroso jornalista católico que «denunciava corajosamente os escândalos de uma administração corrupta». Lacerda «travava uma luta sem quartel» contra os comunistas e contra o regime. Este homem «que não se deixava nem lisonjear, nem intimidar [...] devia ser eliminado a qualquer custo», acusa com veemência o editorialista do diário do Tessino.

Neste periódico encontrámos uma passagem muito rara, quando escreve que nos transportes públicos da cidade de Lugano se ouvia comentários de cidadãos sobre o trágico desfecho do conflito entre os militares e o chefe de Estado. A sua morte fez com que se falasse mais do Brasil num dia que em toda a carreira políticoi do estadista gaúcho.

As últimas três das seis análises que o *Giornale del Popolo* dedica a este drama, são resumos de artigos enviados do Brasil por Virgílio Lilli, jornalista do *Corriere della Sera*. O enviado especial do jornal milanês manifesta a sua grande simpatia pelo polemista «sério, preparado e profundamente honesto», valente, incansável nas suas campanhas jornalísticas que «venceu a sua batalha» em favor da «liberdade e da honestidade. Ao mesmo tempo, trata o natural de São Borja de cobarde e de orgulhoso. Acusa-o de ser o responsável da ruína económica do Brasil de ter cometido «um ato desesperado no qual buscou a vitória póstuma». Além disso, com o seu testamento fez o jogo do Partido Comunista, na sua cruzada contra Washington.

Os outros periódicos do cantão italo-fono, como o *Corriere del Ticino* e *L'Eco di Locarno*, inserem só resumos da crise e das manifestações populares, enquanto *Libera Stampa* publica a tradução do artigo que o pacifista Edmond Privat redigiu para *La Sentinelle*. Só a folha conservadora *Popolo e Libertà* escreve um comentário no qual sugere que talvez tenha sido o grande sucesso de Vargas nas eleições de 1950 que, de alguma forma, o perdeu. Além disso, como muitos analistas da imprensa internacional, explica o insucesso económico de Getúlio pelo facto que não soube escolher entre «uma política social corajosa»

em favor da esmagadora maioria da população e a «manutenção dos privilégios de uma pequena minoria.»

* * *

A maioria dos periódicos da Suíça alemã dão uma imagem relativamente positiva do ex-chefe de Estado. *Die Tat* acha que foi um político inteligente e hábil que «deixou a sua marca» no Brasil de 1954. Além disso, sem nacionalismo excessivo, combatendo os particularismos locais, conseguiu fazer uma verdadeira nação, tentando, ao mesmo tempo, enfrentar os problemas sociais.

Apesar de Vargas não ter sabido enfrentar a crise social neste segundo mandato, durante o qual faltou-lhe sobriedade e um pulso firme e de ter sido um oportunista cheio de contradições, de ter feito erros que o país pagou muito caro, para o articulista — que o compara mesmo aos «déspotas esclarecidos», Salazar, Nasser e Ataturk — Getúlio foi bem diferente dos outros ditadores «fanfarrões» do Subcontinente. Teve um papel fundamental para a democracia brasileira e deu ao país um rumo a seguir.

O liberal *Basler Nachrichten* considera-o como um homem notável e um dos «mais marcantes e capazes estadistas sul-americanos» do século, popular por ter promulgado leis em favor dos mais carenciados. Em suma, uma personalidade autoritária, invulgar que «marcou profundamente a recente história» do seu País, vítima de uma campanha de imprensa implacável e que se suicidou por ter-se encontrado num beco sem saída.

Der Bund publica dois comentários. O primeiro, da autoria da sua redação, nota que a crise durava há várias semanas e que a classe para a qual o ex-Presidente lutou nem sempre esteve ao seu lado. O segundo, escrito por um correspondente de uma agência noticiosa, aborda temas mais económicos, como o aumento do investimento americano e da produtividade interna. Contudo, não deixa de destacar os esforços do natural de São Borja — que merece ocupar um lugar de destaque na história brasileira — para reduzir o fardo imposto à classe trabalhadora.

Segundo o *Tages-Anzeiger*, tudo começou com um atentado que manchou o regime e que acabou por desgastar o Governo e levá-lo ao suicídio. O jornal de Zurique considera que o político gaúcho foi notável entre 1930 e 1945. Porém, a história o julgará como um dos mais fracos chefes de Estado devido seu segundo mandato. Adicionalmente, não vê como o Brasil poderá encontrar uma solução para os seus problemas, o que parece altamente paradoxal para um país que possui tantas riquezas.

O socialista *Vorwärts* denuncia a corrupção do regime getulista e a sua fraca resistência perante a influência norte-americana. Este periódico quer eleições livres e a independência económica do país, mas insiste sobre o facto que só com as lutas populares será possível salvar a democracia perante os ataques da burguesia reaccionária que apoia fascistas como Gomes e Lacerda.

Para o *Neue Zürcher Zeitung*, o atentado não teria tido consequências tão trágicas se o país não tivesse de fazer face a uma inflação galopante e a uma forte queda das exportações de café, bem como às consequências do nacionalismo económico e da corrupção sem fim. No entanto, o principal jornal da capital económica da Suíça constata que a imprensa antigovernamental foi dura e patética, ultrapassando todos os limites. O jornalista de Zurique observa um paradoxo: Vargas acabou por se tornar o bode expiatório da oposição, depois de ter conseguido sempre encontrar bodes expiatórios ao longo da sua carreira.

O mesmo jornal de referência publicou uma carta de um leitor que conhece bem a realidade brasileira. Ele relativiza a tónica dos artigos contra o ex-presidente, retratando-o de forma positiva, mas admitindo que nem tudo correu como planeado e que ele próprio teve de sofrer as consequências da sua política social. Para este industrial suíço no Brasil, Getúlio era um homem íntegro, um grande cidadão, com espírito elevado e boas intenções. Na sua opinião, suicidou-se devido à forte pressão psicológica exercida sobre ele por não ter atingido os seus objetivos.

* * *

Em fevereiro de 1954, o Ministro suíço no Rio comenta o afastamento de dois membros do Governo e não hesita em atacar João Goulart – um agitador demagogo e corrupto – considerado por muitos «o filho espiritual de Vargas»: não para de interferir na política brasileira, foi ele que propôs aumentar em 100% os ordenados da classe trabalhadora e agora que já não faz parte do Executivo, pode até chegar a provocar uma greve geral. Feer põe em evidência que o Exército – «mais forte do que os sindicatos» – começa a manifestar o seu descontentamento, mas ainda acredita que a posição de Getúlio – verdadeiro mestre em sair de situações complicadas – não é frágil, apesar da enorme campanha de imprensa contra ele.

No relatório de finais de junho, o Chefe da legação suíça no Rio de Janeiro trata da perda de confiança no Chefe de Estado, do qual censura severamente o método de tentar dividir os seus adversários e de alimentar a controvérsia para poder governar («*divide et impera*»). Cita como exemplo o aumento dos salários, medida através da qual pensa poder fazer de contrapeso ao Exército. E é justamente na sua relação com esta instituição – cujo apoio é, no entanto, indispensável para poder governar – que reside o seu ponto fraco. Todavia, o Ministro – que condena os excessos da imprensa da oposição e que não quer julgar prematuramente o mandato de Vargas – admite que o Presidente tem tido de enfrentar o rápido crescimento industrial a um ritmo arrasador do Brasil, sem consciência social e com as infraestruturas que têm um atraso de 50 anos.

Quando o Tribunal Supremo suspende a proposta de lei sobre a atualização salarial, provocando a forçosa reação operária, Édouard Feer está convencido que, devido ao forte aumento dos preços, não se poderá evitar um ajuste

dos ordenados. Preocupado com a subida da tensão no país, interroga-se se o Chefe de Estado irá fomentar uma luta de classes ou se os meios conservadores conseguirão «travar a sua política demagógica».

Uma semana depois do atentado, revela que os membros da guarda presidencial fazem declarações contraditórias e inventam histórias para tentarem baralhar as cartas, mas exclui perentoriamente que Vargas e o seu filho Lutero estejam implicados neste delito. Reitera as suas críticas à imprensa sensacionalista que está fora de si, acrescentando que a classe trabalhadora parece ter uma atitude mais serena. Exprime o profundo desejo que, tendo em conta a situação económica sobre a qual pesa a queda das exportações de café, é preciso evitar uma crise profunda do regime.

No mesmo documento, o ministro suíço escreve que, para um homem «orgulhoso e ambicioso», o suicídio era aparentemente a única solução. Enaltece a figura do morto, «uma grande figura da história do Brasil», que criou o sentimento nacional e que foi o primeiro a dar uma certa dignidade aos mais carenciados. Por outro lado, acentua o facto que os seus opositores, cheios de remorsos, ficaram calados, enquanto o povo ficou tocado com o dramático fim do chefe de Estado.

Na sua opinião, não há nenhuma dúvida: os autores do atentado são membros da guarda presidencial. Se o natural de São Borja e o seu filho não têm nenhuma responsabilidade direta, deram demasiada liberdade a estes homens, antigos empregados da sua fazenda no Rio Grande do Sul, entre os quais se destaca a figura extremamente corrupta de Gregório Fortunato.

Com a carta-testamento, salienta o Ministro suíço, Vargas conseguiu vencer os seus inimigos aos quais retirou a vitória, influenciando o futuro do Brasil que, no entanto, não é livre de perigo: os membros do P.T.B. podem agitar o mito do mártir Getúlio na iminente campanha eleitoral e os comunistas poderão também aproveitar a situação.

Temos por fim uma carta do Cônsul geral suíço em São Paulo, que certifica que, na sua cidade, a colónia helvética não sofreu prejuízos. Este informa que no dia 24 todas as atividades pararam e acusa «agitadores profissionais» e membros do partido getulista de ter acochado a multidão que cometeu atos de vandalismo. Houve algum tiroteio com uma dezena de feridos, mas a calma foi restabelecida pelas forças estaduais. Dois dias depois, tudo tinha voltado à normalidade. Contrariamente a Porto Alegre, na capital paulista, os danos provocados pela reação popular foram relativamente pouco significativos.

* * *

Neste livro apresentamos numerosos comentários escritos por jornalistas, diplomatas e até um homem de negócios sobre a morte de Getúlio Vargas. Toda esta documentação prova a qualidade do jornalismo suíço e o grande interesse e a empatia manifestados pela imprensa da Confederação sobre a

política interna do Brasil. Esta obra vem mostrar que a imprensa cantonal, regional e até local se interessa pela política internacional: publicam textos onde expõem ideias e opiniões próprias, não se limitando a parafrasear os editoriais dos órgãos de referência nacionais e internacionais.

As opiniões sobre o Presidente falecido dividem-se, indo desde as mais elogiosas até às mais arrasadoras, encontrando-se estas últimas nos jornais conservadores. Os periódicos de referências (*Journal de Genève*, *Gazette de Lausanne*, *Der Bund*, *Neue Zürcher Zeitung*) e não só dão uma opinião equilibrada e quando o criticam nunca o fazem de forma gratuita, nem utilizando termos ofensivos.

A grande diversidade de opiniões deve-se à orientação política dos títulos, mas também ao nível dos conhecimentos que os autores têm do Brasil. Encontram-se, por um lado, análises altamente fundamentadas e bem estruturadas, como comentários demasiados simplistas, revelando desconhecimento das realidades brasileiras e sul-americanas e evidenciando ideias preconcebidas.

Este trabalho, tal como os que já publicamos para estas edições, permite mostrar que o olhar do outro contribui para uma melhor percepção da realidade interna brasileira, visto que as observações produzidas por diversos quadrantes espelhando vários ângulos dessa mesma realidade, possibilitam uma visão mais abrangente, como é o caso desta tragédia.

Por fim, agradecemos às Edições da Biblioteca Rio-Grandenses a publicação deste estudo, esperando que possa — tal como para mim — contribuir para um melhor entendimento sobre a figura de Getúlio Vargas, dado que recorre a documentação inédita, refletindo um olhar estrangeiro sobre o Brasil da década de 1950.

Periódicos consultados

(entre parêntesis, a tiragem em 1955)

Suíça alemã:

Basler Nachrichten, (17.950)
Berner Tagblatt, (33.600)
Berner Tagwacht (15.200)
Bund, Der (32.950)
Landbote, Der (17.900)
National-Zeitung (49.300)
Neue Zürcher Nachrichten (14.100)
Neue Zürcher Zeitung (69.750)
Sankt-Galler Tagblatt (19.600)
Tages-Anzeiger (140.200)
Tat, Die (31.150)
Vaterland (25.000)
Volksrecht (15.450)
Vorwärts (12.000)

Suíça francesa:

Courrier, Le (10.200)
Démocrate, Le (7.100)
Écho Illustré, L' (28.500)
Feuille d'Avis d'Aigle (2.300)
Feuille d'Avis de Neuchâtel (20.600)
Feuille d'Avis de Lausanne (75.100)
Gruyère, La (4.100)
Illustré, L' (102.600)
Impartial, L' (24.250)

Journal de Genève (10.200)
Journal du Jura (7.250)
Journal d'Yverdon (6.200)
Jura, Le (4.150)
Jura vaudois, Le (1.900)
Liberté, La (15.800)
Nouvelle Revue de Lausanne (10.000)
Nouvelliste valaisan (6.100)
Patrie valaisanne, La (1.200)
Pour Tous (71.400)
Radio Je vois tout (45.300)
Sentinelle, La (4.050)
Suisse, La (34.200)
Tribune de Genève, La (52.000)
Tribune de Lausanne (60.200)
Voix Ouvrière (8.000)

Suíça italiana:

Corriere del Ticino (17.000)
Dovere, Il (12.200)
Eco di Locarno, L' (2.500)
Gazzetta Ticinese (1.350)
Giornale del Popolo (15.850)
Illustrazione Ticinese (10.000)
Libera Stampa (5.200)
Popolo e Libertà (7.100)

Índice

Um brevíssimo prefácio (Francisco das Neves Alves).....	9
Introdução	11
Capítulo I	
O suicídio na imprensa romanda	
a) Os jornais de referência	13
b) A análise de Albert Béguin	18
c) A imprensa cantonal	28
d) A imprensa regional	43
Capítulo II	
Os comentários da imprensa da Suíça italiana	53
Capítulo III	
As análises na imprensa da Suíça alemã	61
Capítulo IV	
Os relatórios do ministro Eduard Feer	72
Conclusão	82
Periódicos consultados	95

Démission et suicide du président Vargas

Le gouvernement affolé a démissionné en bloc, pendant que dans les rues la foule plus versatile que jamais s'en prend maintenant à l'opposition dont elle assaille les sièges et les journaux.

Rio de Janeiro, 24. — (AFP). — La radio brésilienne annonce mardi à l'aube que le président Getúlio Vargas a démissionné.

C'est après avoir reçu la visite du ministre de la guerre et des généraux et après les délibérations du Conseil des ministres réuni depuis une heure locale, que M. Getúlio Vargas, après avoir résisté longuement a décidé de renoncer à ses fonctions de président de la République pour 90 jours.

Aux termes de la constitution, c'est le vice-président de la République M. Café Filho qui assumera la présidence.

M. Vargas a regagné ses appartements dans le palais présidentiel, au milieu de la matinée, pour se reposer.



Coup de théâtre

Des morts à Porto Alegre et Belo Horizonte

Rio de Janeiro, 24. — Reuter. — De graves incidents se sont produits mardi à Porto Alegre, capitale de l'Etat où était né le défunt président Vargas. Selon les premières informations parvenues à Rio de Janeiro, les manifestants ont mis le feu à deux rédactions de journaux. Plusieurs personnes ont été tuées lorsque la police ouvrit le feu.

A Belo Horizonte, à quelque 300 km. au nord de Rio de Janeiro le consulat des Etats-Unis a été attaqué par des manifestants, mis vraisemblablement en fureur par la remarque contenue dans le testament politique du président Vargas, selon laquelle des forces «étrangères» auraient empêché son action. Les assaillants déchirèrent des livres et brisèrent le mobilier du consulat avant d'être dispersés par la police militaire. Les magasins sont fermés.

L'opposition en mauvaise posture

Rio de Janeiro, 24. — Des partisans exaltés du président Vargas ont envahi le siège du parti centriste de l'Union démocratique nationale, détruisant le mobilier. Des manifestations assez violentes se déroulent au centre de la ville où des milliers de personnes clament le nom du président Vargas devant le siège du parti travailliste.

Les manifestants ont incendié plusieurs camionnettes du journal «O Globo». D'autres manifestants parcourent la ville arrachant et brûlant sur place des kiosques vendant la «Tribuna da Imprensa», dont le directeur est Carlos Lacerda, contre lequel fut commis le 5 août l'attentat qui provoqua la crise actuelle.

La police patrouille dans les rues, sans toutefois intervenir, la manifestation ne se présentant pas actuellement sous forme généralisée. Les forces de police protègent en outre les bureaux, la rédaction et l'imprimerie de tous les journaux de l'opposition.

Le testament politique de M. Vargas contesté

Rio de Janeiro, 25. — AFP. — L'authenticité de la lettre que le président Vargas a laissée et qui est considérée comme son testament politi-



Coleção
Documentos

97

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.